



A REVOLTA

De cada um segundo as suas forças

A cada um segundo as suas necessidades

QUINZENARIO ORGÃO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DA REGIÃO DO SUL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

PROVISORIA

Rua Sá da Bandeira, 11, 2.^o
COIMBRA—PORTUGAL

PROPRIEDADE DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA

Director e administrador — AUGUSTO QUINTAS

Editor — José d'Azevedo

Composição e impressão — CA A MINUTVA — Coimbra

SAUDAÇÃO

A Revolta ao retomar o seu lugar na batalha tremenda que se fere entre a Liberdade e a opressão, sauda todas as vitimas da tirania politica, religiosa, militar e capitalista, que enchem as prisões por tentarem redimir e libertar os povos!

A todas essas vitimas a nossa expressão de solidariedade protestando ao mesmo tempo contra as violencias das suas prisões.

Que o brado de todos os homens livre seja:

PELA LIBERDADE!

PELA REVOLUÇÃO SOCIAL!

PELA ANARQUIA!

O NOSSO REAPARECIMENTO

EXPLICAÇÕES NECESSARIAS

Após trez mezes de descanso forçado, de novo voltamos á liça do combate em prol dos principios que reputamos de justiça e pelos quaes pelejaremos até ao ultimo lampejo da nossa vida de escravos, vitimas d'uma sociedade mil vezes maldita.

Perante as brutalidades governativas em que um *Dracon de pechisque*, um *Pombal de papelão*, se impõe com a sua onipotente vontade, escudado no medo duns e na subrencia dos outros e ainda na indiferença de quasi todos, a nós só nos restava suspender a publicação do jornal.

Antes porém de emudecer publicámos o suplemento ao n.º 19, em que expunhamos a nossa resolução; e tendo corrido quasi todas as tipografias de Lisboa, todas se recusavam á manufatura do jornal, opondo mil e um obstaculos, o que nos deu a noção da pussilanemidade destes pultrões que se manumunaram com o ditador, tornando-se cúmplices dos seus desatinos e violencias.

Para reagir a este ambiente sufocante de medo dos proprietarios de tipografia, creámos o grupo de defeza da *Revolta*, para, por ações constituirmos uma officina propria.

Os acontecimentos que se desenrolaram a 10 de Junho, impediram-nos de levar por diante o nosso intento, porque, o senhor de tudo isto, aproveitando-se dum acontecimento que ainda hoje está envolto no mais tenebroso misterio, mandou prender todos os conhecidos elementos sindicalistas e

anarquistas, dismantelando ou pretendendo dismantelar as nossas organizações.

A F... A... na R... do S... quiz por mais duma vez fazer sair o seu órgão, porem tornava-se isso impossivel, pois que os camaradas que constituiram o organismo necessario ao seu funcionamento, alguns estavam presos e outros foragidos.

No entanto não desanimamos e a prova é que novos elementos se juntam para a luta provando aos mastins guardas da ordem capitalista, aos tiranetes de opera lufa, que as ideias não morrem esmagadas debaixo da pata de qualquer Liborio feito ministro desta Bandalheira que inferna no culto dos grandes... homens!

A *Revolta* reaparecendo vem ocupar o seu lugar de combatente; e se a nova infamia a fizer emudecer, de novo aparecerá; e isto tantas vezes quantas forem necessarias para combater os crimes da sociedade burgueza, como para arrancar a mascara aos politicos devassos e intrujões que querem impôr a sua vontade e a da clientela famélica pela força que representa a tirania e pela calunia arma baixa e miseravel propria de almas de lama e puz!

Hontem como hoje e como sempre na brecha, declarando bem alto a guerra dos famintos e dos escravos contra a propotencia do Estado, contra a exploração capitalista

grupo Redatorial.

O que nós queremos

AO POVO

Nós lutamos, primeiro que tudo, pelo conseguimento da Igualdade.

Os nossos esforços são dirigidos a estabelecer a verdadeira, a genuina igualdade, nunca aquela mentira escrita nos carcerees das monarchias ou nas triades emblematicas das republicas.

Nós queremos que tudo pertença a todos. Queremos que as maquinas sejam pertence dos obreiros que as fazem produzir; entendemos que ninguém tem o direito de enriquecer á custa das fadigas dos trabalhadores. Queremos que a terra, hoje em poder de viciosos senhores que vivem nas grandes cidades no meio do luxo e em plena orgia, seja entregue ao camponez que a cultiva e a faz frutificar. Queremos, numa palavra, que todos os instrumentos de trabalho sejam possuidos por todos os trabalhadores livremente associados, e que todos os produtos naturaes e artificiaes da riqueza sejam declarados propriedade de todos.

Por esta razão somos comunistas.

A igualdade que nós desejamos não será porém possivel sem que exista a completa Liberdade. Aquele que não possui é escravo do que possui, como aqueles que dominam politicamente até economicamente tendem a tornar-se senhores dos governados. Assim como não é possivel efetuar a Igualdade sem banir os patrões, despojando-os de tudo que injustamente deteem, isto é, do privilegio economico que se chama propriedade, tampouco é possivel reivindicar a Liberdade sem suprimir os governantes, abolindo todo o governo, que é o privilegio politico onde assenta a exploração do homem pelo homem.

Não queremos: Nem senhores, nem escravos.

Desejamos: Todos iguaes na liberdade; todos livres na igualdade.

Sem propriedade privada, o que equivale a dizer sem amos, e, por consequencia, sem a exploração economica, todos os individuos serão economicamente iguaes; e isto é: *comunismo ou propriedade camum de todas as coisas.*

Sem governo, sem a autoridade do homem sobre o homem, sem a violencia moral das leis anti-naturaes, sem policia e sem bucracia, todos os homens serão politicamente livres; isto é: *cada individuo terá a plena e exclusiva soberania sobre si mesmo*, e não encontrará quem o impeça de colaborar no bem coletivo, podendo obrar espontaneamente, segundo o reclamem os seus interesses individuaes, existindo completa harmonia nos interesses de todos.

Esta liberdade é a Anarquia,

Somos portanto anarquistas-comunistas, porque *queremos ser completamente livres e verdadeiramente iguaes.*

Nós, os anarquistas não queremos outra coisa que a *completa liberdade para todos; queremos destruir todos os privilegios e superstições religiosas e politicas, proclamando a ciencia mestrada vida.*

Não somos patriotas, porque a divisão do globo em faixas de terreno denominadas nações ou patrias, só serve para desarmonisar e envolver em lutas fratricidas os trabalhadores nascidos em diferentes regiões.

Onde está a patria para os trabalhadores patrioticamente explorados até ao dia em que ficam inutilizados para o trabalho e lhe dão com a porta da fabrica na cara, ficando sem trabalho e sem alimento para nutrir o seu organismo? Onde está a patria para o camponez vergado pela fome, obrigado a abandonar a terra que o viu nascer para ir ao outro lado do Oceano, pensando encontrar patrões mais humanos que os seus queridos compatriotas?

Não deve haver deveres onde não existem direitos! E que direitos tem o proletariado na sua patria que não seja o da honra de defender a terra cujo solo cultivou ou fez produzir para só os senhores consumirem os produtos?

Entre Vanderbildt, multimilionario e o seu compatriota Lazaro, mendigo, existe tanto de comum e fraternal como entre o camponez que morre de fome no *belo juram* da sua patria e o celestial imperador da China. Mas se nada existe de comum entre estes dois compatriotas, existe muito entre o camponio portuguez e o pobre prolaro da Irlanda, como entre o oprimido trabalhador da monarchica Italia e o assalariado da França republicana; entre estes ha a comunidade nas aspirações, na miseria, na ignorancia, no embrutecimento e na inconsciencia dos proprios direitos.

E os governos e os negreiros capitalistas, para mais seguro dominio, afanam-se em suscitar odios fraticidas entre os povos, pela dita *dignidade da bandeira*, ou por identicas questões de nacionalidade. E o povo ingenuo não compreende o jogo insidioso que com o seu sangue fazem todos os potentados e patrioteiros!

Queremos que os trabalhadores compreendam que os inimigos não estão para lá d'esta ou daquela fronteira, mas sim em todos os paizes, em todas as patrias, e são: governantes e patrões, prepotentes e parasitas que esteadem, dum ou outro lado do mundo a Comorra policiaica-capitalista que explora e oprime a melhor e maior parte do genero humano,

A aliança internacional dos explorados e dos oprimidos de todas as patrias, em aberta rebeldia contra a coligação dos governantes e do capitalismo, derrocará toda a velha ordem social, o vetusto organismo baseado na opressão, no privilegio e na tirania, instaurando em toda a terra uma nova era de amor e bem estar para todos os homens iguaes e livres.

E por estas razões nós, os anarquistas, somos internacionalistas.

Toda esta renovação substancial e profunda da sociedade humana só é porem possível mercê duma violencia insurreição do povo contra a violencia legal dos atuais privilegiados economicos e politicos. E d'aqui parte a necessidade duma revolução social. E tambem por isto nós somos anti-lega-
litarios revolucionarios.

E tú, velho povo trat alhador, ajudanos na nossa humilde e solitaria obra, dando o rugido do leão que afia as garras para entrar na peleja; que ainda no furor da batalha sangrenta ouvirás, como ferindo o espaço, surgido dos peitos dos lutadores, este grito que é um sinal de fraternidade e de amor:

VIVA A HUMANIDADE LIVRE!

A REPRESSÃO AOS ANARQUISTAS

Os mortos, os prisioneiros, os desterrados, vítimas emoladas pela sociedade em holocausto á Anarquia, só teem contribuido para que o sublime Ideal se torne cada vez mais forte e vivificador, e o numero de seus propagandistas aumenta sem cessar.

Propagandistas conscientes dos seus atos, porque teem comprehendido todas as belezas da Ideia, propagandistas acidentaes os que lançam o seu grito d'odio contra as instituições que lhes esmagam os sentimentos intimos ou os instintos de justiça e verdade.

A ideia anarquista pela sua ampliação acolheu e chamou a si todos os que teem o sentimento da dignidade pessoal, a sede de Justiça, Beleza e Verdade.

Pois qual será o Ideal do homem senão vê-se livre de todos os entraves, de toda e coação? Não tem sido esse o fim de todas as revoluções?

Se o homem sofre ainda a autoridade dos seus exploradores, se o espirito humano ainda se debate na prisão das vulgaridades da sociedade capitalista, é porque as ideias predominantes, a rotina, os preconceitos e a ignorancia teem sido até agora, mais fortes que os seus sonhos e desejos d'emancipação, arrastando-o, uepois de ter espulsado os senhores primitivos, a submeter-se a outros, quando julgam ter alcançado a liberdade.

As ideias anarquistas vieram trazer luz aos cerebros, não só dos trabalhadores, mas de todos os pensadores, ensinando-os a analisar bem os seus proprios sentimentos e pondo a nú a verdadeira causa da miseria e os meios de a destruir; mostrando o caminho a seguir e o fim a atingir; e explicando a razão porque abortaram as revoluções passadas.

E' esta estreita relação com o sentimento intimo dos individuos que explica a sua rapida extensão, que faz a sua força e as torna combatíveis. Os juizes governamentais, as meindas oprimidas, a raiva dos

ambiosos fracassados podem encarniçar-se contra elas e contra os seus defensores; mas hoje o caminho está aberto e jamais se poderá impedir de continuar, de se tornar o Ideal dos deserdados, dos sem pão, o motor das suas tentativas d'emancipação.

A sociedade capitalista é tão mesquinha, tão estreita que, em vão, tenta comprimir as largas aspirações, aniquilar as boas vontades, esmagar e assassinar todas as individualidades que não podem cingir-se á sua estreiteza de vistas. Porem, essa opressão embora chegue a sufocar a voz dos anarquistas atuais, ela fará surgir outros não menos implacaveis.

Jean Grava.

ECOS & OPINIÕES

Socialistas

Aproveitando-se da perseguição feita pelo governo aos anarquistas e sindicalistas, os socialistas mercê duma exceção odiosa que lhes devia repugnar, andam ferrenhamente por entre as classes trabalhadoras lançando o seu verbo emancipador de reformismo parlamentar.

Chama se a isto querer fazer partido sobre a sua posta ruínas do anarquismo! Aproveitem enquanto é tempo... a benevolencia governamental.

Um bufo...

Cantam victoria os socialistas de Lisboa, porque um Oliveira, ex-sindicalista, se filiou no seu partido. Que lhe faça bom proveito. Depois dos Santanas... dos Sáras... dos Soberais... só faltaria o Oliveira, membro da privada.

E' para aparelhar com o Pereira, agente amador! Fazem do partido socialista, onde ha muita gente seria, sorvedoura de toda a imundice... Chama-se a isto socializar e tranpa!

Canalha...

A proposito dos 4 contos de reis que o nosso camarada Bartolomeu, anda gastando por terras de Hespanha, ainda o socialista Carmo Barão não úgiu nem mogiu.

Então merito caluniador, quando veem as provas da infamia vomitada apóz talvez dalguma patuscada no Triagem? Canalha!

Os sindicalistas e as eleições

Como se sabe quando foi do movimento de protesto por se desdobrar a faculdade de direito, foi nomeado um comité de feza da cidade de Coimbra, da qual fazem parte sindicalistas como representantes da União dos trabalhadores. Agora esse comité apresenta por Coimbra a candidatura do adesivo José de Alpoim.

Como até hoje não vimos sobre este facto qualquer declaração estamos indecisos se os sinicalistas tambem aceitam essa candidatura.

Bom será que alguém faça luz sobre um ponto que reputamos de grave para os principios.

Do Intransigente:

E continua...
«O ar que se respira atualmente em Lisboa já se encontrava envenenado pelo cheiro nauseabundo dessa nova especie zoologica de configuração humana que recebeu a designação genérica de — bufos. Mas entendeu-se — e muito bem, vá de o dizer com a pré-sa do gato que passa pelas brazas — que essa mesma atmosfera estava pouco viciada; e então inaugurou-se a série das perseguições ancien regime, a caça, a batida dirêta, pessoal a adversarios incomodados ou menos reverentes. Por vezes mais cumpridores, mesmo, dos seus deveres, mais ciosos da honra das suas funções burocraticas. Pois venha mais, que a efra ainda dista um bocadinho.»

Veja o senhor M. chado dos Santos, se mereceu apenas ser o heroi da Rotunda!

Os Rodrigues... biologicos

Definição do Rebate:
«Biologia» — de bios, vida e logos, tratado — quer dizer ciencia da vida; e biologista, aquele que trata da vida.

Assim, o ministro do Interior, sr. dr. Rodrigo Rodrigues e respeitaveis mãos, o seu secretario Fulano Rodrigues e o governador sr. dr. Daniel Rodrigues, vivendo todos tres em republica na Penitenciaria, constituem uma distinctissima familia biologica, por sabarem — como poucos — tratar da vida.

Que admiração! Pois se isto é deles! Então para que aderiram á republica?

Para se anicharem e encherem a bariga.

E tem o dr. Seringa a petulancia de dizer que o nosso camarada Bartolomeu é sapateiro sem officio!

Tartufos...

O pão barato!

Os nossos leitores lembram-se do barulho que se fez por e usa do pão?

Lembram se das reclamações do governo de atender a essas declarações populares?

Pois o pão agora em Lisboa, depois do decreto burla é mais inferior e o povo grama o sem protesto...

Ora vá lá ser prior duma freguezia destas.

Bolas para tal povo!...

O medo...

O Intransigente de quinta feira 21 p. p. depois de se referir á prisão do camarada que é empregado no semanario *Terra Livre*, ia havido pelo francez, concluiu com esta tirada:

«Então já sabemos o motivo porque as officinas do *Mundo* teem estado de tapais corridos.

Em cheirando a esturro... cantela e caldos de galinha, que nunca fizeram mal a doentes.»

Pois é para admirar que o *Imundo* tenha médo com o Vale e o Borges a guardar-lhe a porta!

Invalido

Do Corticeiro:

«Com franqueza o dizemos. Andam positivamente a mangar com a tropa.

Quem conhece João Carlos Chaby, como nós o conhecemos, não passará sem soltar uma enorme gargalhada, a proposito da sua prisão.

Esta só não lembrava aos policias amadores. Um homem aleijado das pernas e das mãos tido como perigoso! Mas que ridiculo e infame é esta merda. Que grande fantechata. O Chaby perigoso! ah! ah! ha! ha! Ora os patuscos. Que reles são os tiranetes dagora.»

Depois do Chaby, do homem do canivete e do marujo, falta só um cego que já vem do Japão a caminho para atentar contra a vida do grande... Liborio! Ridiculo e nojento...

AS MULHERES

A União das mulheres anarquistas, perante a tirania governativa, em conservar presos camaradas, sem culpa formada o que representa um atentado contra a liberdade individual, trabalha para que as mulheres que sentem germinar-lhes nos cerebros principios de justiça, se ergam a protestar contra essa tirania!

Cada preso tem uma esposa, uma mãe, uma filha, pois juntemo-nos todas unidas pelo mesmo elos de solidariedade; pois que a todas marcou o ferrete ignominoso da tirania democratica, e vamos ser-nas mas altivas cumprir um dever; protestar em nome das nossas lagrimas e das nossas dores, contra os que calcando a pés a constituição do paiz, mantêm nas prisões os nossos camaradas, pais e filhos, vítimas do odio do mais eze-crando dos homens politicos deste paiz.

Mulheres! Vós que sabeis subir ao calvario do sacrificio e da abnegação, cujo coração é feito de miriades de esperanças, acordai e vinde como as antigas heroínas, arrancando dos er-

gastulos da inquisição vermelha, os paladinos, cujo crime é sonharem com a sociedade feliz onde ha-de haver Pão, Terra e Liberdade para todos.

Se os homens, emudecerem, vamos nós mulheres, perante os mandantes deste infeliz paiz, entregar o nosso protesto contra tanta infamia e tirania!

Mulheres, acordai! E que o nosso clamór, chegue até junto do trono ensanguentado dos nossos verdugos!

Porque sou anarquista

Sou anarquista, porque, desejando, uma nova organização social, sinto na alma um odio imenso a esta sociedade minada pela podridão e corrompida pela mais vil e imunda lama. Todo o homem em cujo peito pulsa um coração d'onde emanam torrentes de amor e generosidade, ha-de, forçosamente, sentir-se repugnado quando olhar para o nojento monturo da sociedade vigente. E, qual não será a Revolta que surge na alma daquele que vê, pensa e espera?!

Vê que assim a vida é amarga e torturante, pensa que ela deve ser mais dulcificante e bela, e espera pela doçura e pela belesa.

Por isso eu sinto a cada instante a Revolta levantar-se no meu espirito como a lava chamejante que brota do vulcão.

Sim... eu revolto-me e sinto que sou anarquista. Penso no Estado... Ele é para mim tão odioso como o cinico, o canalha parasita que vive á custa da miseria de milhões e milhões de trabalhadores.

Sou inimigo do Estado, da Lei, do Dogma, do preconceito, emfim, da tirania e da mentira.

O Estado representa a exploração e o roubo porque, privando a maior parte da Humanidade, das regalias da vida, é a causa da outra parte, a — burguezia, — viver á custa daquilo que produzem os deserdados, os miseraveis...

Como é triste, como é revoltante, pensar em tanta iniquidade que existe pelo mundo além!

Sou anarquista porque sinto a toda a hora, que os gritos dos famintos, acordos cheios de emoção e sentimento nas córdas vibrantes da minha alma dolorida... E eu então canto, numa emoção de Dór e sofrimento o poema da vida livre e fecunda — A ANARQUIA!

Sou anarquista porque sou inimigo da farda que simbolisa o crime, a tortura e a morte.

Sou anarquista, porque odeio a divisão da Terra em Patrias, pelas fronteiras, o que converte os homens em verdadeiras feras, causando a desarmonia deste grande mecanismo que forma a Humanidade.

Sou anarquista, emfim, porque anhélo que o mal e a tirania sejam banidas da Terra como a nuvem sacudida pelo sopro forte da rajada tempestuosa.

José Figueiredo.

O Destino inventou homens que teem ás ordens milhares de Knuts e a quem os gélos e as masmorras obedecem cegamente, mas inventou tambem o punhal de Caserio e a bomba de Ravachol.

(De «A Luta»)

(Diario republicano de 13 de Agosto de 1909.)

Quanto mais civilizados forem os povos tanto mais depressa se fará a Revolução Social.

O que dirá a historia

Talqualmente como o ultimo periodo do imperio de Nero ficou celebrizado pela perseguição feroz movida contra os primeiros cristãos, assim o atual governo desta infornada nação ficará marcado na historia, como tendo sido o periodo das maiores e mais acintosas perseguições movidas aos preconizadores dos modernos ideais.

Quem, volvidos anos, percorrer as paginas da Historia, verá nelas referenciados os inqualificaveis atropelos á liberdade, ao direito das gentes, nesta época perpretados contra o proletariado português.

Ha-de constatar que a esta data os magnates e seus mui dignos serventurios mandavam encerrar nas cadeias do pais todos aqueles que intentassem organizar a massa proletariana, todos os que aneiam reivindicar para si e para seus irmãos de sofrimento os direitos postergados pelas castas das tiranias.

Ha-de verificar que nestes calamitosos tempos a liberdade de imprensa se restringia a escrever que a Republica, apesar de tudo, era, na efetividade, o Kanaan, o Eldorado, a Terra da Promissão apontado por tribunecos comiceiros á multidão ingenua que os ouvia.

Ha-de constatar que quem isto não dissesse era, inexoravelmente, amarrado ao pelourinho da ignominia.

Ha-de ler que por esta ocasião a liberdade de falar se resumia ao direito de ovacionar El-Czar Afonso; que quem tentasse expôr em publico as suas ideias sobre a obra desgovernativa tinha como certo um logar nas fúnebres bastilhas da democracia.

Ha-de concluir que nesta óra a liberdade de reunião se limitava aos grupos de carbonarios que, de pistola e *casse-léte* em punho, perseguiam, agrediam, dilatavam e prendiam os que tinham a coragem de verberar as infamias dos imperantes, ou sequer disso fossem suspeitos.

E então, quem ler a Historia, tremendo de horror por tanto crime e atropelo á liberdade, extatico, pensará:

— Para que serviram tam ferozes perseguições, tamanha opressão, tam grandes violências?!

Assim pensamos nós.

PINTO QUARTIN

Consumou-se a infamia!

O governo expulsou de Portugal o nosso querido camarada Pinto Quartin, diretor do semanario Terra Livre.

A pena trême-nos porque a indignação tocou a méta.

Não vale a pena protestar; registemos a violencia para maior gloria da democratica republica luzitana!

Que Pinto Quartin, leve no amágo da sua alma de revoltado a nossa estima e a nossa solidariedade e que continue lá na região para que foi arremessado pelo gesto cabralino do governo, a propagar como propagou entre nós os dulcissimos principios da emancipação humana, tendo sempre a fé a acalentar-lhe o espirito de que um dia a justiça raiará sobre a terra aniquilando a tirania e os preconceitos das classes dominantes!

Até lá lutemos e soframmos como os antigos mártires que morriam sonhando por entre alvoradas de esperanças a realização dos seus Ideaes!

Que fique aos tiranos a objeção da sua obra de interlacia politica caracterizada na maior das inguidades.

Os carcereiros estão cheios. Só no Limoeiro expiam o crime de pensar livremente cerca de cento e cinquenta trabalhadores, entre os quais ha bastantes nossos irmãos de ideias. Pelo Alemejo fóra as multiplas e sucessivas *rusgas de sindicalistas*, arrojaram ás cadeias muitos desses bondosos camponeses que só aneiam unificar os que trabalham e só pensam reivindicar seus postergados direitos.

Os nossos jornais tem estado impedidos de se publicar, sujeitos a todas as contingencias, nesta impenetravel e asfixiante atmosfera que pesa sobre o povo que trabalha, sobre os homens que pensam.

Conservam-se arbitrariamente encerrados muitos sindicatos operarios. Em Coruche, o desplante das autoridades chegou ao cometimento de ineditas e inominadas façanhas que tem por estalão aquele edital anunciando a venda em hasta publica dos bens da Cooperativa dos Trabalhadores Rurais.

Emfim, resumindo, não ha liberdade de falar, escrever, reunir.

Mas que ganharão com todas estas perseguições os que imperam sobre o povo?

Os seus carcereiros, as suas leis os seus patibulos, jamais conseguirão deter a grande obra de regeneração social; jamais conseguirão fazer calar as nossas vozes, nem deter o nosso braço, nem atrofiar a nossa mente. Se os perseguidores tem por seu lado a razão da força, nós temos por nossa parte a força da razão que um dia vencerá aquela.

Cada um dos soldados que ladeiam a bandeira da Razão valem mil dos que portam o estandarte da força. É a Ideia, a Razão que nos faz superiores.

Eis o motivo porque nós, a despeito de todas as perseguições, apesar de todos os despotismos, continuaremos sendo o que sempre fomos: ardorosos combatentes da Verdade e da Justiça.

Com as violências chegarão talvez a dissolver toda a organização operaria, a suprimir os nossos periodicos, a tornar impossiveis as nossas reuniões, comícios ou conferencias. Mas quando nos julgardes completamente destruidos, havemos de resurgir, potentes, qual fenix renascendo das proprias cinzas.

A PROPRIEDADE

As abelhas tinham feito uma colmeia num oco-de-pau e nela tinham juntado muito mel.

Eis que vem um urso e arramba a colmeia. As picadas dos bichos furiosos não o impediram, pois o pelo o protegia, e só se foi depois de ter lambudo todo o mel.

Algumas abelhas seguiram-no, chamando-lhe ladrão!...

— « Ladrão » diz o urso, « não deves chamar-me! Tratar-me de ladrão é erro. Eu sou o proprietario deste mel e sem esse oco-de-pau e o suco doce das flores que aqui nascem não teries podido juntar nenhum mel. Tudo isso eu vos dei, e o que tirei de direito me pertencia ».

— « Oh, » exclamaram as abelhas « como pretendes desfurçar roubo tão ordinario com palavras tão bonitas? »

— « Eu aprendi isso com os homens » resmungou o urso.

Toda a intervenção eleitoral da classe trabalhadora, redonda fatalmente em proveito da burguezia.

Jules Guedes.

Infamia Democratica

Quando termina a fita? Ainda não é tempo de restituir á liberdade as vitimas do feroz Afonsismo? Já Basta!!

Atravez os tempos a liberdade tem sido sempre a preocupação de todos os homens de sentimentos humanos e que aspiram o ser livres, como a repressão tem sido apanagio de todos os politicos e governantes.

Antes de galgarem ao estadio do mando fazem-se apostolos, propagandistas ferrenhos e intusiastas dos principios liberaes, para depois governo, atraíam os principios fementidamente apregoados.

Está neste caso, para não fugir a regra, o sr. Afonso Costa e os seus aulicos que sendo na opposição a esperança, dos ingenuos que crêem ainda na boa fé dos politicos, na pratica dos seus atos governativos demonstrou que é tão tirano como todos os que se lhe antecederam.

O chefe democratico é da estofa de João Franco; autoritario impõe onipotente a sua vontade.

Julgou-se intangivel e para isso rodiou-se de todos os ambiciosos que aspiraram uma republica, não como uma aspiração de progresso mas sim para se governarem assaltando e fazendo do estado gamela onde vão encher os estomagos famintos. Escudado com toda essa *matula* de monarchicos feitos republicanos, carbonarios arvorados em *bufos*, defensores da republica, transformados em delatores, ei-lo a mandar como em paiz conquistado, declarando guerra de morte ás organizações operarias e anarquistas o unico estorvo que se lhe antepõe á sua doentia aspiração, qual bonaparte — *que queria ser rei da França e imperador dos francezes*...

A conferencia da Imprensa Nacional, a circular contra o sindicalismo provam a premeditada repressão que se tem feito contra os elementos avançados.

Faltava para os pôr em pratica a *lei da razão de estado*; para isso aproveitou-se o movimento de 27 de Abril, que toda a gente sabe ter sido uma tentativa de sedição golpe de Estado, com que nada tinham os sindicalistas. Mas o sr. Afonso Camacho Liborio da Costa, de á muito acalentava a esperança de dissolver a casa sindical, aproveitou-se desse malogrado movimento para satisfazer a sua vontade.

Dado o primeiro golpe, o ditador não parou na sua obra. Não se sabe como, apparecem os boatos de que os ruraes queriam empregar a *sabotage* encendiando as ceáras e mil uma patranha, tudo para justificar as prisões que se faziam a esmo, calcando os campos pelas patas da cavalaria, monteando os miseros trabalhadores, encerrando-lhes as suas associações ao mesmo tempo que lhes roubaram os livros e o dinheiro, produto das quotas que com sacrificio pagam.

O mal estar cresce a ponto de se manifestar publicamente no célebre comicio da *Rotunda*, que de manifestação ao governo, se transformou na maior e mais frisante desaturação feita ao politico que mais tem atraído o seu passado de liberal.

Os liborios em vez de aprenderem nesta tremenda lição, aproveitam-se da tribuna para fomentar, para vomitarem a ameaça de que os anarquistas iriam em breve substituir os vadios!!...

E assim succedeu.

Na furia de espesinhar as classes trabalhadoras, lança os operarios constructores civis do Estado, a quatro dias de trabalho, enquanto, oh! supremo escarneo, se gastavam centenas de contos de reis nas chamadas festas da cidade.

Os operarios reúnem-se pedem pão e o governo manda-lhe dar sabrada...

O mal estar cresce, a raiva concentra-se nos peitos descarnados dos esfomeados a quem a democracia lançou á vagabundagem da rua!

As festas da cidade aproximavam-se, fala-se em manifestações, em bandeiras pretas, em bombas, espalha-se o terror e a policia chama á responsabilidade desses boatos os militantes do movimento operario. Estes declinam a responsabilidade que a policia lhe impõe. Chega o dia 10 de Junho; aparece o pendão negro com o distico: — *Pão ou Trabalho!*

Intervem a policia, prende, bate, dá vulto á infusão e no meio de todo este

labirinto, uma bomba atira os ares e uns quantos caem vitimas da explosão. Ato continuo surgem gritos de: foram os sindicalistas! Morte aos anarquistas! Placards feitos á pena apparecem a indicar á multidão os sindicalistas como autores do estúpido como brutal atentado.

A boia é incendiada nas *barbas* da policia que prende os que se abalauçavam a protestar contra tal vandalismo.

A redação do *Dia* jornal monarchico é assaltado juntamente com a *Casa Sindical!*

Mais uma vez se punha a descoberto a obra do governo. Senão vejamos: Onde estava o autor do atentado para se lhe conhecer a sua identidade e qual os seus principios?

Ainda hoje se ignora qual a mão misteriosa que arremessou a bomba; no entanto pedia-se a cabeça dos sindicalistas e anarquistas como sendo estes os autores do atentado. Vê-se aqui o dedo do gigante... Se a policia sabia da existencia de *complots* de bandeiras negras e bombas, porque não evitou esses factos lamentavéis prendendo os indicados autores? Porque ao governo convinha a bomba para espalhar o terror, especulando com *mortandade das criancinhas*, para completar a sua obra, prendendo no dia seguinte todos os conhecidos como propagandistas do sindicalismo e do anarquismo. Começaram então as perseguições, as devassas, os jornais prohibidos de circular, as associações fechadas; todos os pudengos se lançaram de bocas hiantes, de dentes, afilados, ladrando as mais baixas e infamantes calunias! O governo republicano. O grande liberto anunciava da sua cathedra parlamentar que estava morto o sindicalismo, cujos restos tinham ficado na Nua nova do Carmo!

As provas porém não apparecem para que nas cadeias continuassem presos os supostos instigadores. Era preciso mais.

Em 20 de Julho repete-se a fita com assaltos aos quartéis, explosão de bombas, etc. E como nesse movimento apparece-se um ou outro sindicalista e anarquista irrequieto cedendo ao seu temperamento de revoltado contra as prepotencias governativas, eis que o grande estadista, vê com o seu olhar de linçe, envolvidos nesse movimento as organizações sindicalistas. Para completar a obra magistral do governo, arranjou-se *complots* monarchicos e radicacs com fabricas de bombas e depositos de armamentos musturando tudo isto num *gusado* policial que honra o mais habil mestre da arte culinaria!

O governo tecer a trama para aniquilar as ideias avançadas, a ponto dos *mundos* órgãos do governo com o *Seculo* á frente querer justificar as suas violências, de se conservarem contra o espirito de constituição politica do paiz, presos homens sem culpa formada mais de 48 horas!

E' preciso que termine a farça ignominiosa que o governo está representando!

Basta já de infamias, de declarações e vinganças improprias dum regimen que se pavoneia de Democratico!

Ha criminosos? Que respondam e nos tribunaes com brevidade para que se lhe apurem as responsabilidades. — Se não ha provas juridicas para que conserva-los presos?

Porque se não põem em liberdade?

Para que se enviam esses homens aos tribunaes de excepção?

Para que expulsam do paiz homens de carater e coração, sem outro crime do que pelearam com todo o entusiasmo das suas almas de sonhadores, por uma sociedade mais feliz?

Escrocs da politica, escoria das alforjas policiaes, basta de infamias!

Se julgaes matar a ideia que caminha para um futuro de paz e amor, enganavos: porque cada um que cai vincte se levantam a protestar contra a iniquidade contra a tirania quer seja em nome dum rei ou duma republica!

Poltões!... pulhastros! Que não querem ler as lições da historia!

Basta de Infamias!

HONTEM E HOJE

Ha na historia dos povos épocas que se assemelham.

O que se está passando em Portugal, na regencia de Afonso VII, é a repetição ezata se não aumentada do que se passou na regencia de João Franco I.

Quando compulsamos a historia da chamada *patria lusitana*, e lêmos nas suas paginas todo um passado de sangue, lama e tirania, atribuímos esses atropellos, crimes e violências a origem de regimens privilegiados — as monarchias.

Hoje porém, que vivemos em plena democracia, presenciámos factos identicos aos que a historia dos tempos idos nos descreve.

Prova-se que apesar dos inumeros sacrificios populares derramando o seu generoso sangue em defeza do progresso e da liberdade, os tempos são os mesmos, pois subsiste o mesmo crime dos regimens monarchicos sob a forma republicana.

O povo que produz a riqueza para os fartos e felizes, continua adstrito, à terra curtindo fome e miserias.

Ao feudalismo antigo sobreveio o feudalismo moderno. Hoje não é explorado pelo nobre, senhor de *barraço e cutelo*, mas sim pelo burguez, escudado no sabre policial. Não é azorragado, fuzilam-no em plena praça publica. O operariado d'hoje é com pequenas variantes o escravo antigo.

Deram-lhe pela constituição politica de 1789, o direito de cidadão; pela constituição economica, mantêm-lhe a servidão pela existencia do salariato.

Os trabalhadores, factores de toda a riqueza social, fomentam o progresso e desenvolvem os inventos scientificos pelo seu trabalho, não têm de todo esse titanico labor, mais de que a miseria no seu pobre tugurio, onde em dias sem sol e noites sem lume, sofrem toda uma vida de sofrimentos; uma epopeia de lagrimas e dôr!

Na antiguidade apesar de não terem creado um meio social seu, porque não tinham educação, já em seus rudes cerebros germinavam fremitos de revolta que irrompiam como catadupas perante a tirania dos senhores, levando-os á *Insurreição armada*, depois sufocada em sangue pelos poderosos possuidores da terra que não reconheciam aos seus escravos o direito á vida, ao goso e á liberdade.

Hoje succede o mesmo... As classes operarias crearam já pelo influxo da educação moderna, uma vida propria, um ambiente social proprio, que doutrinarmente se desenha num futuro proximo como o complemento da sorridente aspiração de sonhadores *utopistas* de tempos idos que anunciavam a *Resurreição do Homem livre*, que a lei e a servidão ignominosa havia tornado a besta do passado!

E quando o povo desperta da letargia em que viveu, eis que os seguidores de Caligula, Nero, Thiers, Maura e João Franco, se erguem com o seu gesto tigrino de feróz ditador a proclamar do alto do seu olimpico trono:

A Constituição sou eu!

Debaixo deste regimen de chumbo, — negação da democracia, — fecham-se associações, prendem-se operarios por agitadores, fuzila-se em massa, faz-se montaria aos rujaes como se fossem lobos, porque

os escravos modernos se erguem a proclamar o seu direito á vida!

A imprensa, farol luminoso, criada para encaminhar os expoliados á conquista de melhores dias, é amordaçada e apreendida por mãos brutaes de esbirros do novo santo officio!

Não existe autonomia social nem garantia individual, associações e seres humanos estão sujeitos a desaparecer ao mais debil gesto do ditador, que nos aureos tempos dos comicios prégavam liberdade ao povo, para a esmagar agora como o mais vil dos *Dracons* do ocidente.

O povo que trabalha, paga e sofre que se reveja na sua obra. Que medite se lhe valeu jogar a vida numa bromosa manhã de Outubro derrubando a tirania de corôa para a substituir pela de barrete frigio.

Não! porque a tirania ezistira enquanto o homem fôr o mandatario do homem; enquanto a propriedade privada e o salariato fôrem a base da sociedade individualista que agora péza com todos os seus codigos sobre as massas produtoras.

Chamam-lhe republica ou monarchia: — hoje como hontem subsistirá a miseria, a exploração, o roubo e a tirania!

A verdadeira liberdade que integra o homem em si proprio, só virá quando fazendo *taboa-ráza* da iniquidade social presente, os povos educados nas mesmas afinidades e temperamentos se unam constituindo uma só familia, emplantando sobre a terra — o Comunismo-anarquista!

Espanha, Agosto de 1913.

Barlolomen Constantino.

Nas Bastilhas democraticas

E' tenebroso, é horripilante o que se lê nos jornaes não vendidos ao governo, sobre as torturas porque passou os prisioneiros do Castelo maldito de Angra do Heroísmo.

A Espanha, tem o seu Montjuit em Barcelona; Portugal, tem-no nas Ilhas. O poderoso senhor de todos nós, encerram além mar as suas victimas para lhe não ouvir os seus lacinantes gritos de dor e desespero.

Nada conseguiu com isso porque nem toda a imprensa se transformou em bancal, onde se defendem as violencias do governo capitaniado pelo Judas.

Que no estrangeiro se levantem os homens de coração a protestar contra a nefanda Inquisição estabelecida em Angra e de que é inquisidor-mór Harbués Afonso da Costa.

Protestamos contra as torturas de que têm sido victimas e continuarão a se-los, os presos no Castelo de Angra, por delitos politicos.

Que clamor das victimas e o protesto dos homens livres cheguem até junto do muito poderoso Afonso VII!!

Movimento social

União Geral dos Trabalhadores

A comissão Administrativa desta união na sua ultima sessão resolveu os seguintes assuntos:

Enviar a quantia de seis escudos aos presos por questões sociais, produto de uma subscrição aberta por a mesma união, para esse fim;

Auxiliar a publicação do futuro quinzenario a «Batalha Sindicalista» e recomendar-lo aos sindicatos profissionais nela unificados;

Que seja constituído um grupo dramático para dar uma serie de espetaculos no teatro que tem na sua sede, revertendo o seu produto em favor do cofre da mesma união.

Construção Civil

A Federação d'esta classe, que acerca de cinco meses conseguiu ver atendida uma sua reclamação sobre o horario de trabalho; vai convidar todos os operarios das quatro classes da construção civil a uma grande reunião magna para resolver sobre a attitude de alguns mestres, que pretendem modificar o dito horario, o representa uma *infamia* só digna de creaturas que ridiculamente não possuem noção de carater.

Fabricantes de Calçado

Esta classe vai reclamar perante o patronato, aumento do preço da obra, por intermedio da respectiva associação de classe.

Fazemos votos para que o consigam de mais que é uma das classes, que mais mal paga é, e bastante numeroza.

Congresso Anarquista

Fala-se entre nós na realização do 2.º congresso anarquista. Nunca como agora, se fez sentir a necessidade da sua realização.

Desse congresso deve sair mais solidificada a nossa organização, aprovada no primeiro congresso.

Mostremos ao governo e aos seus agentes, de que as perseguições só servem para dar novas forças ao movimento libertador das classes exploradas.

Parár é morrer. Que a Federação do Norte que lançou a ideia do congresso, não afrouxe para que a reunião magna dos anarquistas na região portugueza seja um facto em breve.

MOVIMENTO ANARQUISTA

Federação Anarquista na Região do Sul

Na penultima reunião federal, foi resolvido aceitar o alvitre dos camaradas de Coimbra para *A Revolta* se fundir com o jornal *A Anarquia*, órgão do grupo Juventude Anarquista, passando *A Revolta* a publicar-se temporariamente em Coimbra, motivado pelas perseguições governamentais.

Mais foi resolvido nomear o camarada Bernardino dos Santos, secretario geral, por estar ausente o camarada secretario e não poder estar parado o expediente. Ficou tambem assente que *A Revolta* tenha dois corpos de redação um em Coimbra e outro em Lisboa.

Aos grupos federados lembra-se o pagamento das quotas federaes, posto que sem dinheiro se não pode fazer propaganda.

Os anarquistas de Coimbra projectam a publicação dum manifesto anti eleitoral.

Pró-presos por questões sociaes

Desenha-se já, embora que tardiamente, o movimento de protesto contra a prisão dos nossos camaradas que encham as prisões da republica. Em Lisboa e Porto deviam-se ter realisado varias sessões. Em Coimbra trabalha-se para secundar esse movimento o que já não é sem tempo.

Urge que as organizações anarquistas e sindicalistas quebrem o mutismo em que tem estado e se manifestem aderindo ao comité do norte, ou constituindo novos comités para levar por diante o protesto.

Apelo aos amigos do Ideal

Não vamos solicitar esmola porque seria emproprio de anarquistas, para sustentar a publicação d'*A Revolta*.

Quando muito solicitaríamos a solidariedade dos camaradas, mas agora trata-se apenas de apelar para os correspondentes e assinantes para que paguem os jornaes em divida, visto que não ha outra receita senão o provimento da sua venda.

Que nos desculpem, mas assim é necessario desde que ha quem leia e não pague, prejudicando e desenvolvimento da propaganda.

A administração.

Pró-presos por questões sociaes O que devemos fazer

De ha tempos que a esta data, isto é, após a subida do grande estadista ao trono portuguez, a classe operaria tem sofrido uma interminavel serie de vexames de tal maneira vomitados que, se não fosse conhecido já o fim que visam estas torpes insidias, talvez hoje as organizações obreiras não fossem mais que a palida sombra do que tem sido, ou antes, um cadaver em estado de putrefacção.

Mas, mercê da propria propaganda contra o movimento associativo, adotada não só pela imprensa burguesa, como pelos individuos que formam o governo actual e seus sequazes, a quantidade de adeptos tem tanto mais engrossado, quanto maior é a raiva com que os governantes tratam o sindicalismo e seus propagandistas.

E, realmente assim é, pois, quantos e quantos individuos não saíram já da neutralidade em que tem vivido, para desejosos por compreender a razão das prisões que se tem realisado nos ultimos tempos, andarem em busca de quem lhes indique as causas que levam o governo a roubar á liberdade, entes que desinteressadamente se prestam a cultivar os cerebros obscuros, metendo-os numa lúgubre prisão, como succede com Carlos Kates, Antonio Henriques e tantos outros camaradas?

A prova o poder-se hia dar bastantes exemplos, se assim fosse preciso, mas escusado será, pois que os proprios revolucionarios de hontem, de sobejo o devem saber.

Assim, apesar da Casa Sindical de Lisboa ser arbitrariamente dissolvida, as associações de classe vigoram como até aqui; apesar das associações dos rurales serem fechadas ás ordens dos tartufos e os seus membros encarcerados nas diversas cadeias do paiz, elas tem funcionado regularmente; apesar emm da grande quantidade de revolucionarios presos, a avalanche tem aumentado consideravelmente e com esta a força, a vontade e a energia que a leva a recorrer aos atos revolucionarios, unica maneira de fazer sentir o protesto contra as infamias unumamente praticadas contra os nossos camaradas.

Nas associações tem aumentado o numero de associados que ali vão beber a seiva da instrução necessaria, para resistir ás opressões do patronato e do Estado.

Os grupos revolucionarios multiplicam-se dia a dia. E tudo isto porquê?

Unicamente pelas perseguições de que tem sido victimas os propagandistas operarios, que se encontram em grande parte presos, isto é, impossibilitados de defender as ideias que todos nós, anarquistas preconisamos.

Pois bem, se as associações estão engrossadas, multiplicados os grupos libertarios, iniciemos uma luta, mas uma luta tenaz e aliava, contra o procedimento ridiculo dos tranetes. Mostremos-lhes, que sabemos ter força para fazer frente ás suas violencias despoticas, mas sem hesitações, sem receio de vinganças, pois que não podemos por mais tempo, consentir as arbitrariedades que se estão praticando, prendendo a esmo para conservar nas putridas masmorras condenando os á morte lenta, os nossos camaradas que, traçoeiramente são roubados aos entes queridos.

E' preciso que um grandioso protesto se levante por todo o paiz, para fazer vencer as nossas pretensões.

Em Coimbra, Porto, Setúbal e tantas outras localidades, ainda os trabalhadores não fiseram sentir o seu clamor de revolta, contra o que em Lisboa se tem passado.

E' duma extrema necessidade convocar comicios, explicando o seu fim e qual o caminho a seguir, para libertar os que injustamente estão prisioneiros, ás ordens dum ministro.

Façamos a greve geral, com o assento e ponderação devidos, emfim caminhemos para a luta, que ela é necessaria pois que só pela revolta poderemos nesta occasião ganhar a partida, que é: a libertação dos presos por questões sociaes.

Luiz da Silva

Trabalhadores!

Organisai vos nos vossos sindicatos e grupos revolucionarios, constituindo as federações regionaes para serdes forte na luta contra a sociedade capitalista.



A REVOLUTA

QUINZENARIO ORGÃO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DA REGIÃO DO SUL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
PROVISORIA

Rua Sá da Bandeira, 11, 2.º
COIMBRA — PORTUGAL

PROPRIEDADE DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA

Diretor e administrador — AUGUSTO QUINTAS

Editor — José d'Azevedo

Composição e Impressão — CASA MINERVA — Coimbra

A' tort et á travers

Após um editorial d'A Capital com o competente e imprescindível comentário do Mundo, surge o artigo do Seculo de 30 de agosto que motiva o presente.

Ainda hoje não adquirimos a certeza da sua autoria. No entanto — para que negal-o? — logo após a sua leitura, dos nossos lábios um nome surgiu e foi como que postar-se sob aquelas linhas cuja epigrafe Os sindicalistas mudaram a sua tática, tanto nos despertara a curiosidade. Parecia-nos que esse nome, o mesmo que se viu ali desconhecido no nosso meio, se assignou com a publicação dos artigos sobre sindicalismo e anarquismo, que, diga-se de passagem, marcaram a nós e a quantos de anarquismo algumas noções tinham e mais sobre o mesmo, parecia-nos que esse nome assentara ali bem. Pela sintaxe, tebeologia, e sobretudo por aquela alta significação filosofica, revelava-se o dedo do gigante.

E assim, apressámo-nos para aqui consultar o nosso já conhecido autor da finalidade social do sindicalismo.

Não analisamos hoje a resolvida (?) mudança de tática, sindicalista, porque, falando verdade, a não percebemos. Julgámos sempre que o sindicalismo quando não aceita a interferencia do Estado na resolução das pendencias entre o Capital e o Trabalho, era chamado revolucionario. Julgámos sempre que as associações que aceitam a cooperação no maquinismo Estado, esperando da ação dos seus deputados a resolução da chamada questão social, se denominavam sindicatos reformistas, e que, desta maneira, consoante a opção de qualquer dos dois processos, o sindicalismo seria revolucionario ou reformista.

Existindo pois estas duas modalidades do sindicalismo, mudar a tática do chamado revolucionario nada mais será que aceitar o reformista.

Mas esta mudança consiste apenas, como se diz, na opção de meios menos violentos?

Não pode ser! Pois a violencia não tem sido exercida pelos governantes de maneira a provocar a reação por parte dos operarios oprimidos, vilipendiados e miseravelmente desrespeitados nos seus direitos?! Acaso os sindicatos procederam algum dia mais violentemente que essa violencia (?) não fosse provocada pela tirania e desenfreado arbitrio dos governantes? O abismo invoca o abismo; assim as violencias dos opressores invocam a justa vindita dos oprimidos. Ha que ser menos violento, decerto. Mas se alguém tem que se moderar, esse alguém são os governantes.

Mas... vamos dizendo, não anali-

samos hoje a resolvida (?) mudança de tática sindicalista, porque, falando verdade, a não percebemos...

E como não percebemos o que isso seja vamos analisar diversas passagens desse artigo de um dos mais autorizados representantes do sindicalismo.

Diz ele que ha a necessidade de moderar a tática sindicalista, procedendo-se a uma clarificação de idéias perturbadas pela infiltração demagógica.

Temos pois, — seja-nos desculpada a parafraze pelas razões do nosso intento — que nessa para nós incompreensível mudança de tática ha a necessidade de purificar a idéa sindicalista ora perturbada pela ação tomada a dentro dela p'los demagogos.

Perguntámos: quem são esses demagogos que é necessario expungir? E lá divisámos nas ultimas orações do periodo, a resposta que segue: «Ha tambem a contar com os elementos exaltados que pregam á tort et á travers a revolução social, sem atender aos condicionalismos historicos.»

Foi pelo emprego, corrente no seu autor, da frase elementos exaltados que nós obtivemos o percebimento da autoria do artigo do Seculo. Compreendemos perfeitamente o bote. E, francamente, não se poderá dizer com verdade que o autor não seja, nesta arte de esgrimir a pena, um espadachim de merito. Compreendemos que mais uma vez visava os anarquistas que, coherentes com resoluções de ha muito adoptadas e retificadas no congresso realizado em Paris no meado do passado mez, entram nos sindicatos a semear os sentimentos revolucionarios tam necesarios á luta cada vez mais gigante travada contra a opressão capitalista, a propugnar a idéa da greve geral expropriadora.

São esses que pregam á tort et á travers (é um pavôr!) a revolução social; são esses por consequencia os elementos que é necessario expungir!...

Eis o que inferimos. Se estes não são, que nós diga o articulista quem e quaes são. Gostosamente receberiamos a aclaração, como tambem muito gratos lhe ficaríamos se nos explicasse no que cahiria o sindicalismo revolucionario expungido, como o autorizado representante o deseja, do elemento revolucionario.

Poderá negar que são esses elementos que agitando constantemente a dentro dos sindicatos o problema vital da integra emancipação humana criam o ambiente revolucionario tam necessario na luta permanentemente sustentada contra os delegados do Capital?

Seria isso o mal, as fezes que infiltrando-se nas suas idéias lhe toldaram acristalidade? Se foi, — permitido nos seja o paradoxo — bem haja o mal. E se acaso foram as ultimas resoluções da Confederação Geral do Trabalho que o fez pensar em expungir, ou talvez melhor, expurgar o seu sindicalismo dos elementos demasiadamente (!) revolucionarios que adentro dos sindicatos semeiam a idéa da greve geral, quasi posta de parte pela franceza retificação de tiro, permitamos dizer-lhe o que sol re greve geral disse Griffuelhes em «A Ação Sindicalista.»

Mas porque é que os belgas e os suecos, que nunca se declararam seus partidarios, estão resolvidos a recorrer á greve geral? Sem duvida, porque reconhecem que ela constitue o bom meio de ação? Seria pois revatada tolice pertender impedir que os anarquistas adentro dos sindicatos advogassem a greve geral, tanto mais que ela foi reconhecida como um bom meio de ação, pelo próprio Griffuelhes?

O que é pois isso que al está de «elementos exaltados que pregam á tort et á travers a revolução social»?

Nada!... ou simplesmente a continuação do fraseado estupidamente sectário e agressivo usado em dois celebres artigos d'O Sindicalista.

Ha depois uma tirada sobre tática parlamentar onde se diz:

«Quantos deputados podiamos nós eleger? Um? Dois? O que é que nós alcançariamos com uma tal representação?»

...tirada que muito gosto tinhamos em analisar se o espaço nos não faltasse tanto. Deixa-se ali uma acentuação tal que ficamos a perguntar se o que se condena é o Parlamento, maquina infernal geradora de todos os grillhões que nos acorrentam, nos mantem enleados á escravidão e nos conservam sem podermos dizer algo, sem podermos escrever uma linha, sem poder enfim dar um passo, ensaiar um gesto, que as leis brutaes saídas dali nos não afoguem a liberdade de ação; ou se apenas se considera esteril a tática parlamentar, pelo facto da força se encontrar insufficientemente expressa na miniatura ridicula de um deputado, dando margem a que se pergunte se a aceitariam no caso dessa força se encontrar forte e sufficientemente representada.

Mas... não percamos tempo que ainda falta o melhor... do peor. Eil-o:

«Se é, porem, o anarquismo demagógico, individualista e insurrecionalista, forjando atentados e complots, de que muitos egoistas se reclamam, declaro-lhe redondamente que nenhum militante consciente o advoga. De resto, estes elementos estão cada vez mais desacreditados. No recente congresso anarquista de Paris deu-se a cisão radical.»

Se o articulista nos não trouxesse

á teta da discussão com a frase os que pregam a revolução social sem atender aos condicionalismos historicos, não nos preocupariamos em tentar desemmarranhar a embrulhada que está aí nesse periodo do seu artigo-entrevista. Deixariamos esse trabalho aos rarissimos anarquistas que em Portugal seguem a escola individualista. Podia ser que alguém apparecesse a levantar a luva, se importancia ligasse ao assunto.

Mas nós que estamos aqui tentando aclarar embrulhadas, lançamo-nos a este trabalho. E se soubermos ler nas entrelinhas tiraremos deste periodo a ilação que segue: Não sendo ao anarquismo individualista que o autor do artigo denomina demagógico, pois que ele não colaborando nos sindi-

catos não pode ter sido a base da sua (muitissimo bem achada!) infiltração demagógica, verifica-se que aquele individuo lista ali foi collocado para evitar que lhe pedissemos responsabilidades pelo seguimento da sua expurgatoria vérborreia.

Compreendemos que não sendo conhecida nem sendo nomeada em Portugal a escola individualista a massa ignara facilmente aceitará a sua reacionaria frase, «anarquismo demagógico e insurrecionalista, forjando atentados e complots... não tardando que ela comece a nossa lapidação, atirada que foi pela mão do articulista, a primeira pedra.

Para clarificação das idéias começou bem não haja duvida...

Infamia Democratica

Continua a violencia — O protesto no estrangeiro contra a tirania em Portugal — A pé trabalhadores!

Apesar dos protestos dos homens livres e da imprensa que se não curva perante a prepotencia do governo, este continua a manter presos operarios honrados, chefes de familia exemplarissimos só porque albergam em seus cerebros principios de Justiça e de Liberdade.

Em face da Constituição politica do paiz, é um crime o que o governo está praticando. Passa de 4 mezes que um punhado de homens estão presos sem que lhe tenham qualificado qual a qualidade do crime. Uma vez dizem lhe que são vadios; provasse-lhe o contrario, passam a ser instigadores do atentado de 10 de Junho; como isto ainda não péga, incriminam os agora perturbadores da ordem, instigadores da guerra civil e inimigos da Republica. E nem mesmo assim vai, porque todos sabem ser refalsada mentira todos esses palões inventados para conservarem presos os nossos queridos camaradas de luta.

O que chega a tocar as raias da desfaçatez e do cinismo é ver como estes homens que ha tres anos pregavam ainda a guerra ás instituições politicas do paiz, aconselhando o povo a não pagar impostos e a resistir á força publica, glorificando a bomba de dinamite, hoje lançam para os nossos hombros a carga de que só eles têm a responsabilidade.

Hoje a bomba é uma arma infame, portanto quem foram os individuos que na monarquia as fabricaram?

O João Borges, o José do Vale e muitos outros de quem lhe não queremos mencionar os nomes e que as fizeram com o dinheiro dos republicanos! Como se atrevem pois em dizer que são os anarquistas e sindicalistas os seus autores?

Tudo isto sérve para que o povo se convença de que raça são os taes politicos; quando em luta com a monarquia aceitavam, e aconselhavam á rebelião, a resistencia á policia e até pagavam o fabrico da bomba para agora justamente quererem passar por pessoas honestas e ordeiras, quando foram eles que fomentaram todo o mal estar que presentiamos.

Nunca os anarquistas praticaram atentados como a carbonaria para chegar ao seu fim almejado; portanto senhores do

governo atendei ao voso passado e refleti que parte dos factos que se têm dado são o reflexo da vossa obra, fazei justiça apurando responsabilidades, que já tivesteis tempo para isso, e pondo em liberdade os que até agora nada se provou contra eles.

De contrario demonstra apenas a vingança do governo não só contra os homens com o contra os principios que esses homens defendem. E, é contra essa perseguição infamante e miseravel que se revolta todo o homem justo e independente; indo já pelo mundo além o protesto como ondas revoltas que não fazer sossostrar a desconjuntada nau do Estado.

O governo tem é certo gasto imenso dinheiro para fazer por intermedio dos seus delegados com que a imprensa estrangeira defenda os seus rebuzos e os seus crimes, mas essa imprensa é como a de cá que só faz Justiça a tanto por linha.

Em compensação a imprensa independente e a operaria que em toda a parte do mundo já faz ecoar o grito de protesto contra a tirania republicana.

Veja-se o cinismo com que O Seculo publica o elogio dum ou outro jornal da sua igualha, pelo seu artigo contra os operarios que sem quererem são instrumentos dos monarchicos.

Farçantes! Como se o povo que sabe ler, não conheça os trucs destes ciganos da imprensa!

Fadistas de navalha de ponta e mola, que nesses papeis imundos esfaqueiram a reputação albeia só porque lhes paguem essas infamias, sem repulção por tão infimo rebaixamento moral.

Jornalistas assalariados, que peor de que as Messalinas, vendem a pena, deixando sem protesto toda esta porcaria que sentetisa a politica nacional.

A imprensa estrangeira continua a occupar-se dos acontecimentos em Portugal: La Tierra folha libertaria de Cuba, publica um extenso artigo sobre a tirania entre nós, artigo do qual transcrevemos os seguintes periodos:

«Póde porém continuar este sistema de terror, em Portugal, onde os presos ea-

lão semanas e mezes sem processo, sem que os culpados de nada, encerrados longe dos seus, afastados de suas famílias das quaes eram o seu sustento, deixando assim os governantes a propria constituição do país?

Aqui não ha mais do que o estreito espirito de inquietar os trabalhadores que se distinguem na luta pela sua emancipação.

Conseguiu o não? Não porque o proletariado universal formará o bloc que impedirá os assassinos de nossos irmãos portugueses, o Afonso Costa e todos os sem vergonha do republicanism português, a realisa-lo.

As bombas estalam constantemente, porém este jogo faz-se entre politicos ambiciosos e quem sabe se é obra dos carbonarios para justificar os seus instintos de perseguição?

Recordemos o que se passou em Barcelona. As bombas explodiam diariamente, os autores indicados pela policia eram os anarquistas; presos estes as bombas continuavam explodindo. Preso o confidente da policia, Rull e comp^a e enforcado esta miseravel as bombas desataram.

Provavelmente não acabaram já os Rull? resurgirão novamente?

Deixe-se porém de ver os seus autores no campo anarquista e se verá que alguma que rebenta não será tão amarelada vezes.

Esta é a nossa opinião sobre as explosões de Lisboa.

O bufo João Borges, talvez pode-se confirmar a opinião do nosso colega Terra.

Como fabricante de bombas glorificado no Muzen da Revolução está autorisado a fazel-o!

No Brazil A Federação Operaria do Rio de Janeiro, conforme anteriormente havia resolvido, tem levado a efeito diversas sessões, publicando á pouco um vibrante manifesto convidando o povo a um grande comicio que se realizou na mesma cidade, no qual falaram representantes de toda a classe operaria que foram unanimes em condenar as barbaridades que atualmente se veem praticando em Portugal. O importante jornal de São Paulo, A Lanterna e outros jornaes daquela republica referem-se desfavoravelmente á situação dos sindicalistas e anarquistas portugueses. Em qual voluntade, que dos seus ultimos numeros insere um brilhante artigo que termina convidando socialistas, sindicalistas e anarquistas de Italia a fazer uma vigorosa campanha contra a reação sionista portuguesa.

Tambem El Pensiero Anarquico e outros jornaes revolucionarios italianos, proseguem na campanha contra a mesma tirania.

Na Argentina; o seminario La Acción Obrera, ocupa-se largamente da situação em Portugal.

Em Inglaterra; o seminario anarquista Freedom traduz e insere na integra o apelo publicado na Terra Livre de Lisboa. E o grande diario inglez Morning Post, no numero de 20 de Julho, referem-se tambem largamente á situação dos sindicalistas em Portugal.

Em Espanha e na França toda a imprensa operaria e revolucionaria ataca energicamente a obra do ditador vermelho, preparando-se nestes dois paizes reuniões e comicios de protesto contra o despotismo republicano.

No Porto continua o comité a trabalhar com afinco para que alguma coisa se faça perante a teimosa prepotente do governo em querer ter presos os nossos camaradas.

Na capital do Norte alguma coisa se tem já feito, como reuniões em que se chama as classes trabalhadoras e os homens de coração a protestar contra tão inaudita violencia.

Urge que em Lisboa, Coimbra, Faro, Setúbal e Figueira da Foz e demais terras onde ha elementos operarios, se erga bem alto o protesto, provando ao governo que apesar da repressão repeleite e miseravel feita pela policia e secundada pela malla carbonaria de que ainda ha dignidade no seio das classes exploradas.

A Pé trabalhadores!
Basta de cobardia!
Ao protesto!

Preconizamos, seja qual for a sua origem, os meios revolucionarios que nos parecem mais praticos nas condições atuais e que melhor se coadunam com as nossas ideias sobre a emancipação humana.

E. S. R. T.

ECHOS OPINIÕES

Bem te conhecemos

Em artigo intitulado *Perante a urna* de Pedro Muralha e publicado no *Operario* de B-ja, recortamos esta bisca:

« Não nos convidem para conspiratas nem para movimentos impensados e contraproducentes »

Sim! nos movimentos *impensados e contraproducentes* tem-se a prespetiva da cadeia e nos movimentos eleitorais sempre se póde abichar os tais 3333 que é bem mau!

Anti-militarismo

A França apesar de todo o seu zelo patriótico e as suas leis de repressão a propaganda anti-militarista, teve no ano passado doze mil refratarios e grande numero de desertores!

Desde que os trabalhadores se compenentrem de que a patria é a propriedade privada que dá todos os gozos aos ricos, compreende que é a estes que lhes competem defender a patria que é deles e só deles...

Ora toma!

Logo pelo dedo se conhece o gigante.

O chefe do novo Partido do trabalho é o conhecido *socialista-anarquista sindicalista-intervencionista-afensista e bombista* José do Vale! Desde que aspirou a deputado é capaz de tudo para conseguir 3333 reis por dia. Então é que o José dos Passarinhos e as Alfurjas da travessa da palha cantam victoria,

Nem na Russia

O *Seculo* ocupando-se de varias faltas cometidas durante os exercicios por soldados dá nos esta informação:

Os presos foram recolhidos no Castelo de S. Jorge, figurando entre eles seis soldados que, no lugar da Igreja Nova, perto de Mafra, foram encontrados, fóra de horas, numa taberna cantando a *Internacional*. Foram applicados a cada um 30 dias de prisão correccional.

Oram vejum! Por estar m cantando a *Internacional*!

Isto só no regimen da Liberdade e Fraternidade republicana!

Semeiem, semeiem que hão-de colher.

A Sanfona

O *Seculo* defensor dos altos interesses capitalistas, estraga toda a sua prosa bolorenta na defeza nacional.

Regosija-se porque ha bons soldados e officaes...

No entanto não ha industrias, não ha comercio, não ha agricultura, os trabalhadores ou imigram ou estiolam-se para aí com fome... mas ha soldados para defeza dos interesses dos paucos burguezes, está b.m...

Viva a republica!...

Pasmem oh gentes!

O grande estadista Afonso Liborio da Costa, vai ter uma estatua de prata, oferecida por um *autentico* homem de bem e sincero patriota.

O que não dizem estes *autenticos* exploradores é quantas centenas de desgraçados baixaram á terra tuberculosos, pelo excesso do trabalho e por falta de pão!

Quanto tédio sentimos por esta estremeira a que chamam sociedade capitalista.

Instituido

Continuamos a perguntar ao patifido socialista Carmo Barão, quando veem as provas dos tais 4 contos de reis que o nosso amigo e camarada Bartolomeu Constantino, anda gastando em Espanha.

Vamos, quando se resolve a provar? de contrario é ser caluniador e canalha.

Vá, conte lá essa historia de quatro contos!

Se o tal Barão na gerencia da *Social* for tão merito como é na calunia, aquilo deve ser uma limpeza a toda a prova.

Como dantes

« AROUCA. — Os democraticos do concelho reclamaram contra a inscrição de 99 evolucionistas no recenseamento eleitoral em elaboração e estes por sua vez tambem reclamaram contra 56 contrarios, o que deu em resultado ficar quasi tudo na mesma. »

Ora digam nos á puridade se não é tal e qual a mesma corrupção monarchica que estamos presenciando,

E ainda a proccissão vai no adro...

Leem a bandeira

Ha proximamente um ano que os mafarricos indiabrados dos republicanos-socialistas, incitaram um grupo de mulheres atirando-as para cima do pobre maneta, então prezidente da Associação Textil de Lisboa, obrigando-o a içar a bandeira para comemorar o aniversario da republica.

Alguem lhes disse que muito em breve deveriam receber as amabelidades republicanas, e sem pretensão a profeta, eis a realidade da prevenção.

Os textis a quem as autoridades pediram ordem e socego, sem ter imposto ao gerente da fabrica em nome da ordem publica a admissão dos operarios, como o governo espanhol impoz aos industriaes catalães o reabrimiento das fabricas; manda a policia e a guarda municipal e republicana, espadeirar e prender os grevistas, escludando e defendendo os *amarélos* e os interesses da companhia.

E' o castigo dos *deuses*!

Mostrem-lhe a ordem!...

Içem-lhe a bandeira!...

Palavras do tartufo

Não se pode governar sem liberdade. O povo portuguez quer e tem o direito á liberdade, e é necessario honestamente dar-lha.

Afonso Costa

Traços de fogo

Não vamos discutir, pois que o atual momento a tal não é propiciatorio. A atmosfera social é hoje pesada, sufocante. O seu *hygrometro*, que nestas coisas é representado pelos factos, demonstra-nos que o momento não é azado nem oportuno a ventilar a magna questão da liberdade em Portugal.

Um dia, a atmosfera mais limpi-da, bonançoso este mar revolto das paixões politicas em feroz degladiacção, quando neste paiz existir o direito de, pela exposição dos factos, poderemos aqorrargar esses traficantes que, mercadejando descaradamente com a propria honra, caluniam com um inexprimivel cinismo a causa sacrosanta da libertação humana, escalpelando a versucia protervidade dos caluniadores, hemos de discutir o que foi o momento historico que atravessamos ao presente.

Então, diremos o que pensamos de toda esta complicada trama que tendo principiado no momento em que circunstanacias imperativas nos força-

ram á suspensão do nosso periodico, tendo successos como o 10 de Junho e o 20 de Julho, inda hoje não se lhe divisa o fim.

Veremos então se as grandes acusações que se podem atirar para a cima da cabeça do ministerio são unica e simplesmente as do seu respeito pela liberdade e legalidade, como audaciosamente o afirmou o jornal orgão do governo, no seu numero de 26 de Julho.

Tudo se transforma; — é uma lei da fisica que domina tambem nas sociedades. Mas se tudo se transforma, os factos, por maior que seja o engenho dos casuisticos deturpadores, não se destroem. E os factos, na sua imutabilidade, provarão que acusações de outra natureza, opostas a aquellas, existem baseados na inconcussa verdade, sempre incontrastaveis.

Essas acusações surgirão; mas não hoje que a atmosfera social é pesada, sufocante.

Hoje, portanto, não discutiremos. Vamos analisar ponderadamente, sem exalação de espirito, com a mesma fria impassibilidade com que o demonstrador na sala do amfiteatro anatomico vai dissecando o putrido cadaver que se encontra sobre o marmore, neste imenso amfiteatro que se denomina o mundo, o putrido cadaver que se chama: a nação portugueza.

E para esta serena analise bastamos apenas a ilação tirada de factos irrefragaveis, pois que são do dominio publico, do conhecimento de todos.

O primeiro dos vocabulos que constituem a triologia emblematica das republicas modernas existe, acaso, (mesmo no estreito ambito legalista) em Portugal?

Os que hoje detem o poder não respeitam as suas leis. Metem nas cadeias, por longo tempo, os que

pensam; e a Constituição, lei basilarda do paiz, é assim ridiculamente amarfanhada, Encerram os sindicatos operarios legalmente constituídos; e a liberdade de reunião consignada no estatuto da Republica como direito do povo é assim calcada a pés juntos. A liberdade de falar está hoje á mercê do primei o policia, espião, bufo ou carbonario que se lembre de nos apontar como sendo contra isto.

Mas o que mais indigna é ver com que impudor o ignobilismo da delação adquiriu na sociedade portugueza fóros de dignidade.

Corações que outróra expuzeram nobremente as suas convicções politicas ou sociaes, eil os manchados dessa ciza abjeta, tão nojentia que sujaria a propria lama e que se chama: a delação. Jornalistas que abusando da lealdade dos seus casuoes porrespondentes a depór nas mãos da policia os protestos que lhe são enviados; medicos que infamando a sua nobilissima profissão fornecem á policia informes sobre os ferimentos dos enfermos que tratam...

Tudo isto é tão indigno como nojento! Mas isto traduz claramente a podridão que corroe este organismo que se chama sociedade portugueza.

Perante isto, sufoca-se. O desalento começa de invadir os espiritos; e os honestos, os não corruptos, amolecidos pela humente atmosfera, resolvem deixar que a torre de marfim, onde no escuroto da sua estingida infalibilidade pontefica um homem, ruidu pelos alicerces caio, cerce, despedaçando na sua fragorosa queda os que anda a ela se arrimam.

Mas para que o desmoron não avassale tudo e todos, hemos a fazer ouvir, continuamente, os nossos protestos contra esta opressão singrenta que esmaga e avulta todo um povo.

Satan.

DOIS PERIODOS

1908-1913

O ex-rei de Portugal vai casar, felizmente para ele, pois que assim se livra da tutela sufocante da mãe que vai prenden-o convencelo, nada lealmente, de que a casta dos Buias já acabou em Portugal.

(De O Mundo, de 4-9-1913).

Atravessámos o mês de janeiro de 1908. Ia um tempo de repressão O ditador esmagava o povo com todo o peso da sua tirani. Não se podia falar, tudo inspirava desconfiança. A cada canto apparecia um espião... Nas mesas das redações, os jornalistas liam e reliam os seus escriptos, riscando tal frase, moderando os termos dest'outra, não fossem elas constituir materia apreensiva... Não obstante os jornais eram suspensos á ordem do governo. Os operarios do Estado eram licenciados por exigencias dos orçamentos, que o celebre ditador dizia querer equilibrar, e o povo murmurava já, num rugido surdo, como o cão a quem o martirio começa a desesperar.

Emfim, o paiz atravessava uma situação anormalissima e as atenções do estrangeiro eram chamadas sobre o que se passava em Portugal, pelos artigos que, na imprensa de além fronteiras, faziam publicar os jornalistas portugueses, na certeza de que assim podiam escrever fora da acção repressiva do ultimo governo do rei Carlos.

No entanto esta opressão produzia, como é logico, os seus naturais efeitos de reacção. Alguma coisa se tramava nas reuniões secretas a que o povo havia sido chamado pelos caudillos republicanos.

As explosões da Estrela e da rua do Canião davam a perceber ao tirano o perigo que corria, mas ele limitava-se a aumentar o numero dos seus espíões, e, cheio de louca vaidade, afirmava governar « com a opinião publica », e que, « a respeito de boatos de revolução, não acreditava, pois que seu povo não havia revolução e o povo estava com ele ».

Por sua vez o rei Carlos, afirmava a Gautier, jornalista francez que a Lisboa

viera inquirir da situação, que havia encontrado em João Franco o homem de que o paiz carecia.

« Dou-lhe todo o meu apoio, porque tenho a convicção de que é elle o unico estadista capaz de salvar Portugal », dissera o Rei ao terminar a entrevista com o reporter do Temps.

Mas, como que a desmentir as palavras do monarca e do seu aulico, surta o movimento de 28 de janeiro, sofocado á nascença pelo ditador.

As prisões enchem-se, então, de revolucionarios, quasi todos figuras de destaque no partido republicano, e os poucos que escapam á onda envoltiva dos mandantes dessa epoca, correm lépidos a transpór as fronteiras.

Tudo estava perdido. Mais uma vez os destinos do povo portuguez caíram nas mãos do tirano e o rei ratificando a confiança que em João Franco havia depositado, assinava um celebre decreto mandando degradar os revolucionarios; no numero dos quais era incluído o atual presidente de ministros.

Nos calabouços do Carmo e nos das outras bastilhas da Monarquia — hoje ao serviço da Republica — os atingidos por esse ukase esperavam o paqueta que os havia de transportar ás inospitas regiões, onde iriam espisar o seu monstruoso delito de revoltados contra o arbitrio, condenados a não mais ver a familia e os amigos, a não ser que um acto de clemencia régia lhes desse o perdão...

Quantos desses revolucionarios, nesse momento não amaldiçoariam, na escuridão sombria do carcere, o sonho de grandeza que, escotidido no mais secreto recanto da sua alma os havia arrastado até ali!...

Mas quando tudo levava a crer que já nada os arrancaria dali, um braço vingador surge então, e o rei Carlos e seu filho Luiz Filipe tambem, pagando com a vida o violento despotismo de João Franco.

O mesmo braço vingador que na tarde

do 1 de fevereiro, prostrara as regias pessoas fazia, ao mesmo tempo, cair o ditador, corrido pelos proprios monarquicos que, ja ha muito, viam nele o co-veiro da Monarquia.

A nuvem negra desapareceu... As cadeias abrem-se numa ampla anistia, tao necessaria naquele momento, para salvar um regime que se afundava no arbitrio e para não deixar ruir um trono que a carabina de Buica e a pistola do Costa haviam feito oscilar nos seus pões allucres.

Mas ja era tarde... O sangue dos mártires havia feito rejuvenescer a sementeira revolucionaria e tres anos depois, em 5 de outubro, o povo derrubava de vez, o regime monarquico.

Não passados quasi seis anos sobre a data do regicidio que nos livrou de João Franco... E hoje que vemos?

Um ditador esmagando o povo com todo o peso da sua tirania. Espesinhada a liberdade de pensamento. Estrangulada a liberdade de imprensa. Encerradas, as associações operarias. Não se póde reunir. Não se póde falar. Tudo inspira desconfiança. O orgão do governo rende culto á delação, elogiando em ar-

tigos de fucdo os espíões. Tal qual como no tempo da ditadura franquista, os operarios das Obras do Estado, são despedidos para equilibrio das finanças. As perseguições são ainda maiores de que no tempo da monarquia. As prisões regorgitam de individuos, cujo unico crime é o de pensarem livremente... Os presos politicos de 27 de abril são, longe da familia e dos amigos, encarcerados em uma fortaleza de Angra do Heroismo.

Emfim o paiz atravessa a mesma situação anormalissima que em 1908, e as atenções do estrangeiro são igualmente chamadas sobre o que em Portugal atualmente se passa.

E para maisfiel ser a comparação o ditador rde 1913, como o seu antecessor João Franco, afirma que governa com a opinião publica e que o movimento de 20 de julho (o 28 de janeiro deste periodo) não passou de um movimento de malfeitores a quem o povo despreza e condena.

O Mundo, orgão do governo, de 4 de Setembro de 1913 diz que « a casta dos Buicas ainda não acabou em Portugal! »

Pois nós afirmamos que a casta dos Buicas acabou em Portugal.

Claro está, porém, que o direito á vida acima de tudo.

O que nós somos

8.º Finalmente, o Congresso declara que:

Comunista, mira ao desaparecimento do regime capitalista baseado na propriedade individual, para se pôrem em comum todas as riquezas e todos os meios de produção;

Revolucionário, só espera uma transformação social de um movimento de conjunto: preparado por uma educação sem astúcia nem compromissos, apoiado numa organização poderosa, facilitado por um treinamento metódico, determinado pelas circunstancias e realizado por minorias atuantes em contacto com a multidão dos deserdados e capazes de, pela sua clareza de vistas, pela sua energia e pelo seu exemplo, arrastar esta pelos rubros caminhos da revolta;

Anarquista, não pretende conquistar

o poder, que se trata de despedaçar, apossar-se do Estado, que se trata de suprimir; acha necessário abolir todas as servidões politicas, económicas e morais, para que, socialmente emancipados, todos os individuos, desembaraçados da Autoridade politica que oprime e da tirania económica que esfomeia, possam, fisica, intelectual e moralmente, expandir-se no vigor, no saber e na bondade.

Camaradas:

Tais são, fiel e lialmente expostos, os sentimentos que animaram os comunistas reunidos em Congresso a 13, 16 e 17 de agosto de 1913.

Tal é o terreno de luta no qual eles se collocaram.

Tal é o magnifico ideal que, com toda a força da sua razão e do seu coração, elles decidiram levar a cabo.

Se vos convém este terreno de luta, se vos seduz este ideal, vinde engrossar as nossas fileiras; aderi á nossas Federação Comunista, Anarquista, Revolucionária

A SITUAÇÃO EM PORTUGAL

« A anedota dos superavit não distrai nem alegria o paiz. Ela pode ser interessante para aqueles que o nosso regime arranca das garras da miseria para os lançar na opulencia doirada, e agora se divertem tecendo a sua teia... »

O paiz sente-se mal, cada vez pior. Porque o dinheiro que o estado vai sugando, dispondo da força das armas, não beneficia a economia colectiva nem a economia particular. Ele vai nutrido só os parasitas, do poder. Os cambios sobem, a emigração é pavorosa, o comercio e a industria estão em crise, a exportação paralisada; a agricultura a braços com dificuldades tremendas; os serviços cada vez mais desorganizados; a vida carissima. A situação em caos, o exercito e a marinha em perfeita dissolução, o operariado em luta com a crise de trabalho; o paiz sético, disludido, cada vez mais divorciado da ação do Estado, que por sua vez o repele e dispensa de colaborar com ele.

Impera o arbitrio; a Constituição está reduzida a trapos: não ha direitos nem lei; toda a vida da nação é tumultuaria, incerta; e o governo firmado na violencia caprichosa, não vé o abismo que ele mesmo está cavando, dentro e fóra da terra portuguesa. »

(Do Debate de 2 de Setembro)

Eis aqui em sintese o que é atualmente a situação politica de Portugal. Eis aqui numa forma concisa a situação a que chegou este paiz após nove mezes de cinica ditadura do charlatanesco fazedor de equilibrios financeiros Afonso Costa.

Não somos nós que o afirmamos, homem de prestigio do proprio partido republicano, homens de envergadura moral como Machado Santos e Alfredo de Magalhães, expõem nos seus jornaes as infamias da tirania afonsina. Em todo o paiz só ha perseguições, tiranias, violencias. Por toda a parte a miseria, a fome, a desolação; em todos os lares a desgraça, o mal, o pavor... »

Emquanto as turbas governamentais tocam hinos de gloria ao acrobatico equilibrista; enquanto os grandes jornaes da imprensa espanhola, franceza e ingleza inserem colunas de prosa landatória, paga a tanto por linha, a pettender demonstar e convencer os leitores que nesta republica o povo vive feliz e satisfeito, a opressão campeia desenfreada; gemem nos carceres os que corajosamente verberaram a infamia dos governantes; choram, nos desamparados lares, centenas de esposas, mães e filhos dos que expiam nas cadeias o nefando delicto de combater pela reivindicacão dos explorados, o odioso crime de pelear pelo conseguimento da liberdade dos seus irmãos encarcerados, esmagada pela tirania sangrenta do cinico ditador Afonso Costa.

Ha mais de trez mezes que se encontram na cadeia central de Lisboa, os militantes sindicalistas e anarquistas presos após a explosão duma bomba lançada sobre um cortejo de operarios portadores dum estandarte com o distico Pão ou Trabalho! De dia para dia o numero de presos é sempre cada vez maior, principalmente depois da malograda tentativa revolucionaria de 20 de Julho.

As cadeias regorgitam. Como elucidativa amostra bastará dizer-se que na cadeia de Lisboa, cuja lotação é de 800, encontram-se atualmente cerca de 1:300 presos, grande numero dos quais ali encerrados ás ordens do marechal de ferro. Como segundo exemplo assenturemos o facto de no grupo E da cadeia do Limoeiro, onde estão camaradas nossos, se encontrarem ali presente 74 pessoas quando ali não ha lugar nem camas para mais de 35.

Todos estes individuos ali se encontram pelo horrendo crime de não bajularem o tirano que hoje chicoteia o povo com a mais feroz opressão que é dado imaginar.

Por toda a parte identica repressão. Esse Pombal-Madero que hoje impéra sobre os destinos deste desgraçado povo, na sua setario intollerancia, na sua dementada concessão de exterminar em Portugal os anarquistas e sindicalistas, estende a toda a parte, leva a todo o paiz a perseguição violenta, brutal e cruel.

Manda meter nas casa-matas dos fortes ou nos imundos calabouços desta inquisição democratica, todos aqueles, quem quer que sejam, que se não curvem reverentes perante a sua grande obra politica e financeira. Na sua cegueira, os proprios que lhe fizeram a Republica de que ele é senhor absoluto não escapam. Quem quer que não prove as suas tranquibernas, os dislates legisferos; quem quer que não aplauda as suas trampolines de reles pantalão de feira, com que ele ainda ludibrija as massa ignara e inculta; quem quer que se não curve reverente perante os seus acrobatismos financeiros com que imbecilmente julga mistificar o estrangeiro, vai infalivelmente bater com os ossos nas Bastilhas do democratismo.

Perante isto todo o paiz se sente constrangido, mal, cada vez pior. O grande financeiro querendo a todo o transe aumentar as receitas faz subir os impostos. Segundo a nota do cronista financeiro do jornal « O Dia », durante o periodo do governo do senhor Afonso Costa, o pove pagou 6:486 contos de aumento de impostos; e, segundo o mesmo cronista, a divida flutuante durante

o regime republicano aumentou 12:000 contos...!

Serve isto para que se veja o que é a tão falada obra do grande financeiro Afonso Costa.

Pois todo esse dinheiro se esbanjou só para nutrir os insaciaveis parasitas do Poder e a enorme legião de espíões que Afonso Costa assoldadou para sua defesa. Nada se tem feito a bem do povo que vive cada vez mais expoliado por capitalistas e governantes. A vida é cada vez mais cara, pois que os generos de primeira necessidade e as rendas de casa atingem um preço exorbitante. Afonso Costa ainda para conseguir maior aumento de receitas, necessarias para manter a sua policia reservada e quantos espíões lhe aplanam as dificuldades governativas, diminuiu os salarios e pôz á margem grande numero de operarios das obras do Estado. Por este facto e ainda porque o comercio e a industria atravessam neste momento uma extraordinaria crise, enorme legião de desocupados peja as ruas das cidades. Fugindo ás perseguições e á miseria que lhe avassála os lares, os camponezes lá marcham aos montes, a caminho das torridas regiões do Brazil, furajidos á onda demagogica, ao tufão das violencias que perpassando sobre as cabeças dos portuguezes, semeia em toda a parte a desgraça, a fome, a dôr... »

Com o conhecimento da situação em Portugal os bancos estrangeiros retraem-se, a circulação fiduciaria aumenta pavorosamente, — atinge ao presente 83:621 contos — e o agio do ouro sóbe, sóbe, cada vez mais!... E como tudo isto afeta o comercio, a industria, a agricultura que se têm a braços com dificuldades tremendas, o operario sofreda cada vez mais... Mas não ha o direito de protestar contra a grande obra do sr. Afonso Costa.

Ele é tudo. É como tem a seus pés, submisso e rasteiramente curvado, todo um parlamento, como tem em suas mãos todos os poderes, de que dispõe a seu talento, ele encarcera e mantém infinitamente presos os que tentarem mostrar ao povo a sua miseravel situação, o abismo para onde o atiraram aqueles que ele julgava seriam os Messias, os libertadores... »

A Revolução Social no Mexico

O povo mexicano é infeliz. Sempre a braços com aventureiros audazes, postos a ferro e fogo no poder, o operariado sofre horrivelmente a miseria e tortura dos seus carrascos.

Após a subida ao poder do bandido Huerta a revolução social que á muito se desenvolve naquele paiz tem continuado empavida contra a ganancia dos negreiros capitalistas de que Huerta é fiel servidor.

Os revolucionarios sociaes, segundo o nosso denodado camarada Regeneration, continuam lutando titanicamente pela conquista da triologia: Pão, Terra e Liberdade para todos.

Avante revolucionarios Mexicanos! Já se ouvem ao longe os rumores da Anarquia esse ideal sublime que ha-de acabar com a luta de classes e que ha-de trazer a suprême felicidade do genero humano.

Viva a Revolução Mexicana! Viva a Anarquia!

LEIAM E DIVULGUEM A REVOLTA

O CONGRESSO ANARQUISTA DE PARÍS

UM MANIFESTO

Aos trabalhadores das cidades e dos campos

« Pela primeira vez celebraram um Congresso os comunistas revolucionarios anarquistas de lingua franceza. »

Esse congresso tinha por fim; submeter os nossos principios e os nossos métodos de propaganda e de acção á prova necessaria dos acontecimentos; lançar as bases duma organização fl xível, larga e sólida; capaz de agrupar os elementos anarquistas, coordenar os seus esforços e tirar do seu movimento o máximo efeito útil; precisar a nossa atitude e fixar a nossa acção quanto aos graves problemas que justamente apaixonam as gerações atuais.

Com a sua jornada costumada os jornaes burguezes multiplicaram as mentiras.

Este manifesto mostrará a sua deslialidade.

As nossas discussões foram quentes, apaixonados os nossos debates, e isso prova as convicções ardentes que nos animam; mas alcançamos o triplice fim acima indicado e convencidos estamos de que deste Congresso não de sair resultados fecundos.

Camaradas: lial e francamente, á vossa apreciação os submetemos.

Repudiamos o individualismo

1.º O Congresso separou nitidamente o movimento comunista revolucionario anarquista das teorias erroneas e das praticas enganadoras do individualismo. Nunca póde haver, nunca houve a menor solidariedade entre o comunismo revolucionario anarquista e o individualismo. Foram sempre profundos e irreductiveis os antagonismos que os opõem.

Mas actos recentes e sensacionais, bem erradamente qualificados de anarquistas, determinaram fatalmente uma confusão que o Congresso teve empenho em dissipar. Assim fez.

D'ora avante, ninguém poderá, sem se tornar culpado de insigne má fé, almentar esse detestável equívoco; ninguém poderá, sem dar prova de d plorável ignorância, confundir as duas doutrinas; ninguém poderá, a não ser que seja ignaro e desonesto negar o abismo intransponível que as separa.

A nossa organização

2.º E' fundada a Federação Comnista Revolucionaria Anarquista de lingua franceza.

Fiel aos principios de liberdade e de federalismo sobre os quais assenta o Anarquismo, a sua carta respeta a independencia dos individuos no seio dos grupos e a autonomia dos grupos no seio da Federação. Ela já recolheu a adesão de numerosos agrupamentos e de múltiplas individualidades. Vive e está pronta para agir

Somos anti-parlamentares

3.º Os anarquistas continuam sendo adversários determinados do parlamentarismo.

A acção parlamentar grassa de modo permanente; a agitação anti-parlamentar

deve, pois, ser igualmente incessante. Em cada localidade ou região, os anarquistas decidirão se convém aproveitar -- e de que forma -- os periodos eleitoraes para intensificar a propaganda abstencionista.

Contra o militarismo

4.º Mais do que nunca, deve activar-se a luta contra o militarismo.

Os anarquistas tomarão parte com ardor em todas as agitações contra o furor nacionalista que se afirma presentemente pela loucura dos armamentos, pelas excitações á guerra, pelo serviço de três anos, pelas retraites militares, pela repressão selvagem e pela abjecta espionagem nos quartéis.

O sindicalismo e os anarquistas

5.º Convencidos de que o sindicalismo, não bastando embora para tudo, continua a ser apesar de tudo o mais poderoso meio de emancipação que possui a classe operária, os Comunistas Revolucionarios Anarquistas incitam a calorosamente todos os trabalhadores a entrar nos sindicatos filiados na C. G. T.

Coavidam os seus amigos a tomar parte cada vez mais activa na vida sindical, afim de ahí avlvar a chama revolucionaria e propagar o espirito de revolta.

Aconselham-lhes que trabalhem ahí no aumento constante dos salarios, na redução progressiva das horas de trabalho, numa organização cada vez mais sã e forte do organismo operário; mas lembrem-lhes que essas realizações não são os fins do sindicalismo e que se não devem considerar senão como conquistas morais e melhoramentos provisórios e de expectativa, obtidos pela acção directa e pela pressão violenta dos salarios sobre o patronato; que constituem sobretudo uma ginástica revolucionaria indispensavel e são destinadas a fazer saltar aos olhos de todos, pela sua propria insuficiencia, a necessidade duma Revolução profunda, integral, que liberte o mundo trabalhador.

A greve geral

6.º O Congresso afirma o valor revolucionario da Greve geral, violenta, de curta duração e expropriadora. Em todas as circunstancias, em todos os ambientes e sobretudo no seio das organizações operárias, os anarquistas se esforçarão por preparar para ela os espiritos, por impeller para ela as vontades, por lhe organizar elementos, por lhe garantir o triunfo.

O illegalismo

7.º Alem disso, embora o Congresso não se julgue no direito de impor obrigações a quem quer que seja, crê contudo necessário declarar, no que se refere ao illegalismo, ou para melhor precisar, á retomada (reprise), que só o interessa á acto executado num intuito de propaganda ou de revolta revolucionaria porque, em razão do móbil altruista que o determinou, em nada diminui o valor moral de quem o realiza. (1).

CARTA DE LISBOA

O assunto que mais tem dado que falar depois das prisões dos camaradas retidos no Limoeiro, e do *Supervit* do grande Afonso VII, é, sem dúvida, a greve dos textis da fabrica do Gonde da Ponte.

Todos se lembram por certo de que quando o grande Afonso Camacho, senhor onipotente destes estados senhoriaes, pôz aos operarios das obras publicas a tres dias para arranjar *Supervit* que estes se insurgiram, pelo que foram espadeirados no Terreiro do Paço.

Todos igualmente se devem lembrar que o *Centro Estudos Sociaes d'Alcantara*, para protestar contra essa selvageria das guardas reaes de Sua Magestade Afonso, pediram as salas da associação Textil, para realizar a dita sessão de protesto e que o Cardoso, Socialista-republicano, presidente da direcção, ter pedido ao chefe Leal da policia do Calvario para guardar a associação para que a reunião se não efetuasse.

Pois bem; agora deu-se a greve e depois dos socialistas prégarem ordem e andarem em demarches forçadas pelos gabinetes do governo civil e dos ministerios, a direcção da companhia onde a greve se deu, arranjou pessoal que entrou para a fabrica escudada pela guarda real e policia civica, defendendo assim os interesses do capital que são os do Estado, mandando para o diabo os operarios a quem tinham aconselhado ordem.

Não satisfeitos com isto, como houvesse protestos mais ruidosos, o chefe Leal, o tal a quem o Cardoso pediu para guardar a associação, desarmou-os e prende-os.

Agora pedem ás associações para que protestem contra as violencias da policia. Achamos justo o protesto; mas porque o não compreendeu assim o Cardoso e a malta que o segue, quando se quiz protestar contra as violencias de que foram vítimas os operarios das obras publicas? Outro facto que é necessario frisar: onde estão os socialistas da textil, que desapareceram sendo apenas presas mulheres, as unicas que têm demonstrado acção combativa?

Não nos regosjamos com as desgracias alheias, mas ha pontos que vêem a proposito para desmascarar os patifes que no seo das classes operarias combatem a acção directa e revolucionaria, para depois terem que apelar para esses processos quando já é tarde para fazê-lo!

Os operario de ambos os sexos, os que são ainda serios e honestos que vejam como o governo sublecionou o conflito, colocando força armada, paga por todos nós, para defender os interesses capitalistas, e aprendam a conhecer os Lopes e Cardosos que, pregando-lhe prodencia, os aconselham a politica, embora socialista, tão porca e indecente como aos dos outros partidos.

E' dura a experiencia, mas os operarios que vão aprendendo á sua custa. Nós já os conhecemos.

Uma vítima

Aos Agentes e Assinantes

Mais uma vez nos vimos obrigados, não solicitar esmola, repetimos, porque seria improprio de anarquistas mas a pedir aos nossos agentes e assinantes para que paguem imediatamente os pranaes em divida, visto que *A Revolta*, não conta para viver se não com o produto da sua venda e d'auxilio voluntario que os camaradao lhe queiram prestar.

Lembramos aos camaradas e amigos que, neste momento mais do que nunca, nos é necessario manter sem interrupção *A Revolta*.

Liquidae, pois, as nossas dividas para com administração,

OS SINDICALISTAS E AS ELEIÇÕES

A proposito do suelto que publicámos no ultimo numero do jornal com o titulo que nos serve de epigrafe, recebemos do camarada J. A. dos Santos a carta que segue:

Camarada redator

No ultimo numero do jornal *A Revolta*, publicou o camarada sob a epigrafe *Os sindicalistas e as eleições*, um éco, em que se disse indeciso sobre se os sindicalistas aceitavam ou talvez melhor o termo — apoiavam talvez, a candidatura dum individuo qualquer proposto ás proximas eleições pelo circulo de Coimbra, pedindo para que se fizesse luz sobre o caso.

Sobre este assunto devo dizer aos camaradas que até á data, ainda não tive conhecimento nem qualquer outro camarada membro do comité de defeza sobre a resolução que diz ter tomado o citado comité, em apresentar a candidatura do sr. Alpoim, por esta cidade. Sendo para mim, e para muitos outros camaradas, uma grande surpresa a afirmação que sobre o caso o camarada redator fez, tanto mais sabendo, que nunca nós, podemos tratar de *politicar* ou *eleições* sob a pèna de prejudicarmos muitissimo não só as organizações operarias, como os principios, que nós atravez de todas as perseguições por parte dos *tiranetes vermelhos*, preconisamos.

Devo dizer tambem ao camarada, que, caso seja verdade o que afirma no acima citado numero d'*A Revolta*, nos consideramos desligados do comité, e por conseguinte sem responsabilidade em eleições e candidaturas; o que aliz não podia deixar de ser pelo motivo acima exposto.

Coimbra, Setembro de 1913.

Vosso camarada certo

João Antonio dos Santos

Associação dos Canteiros de Lisboa

Com o pedido de inserção recebemos dos camaradas que compõem este sindicato a seguinte:

DECLARAÇÃO

A direcção deste sindicato, tendo conhecimento, pelos jornaes diarios, de que se organizou um partido a que puzeram o titulo de «Partido do Trabalho», e que da sua comissão organizadora faz parte o cidadão Daniel Sampaio, que tem a profissão de canteiro, faz publico, para evitar possiveis confusões, que esta classe é completamente estranha a tal partido e que aquele senhor nem socio é do respetivo sindicato profissional.

Pela direcção,

O secretario, Domingos Ribeiro.

CAMPEIA O DESPOTISMO

O administrador de Coruche continuando na sua marcha arbitraria, acaba de vender á *sucapa*, por metade dos seus valores, os generos existentes na cooperativa dos trabalhadores ruraes, daquela localidade, venda que não conseguiu fazer em hasta publica, por falta de concorrência, estando presos, no governo civil de Lisboa os nossos camaradas daquela vila, Manuel Batista Ivo, acusado de arrancar um dos editaes que foram afixados convidando o povo a comparecer áquele ato, Adelaide de Sousa Rebelo, acusada de se dirigir ao Limoeiro a entregar esse edital a Ferreira Quartel, e Antonio Joaquim de Matos, não sendo acusado de qualquer delicto, sabendo-se no entanto que a sua prisão

obedece ao facto de ser um dos mais ativos trabalhadores dentro do sindicato de classe coisa imperdoavel neste periodo de arbitrio e despotismo que vamos atravessando.

De S. Tiago de Cacem, foram presos para Lisboa, e crêmos que dali novamente para aquela vila, Custodio Justino, Antonio Joaquim Cardador e Custodia Maria de Jesus, da aldeia de Santa Cruz, aqueles por se dedicarem a organizar nesta localidade uma associação de Classe e esta por ler o jornal *O Sindicalista*. Como prova de excitar a maxima liberdade de pensamento e associação não ha melhor.

Em Lisboa as associações de construção civil que foram obrigadas a sair da Casa Sindical, por esta ser dissolvida ás ordens do *Pombal de papelão*, instalaram-se por esse motivo nas Escadinhas das Olarias, onde baseados no sindicalismo revolucionario, continuamra a tratar dos seus interesses economicos.

Pois o governo, o grande amigo da classe trabalhadora, acaba de dissolver a Federação da Construção Civil, não consentindo que numa casa esteja mais do que uma associação.

No entanto os jornalistas a soldo do governo, continuam a cantar hossanas á obra grandiosa do ditador.

E não ha um banho de 606 para tudo isto!

Emprazamento

Tendo na tarde de 3 de Agosto sido feita, ante numerosos individuos de todas as cores politicas, a afirmação de que eu «havia, uma hora escangalhado tudo o que levou tanto tempo a arranjar» isto é, «que era eu culpado da desorganização actual»

Por esta forma emprazo Manuel Ferreira Quartel, ou quem quer que seja daqueles dos individuos que tendo ouvido a afirmação com o seu silencio tacitamente a apoiaram, a provar semelhante accusação, sob pena de, no caso contrario, ser considerado o mais protervo dos caluniadores, e de me conferir o direito de em qualquer parte o tratar como tal.

Lisboa, 7 de Agosto, Cadeia do Limoeiro

A. Santos Pinho.

MOVIMENTO ANARQUISTA

Para darmos o necessario desenvolvimento a esta secção pedimos a todos os camaradas da região portuqueira, nos enviassem noticias do movimento anarquista e de reuniões de grupos para que o nosso jornal passe a ser um jornal de informação, pondo ao corrente do nosso movimento os camaradas de todo o paiz.

Federação Anarquista na Região do Sul

São por este meio convidados todos os grupos anarquistas de Lisboa, a reunirem nos respetivos locais, afim de nomearem delegados á reunião desta Federação que se realiza no proximo domingo, pelas 8 horas da noite, no local do costume.

Sendo esta reunião para tratar sobre assuntos de alta importancia para a futura organização anarquista, pede-se aos delegados que vão munidos do numero de individuos que compõem os respetivos Grupos. Que ninguém falte.

O Comité Federal.

BIBLIOTECA ANARQUISTA EM PORTUGUEZ

O que querem os anarquistas	100 reis
Aos Trabalhadores Ruraes	20 "
A' Gente Nova	100 "
Programa Socialista-Anarquista-Revolucionario	30 "
Noções de Sociologia	30 "
Semeando para colher	30 "
O Evangelho da Hora	40 "
O Sindicalismo	20 "
Sindicalistas e Anarquistas	20 "
A Mulher e o Militarismo	40 "
O Ensino Racionalista	40 "
A guerra	20 "
Mocidade, Vive!	100 "
Bazes do Sindicalismo	20 "
Sindicalismo e ação directa	20 "
A União dos Sindicatos e a Anarquia	30 "
A Associação	30 "
O Rei e o Anarquista	30 "
Catecismo Ateu	30 "
O que querem os anarquistas	30 "
Comunismo e Anarquia	30 "
Como não ser anarquista?	10 "
Patria e Humanidade	10 "
Entre camponezes	50 "
O Governo Revolucionario	20 "
A propriedade e o Socialismo	20 "
Cnnfederação Geral do Trabalho	20 "
A's Mulheres	50 "
Revolução Burgueza e Revolução Social	20 "
O Sindicalismo e o Parlamentarismo	20 "
Espirito Revolucionario	50 "
A Anarquia	50 "
A Burguezia e Proletariado	40 "
Ação Legal e Ação Directa	30 "
Responsabilidade na Luta Operaria	30 "
A Anarquia Perante os Tribunaes	30 "
O dia de oito horas	20 "
Em Tempos de Eleições	10 "
Mulheres, não procreis!	10 "
Apontamentos dum Libertario	100 "
O 1.º de Maio	10 "
Um Seculo de Espetativa	50 "
Conquista do Pão	300 "
Palavras dum Revolucionario	300 "
A Grande Revolução	600 "
Em Volta duma Vida	700 "
A Anarquia, Sua filosofia e seu ideal	100 "
A Sociedade Futura	300 "
A Caminho da Sociedade Nova	300 "
A Sociedade Moribunda e a Anarquia	300 "
A Caminho da União Livre	300 "
O Sindicalismo	300 "
A Anarquia, Fins e Meios	700 "
O Amor Livre	300 "
A Dôr Universal	300 "
Revolução e Ideal Anarquista	400 "
Trabalho	700 "
Jerminal	600 "
O sindicalismo e a Greve Geral	200 "
Socialismo e Anarquismo	200 "
As Doutrinas Anarquistas	300 "
O Anarquismo	200 "
Sindicalismo e Revolução	120 "
O movimento Operario em Portugal	300 "
A Anarquia e a Igreja	10 "
Os Anarquistas	400 "
A Humanidade	400 "
Socialismo Libertario ou Anarquismo	600 "
Os Direitos do Homem	60 "
Da Porta da Europa	700 "
A Mãe	500 "
O Terrór na Russia	200 "
A Moral Anarquista	100 "
Ação Sindicalista	200 "
Sindicalismo e Socialismo	200 "
Formas e Essencias do Socialismo	300 "
Educação e Autoridade Paternal	20 "
Comunismo-Anarquico	50 "
A Peste Religiosa	20 "

Os Grupos da provincia que queiram manter correspondencia com a Federação devem envia-la ae novo secretario; Bernardino dos Santos, Rua de S. Jeronimo, 58 — Alcantara — Lisboa.

Juventude Anarquista

Resolveu continuar a prestar todo auxilio possivel ao Jornal *A Revolta*;

oficiar á Federação Anarquista do Norte sobre o congresso anarquista.

Resolve mais, contribuir com 200 reis mensaes para a Colonia Anarquista de Chaves e encarregar-se de vender nesta cidade 30 exemplares do novo jornal *A Comuna*; officiar á Federação Anarquista do Sul, para nomear um delegado ás assembleias federal.

Não deveis pedir o que podeis tirar. Cervantes.

A REVOLTA



Quinzenario orgão da Federação Anarquista na Região do Sul

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Sá Bandeira, 11-2.º
COIMBRA — PORTUGAL

Propriedade da FEDERAÇÃO ANARQUISTA
Director—AUGUSTO QUINTAS
Editor—JOSÉ D'AZEVEDO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
MINERVA COMERCIAL
de José Ferrelra Batista & C.ª
Rua da Republica, 73, 75 e 77 — EVORA

Aos anarquistas na região portugueza

O momento historico que atravessamos é de molde a preocupar-nos a sério com a nossa organização societaria.

O anarquismo em Portugal, tem-se desenvolvido, apesar de o quererem desmentir os seus adversarios; o que porém lhe tem faltado é uma solida organização que fortifique e harmonise os esforços empregados.

Para esse fim organisou a federação Anarquista do Sul, um congresso que se não foi o que todos esperavam uma assembleia de doutos, foi no entanto uma manifestação de unidade e força partidaria.

Desse congresso saiu o principal factor da nossa força — **a organização** — e se todos os anarquistas deligenciassem pôl-a em pratica hoje veriamos coroados de bom exito os nossos esforços.

A nossa força deve estar no metodo de organização e luta a empregar no combate ás instituições estatistas — capitalistas.

Que importa que haja muitos anarquistas, se estão dispersos e se não comprehendem nem concretam em comum os meios a empregar para a difusão do ideal?

Para que serve a *fèbre* do jornalismo entre nós, querendo fazer muitos jornaes, se não podem existir? Portanto, se se cumprisse com o aceite no 1.º congresso anarquista na região portugueza, teriamos trabalhado para a organização e solidificação das federações do Sul, Norte e Centro de Portugal. Teriamos juntado os nossos esforços em volta dos orgãos na imprensa das federações do Porto e Lisboa, dando-lhe vida e coesão.

Parecerá que fugimos dos verdadeiros principios de liberdade com a nossa forma centralista; mas não, pois que queremos o homem livre no grupo como este livre na federação. E' apenas questão de tatica para ajirmos com mais facilidade e menos sacrificios pessoaes, porque digamos toda a verdade: apenas uma ou duas duzias d'homens teem sobre os hombros um pesado tardo que dividido por todos seria um esforço insignificante.

De vagar e com metodo chegaríamos ao ponto almejado, sem as intermitencias que atrasam ou estacionam.

Todo o estacionamento preveniente da repressão dos Estados, não é pernicioso, pelo contrario, vae seleccionando as camadas que aceitam o ideal e temperando-as para a luta ardua, tenaz e cheia de dissabores.

O que estiola, enfraquece e mata é o estacionamento preveniente da desagregação dos nossos esforços e das nossas vontades. Um camarada só, (a não ser que tenha meios de fortuna) não pode fazer publicar um manifesto, publicar um livro, um jornal, fazer uma digressão em que se espalhe a doutrina. Juntos, 30, 50 ou 100 camaradas, podem com facilidade empreender qualquer meio de propaganda pelo mutuo auxilio para a sua execução.

Depois ha que ir preparando o espirito da solidariedade de agrupamento para agrupamento por tendencias e afinidades ensaiando o comunismo bem como a vida livre entre as nossas agrupações sem intervenção dos principios autoritarios.

*
* *

A exemplo dos camaradas francezes, necessitamos de imediatamente realizar o 2.º congresso anarquista, para concertarmos nos meios mais praticos para a realização da nossa organização e ação dos principios que concretizam o Ideal Anarquista.

Os congressos quando mesmo não fossem de assembleas platónicas, imprimem á nossa causa uma manifestação de força sendo como um balanço anual do desenvolvimento dos agrupamentos, onde se trocam impressões, se definem principios e coadernam taticas e meios de agir e desenvolver a propaganda.

Eis porque devemos trabalhar afinadamente não só na organização de grupos em todas as localidades onde hajam camaradas que aceitem os principios anarquistas, federando-os creando nucleos provinciaes ou sejam as federações regionaes, creando depois a Federação Geral na Região Portugueza, que se fundirá na grande Confederação mundial ou a Internacional Anarquista; como cooperar com amor e entusiasmo para a realização do 2.º Congresso d'onde deveremos sair mais fortes e aguerridos pela organização, provando aos dirigentes dos povos escravizados que perante as suas violencias os anarquistas congregam as suas forças, unindo-se pelos mais estreitos laços de solidariedade, aptos para a luta no campo em que ela seja posta.

O contrario é suicidarmo-nos moralmente, dando aos nossos inimigos o triste testemunho da nossa insensatez.

Infamia Democratica

Continua o despotismo — Quando respondem os presos por questões sociaes?

Passam-se os dias, as semanas e os meses, e o Governo do muito alto e poderoso senhor destes dominios, faz ouvidos de mercador.

A infamia não tem fim.

A policia reservada que a occultas era capitaniada pelo gatuno João Borges, aparece á luz radiante do sol, a praticar as suas proezas. Inventam *trucs* para agradar a seu amo e senhor, dando motivo a que seja a perseguição com foros de legalidade.

Desejavamos saber se em quatro mezes de investigações ainda não acharam a culpa provada desses *criminosos*, cujo delicto é não estarem de cócoras perante o grande patriota, que a exemplo do *porco mentez* que occupou o trono, manda a fortuna pessoal para a Suissa como o outro a mandava para os bancos de Inglaterra!

Estamos debaixo da mais inqualificavel das ditaduras, onde não se respeita a Constituição do Estado, em que eles garantiam o respeito pelas ideias alheias e a liberdade individual.

Mentirosos! Embusteiros!

Não se pode estar segundo o pacto social que serve de estatuto á Republica Portugueza, preso sem culpa, e no entanto esse governo de cretinos que para ai ostenta força escudado pela ralé dos alfurjas, gatunos e malandros confessos, conhecidos pela *formiga branca*, calca a pés as liberdades que o povo conquistou nobremente em 5 de Outubro; e risse cinicamente dos protestos dos homens conscientes e perante os gritos de dôr das mães, esposas e filhos das suas victimas, emuladas ao capricho da bandalheira que para ai está.

Falava-se em anistia para satisfazer os predicados humanitarios desse velho que, ainda no meio desta estrumeira, é um simbolo de honradez! Os presos sociaes, consciuos da sua inocencia repudiaram o perdão, para um delicto que não cometeram.

Perante este altivo gesto de dignidade revolucionaria, era preciso um pretexto; de pronto os safardanas, os bufos da rezervada arranjaram *assassinios*, *conspirações no Limoeiro*, tudo para encobrir o fiasco duma anistia que só poderia servir a criminosos!

Os agentes do Governo não satisfeitos com toda a infamia já realisada, servem-se do caso da Praia das Maças, para em papeluchos imundos pedir a cabeça dos **anarquistas e sindicalistas**.

Antes isso! Vá senhores da democracia, para honra dos delegados estrangeiros ao Congresso do **Livre Pensamento**, arvorai em cada esquina, em cada praça uma fôrca e pendurai á exacração das gentes os corpos dos irreverentes, dos insubmissos e rebeldes, para que se saiba que em Portugal ha ainda quem saiba morrer pelos soffridentes principios de liberdade, que os *Ligórios*, *Seringas* e *Biologicos*, esfarrapão como rodilha imunda.

Isso! Venha a fôrca para os que se bateram pela liberdade n'uma brumosa alvorada de Outubro; o poder, as honras para os

cobardes que se esconderam fugindo no célebre coupé 44!!

Apezar das arremetidas dos pudengos assalariados pela tirania vermêlha, a onda sóbe, o protesto fortifica-se por todos os cantos do mundo, bem como do paiz para honra da verdadeira Democracia!

A Formiga Branca

Dizem-nos que chegaram a esta cidade alguns *carvoneiros* vindos de Lisboa, cuja missão é talvez espionar os elementos operarios.

Urge estar alerta! Não vá por ai aparecer alguma bomba para justificar as premeditadas perseguições a União Geral dos Trabalhadores.

Cautela porque a *formiga branca* tem artes para tudo e malas para... bombas.

Libertarios:

A arbitraria prisão dos nossos camaradas, ameaça-nos a nossa liberdade.

Contra esse arbitrio sem nome protestamos veementemente para que amanhã se não repitam as infamias.

A propaganda Anarquista

Durante trez dias, um grande numero de camaradas, individualmente uns, representando diferentes grupos anarquistas de França, outros, discutiram em Paris sobre a organização dos nossos agrupamentos e sobre a tática a seguir para intensificar a difusão dos nossos idiaes.

Se os camaradas das diferentes tendencias souberem evitar os escolhos colocados no caminho; se eles que pertendem demonstrar tolerancia e boa vontade se preocupassem unicamente em fazer obra util e aliás tão necessaria de organização e de propaganda, é certo que o nosso Congresso está destinado a causar enorme resonancia no mundo do trabalho e a ser fecundo em resultados.

Será doloroso que a presença de algumas individualidades alvejadas pela hostilidade dum certo numero de anarquistas — e isto por razões que não necessito expor aqui — sejam o pretexto de divisões que encham de alegria os nossos adversarios comuns.

Uma coisa que nós não devemos esquecer é que nós discutimos sobre o fogo do inimigo; e todos os nossos adversarios, conhecidos ou desconhecidos lançam o olhar em torno de nós.

Nunca, salvo durante o periodo das bombas, a repressão governamental foi exercida com tanta violencia como no momento presente. Quasi todos os nossos militantes estão nas prisões e quando de lá saiem outros estão prestes a voltar para lá; e o governo não tendo podido pela violencia esmagar a nossa propaganda ficará contentissimo com o ver fazer nós mesmos a obra de desagregação que os seus policiaes e os seus magistrados foram incapazes de cumprir. Nestas condições, a união de todos os anarquistas-comunistas é necessaria e será um crime, da nossa parte, dár aos nossos adversarios o espetáculo da nossa divisão.

Emfim, não nos devemos esquecer nunca que não temos contra nós somente o odio claramente declarado dos politicantes, mas que também um certo numero de militantes sindicalistas nos veriam com alegria fazer uma obra negativa.

Depois d'alguns mezes os homens que outrora não desdenhavam relacionar-se com o ideal anarquista—quando se não declaravam francamente libertarios—entenderam ser bom mudar de tática, e tomaram póse de homens ponderados, refletidos e inimigos da violencia; e decidiram-se a aplicar ao nosso Proletariado os milagrosos metodos dos sindicatos alemães. Pretenderam desqualificar-nos aos olhos do mundo operario dizendo que nós eramos incapazes de participar num trabalho de organização metódica e que seguindo a nossa tática os trabalhadores se expunham a desastres suces-

sivos que levariam inevitavelmente á desparição da Confederação Geral do Trabalho. E' possível que a nossa mentalidade de revoltados em perpetua luta não somente contra a autoridade patronal e governamental mas também contra a de certos militantes que pretendem brincar aos patriarchas não seja de natureza a agradar a estes ultimos. Mas o que ninguem pode negar sériamente, amenos que seja duma insigne malvadez, é que os anarquistas hão dado ao movimento sindicalista francez o belo ardor revolucionario que, durante dois anos, fez a sua força e a sua originalidade.

Nunca a C. G. T. esteve tão poderosa, nunca ela inspirou um tão grande receio aos seus adversarios como durante o periodo em que os nossos metodos de ação direta prevaleceram nos sindicatos.

Eis justamente porque o nosso Congresso deve discutir sobre organização dos anarquistas e suas relações com o sindicalismo; é nosso dever demonstrar que nós não somos os adversarios das organizações operarias; que nós somos capazes de fazer uma obra de organização talvez com tanto metodo como as mais moderadas da C. G. T.

Mas ao que nós estamos decididos também é a não abandonar o nosso carater batalhador, o nosso metodo revolucionario; é que nós queremos ver no sindicalismo, não uma arma unicamente destinada a fazer obter alguns melhoramentos no trabalho e no salario, mas uma alavanca poderosa para mudar a sociedade burgueza. Declaramos que não nos contentamos com organizações possuidoras dum forte contingente de quotisantes sem iniciativas, obdecendo cegamente ás ordens dos *chefes sindicais*, mas sim queremos fazer dia a dia a educação desta massa para a tornar capaz de dirigir os seus destinos. Queremos aproveitar-nos de todos os incidentes para travar a batalha contra o poder, considerando que a revolta e ação revolucionaria são ainda a melhor forma de levar a classe trabalhadora á justa concepção dos seus direitos.

Nós mostraremos a esses adversarios, que não teem coragem de se desmascar, francamente, que a nossa tática é a unica que está em conformidade com a da antiga *Associação Internacional dos Trabalhadores*, a unica também capaz de dar resultados fecundos. Uma vez mais nós afirmaremos a nossa repulsa pela autoridade, em todas as suas formas: Policia, Magistratura, Exercito e Parlamentarismo; uma vez mais nós clamaremos a nossa revolta contra todos os preconceitos sociaes, causas da miseria e da escravidão. Mas a nossa obra não será somente negativa e nós temos por dever agrupar nos solidamente, n'um bloco compacto onde os temperamentos e as iniciativas possam expandir se livremente, mas onde todos trabalhem para a destruição da sociedade capitalista e sua substituição por uma forma social destinada a trazer-nos mais bem-estar e mais liberdade.

E' esta, dirão, a divisa da Confederação Geral do Trabalho. Mostremos que ela é também a nossa.

EMILE AUBIN.

Canções Sociaes

Com este titulo recebemos um folheto de 16 paginas, contendo 11 cantigas para serem cantadas á guitarra, baseadas nos belos principios do anarquismo.

O seu produto é destinado á cosinha comunista, que os nossos camaradas mantêm no Limceiro.

As *canções sociaes*, são produto dum certamen poetico realizado na cadeia do Limceiro pelos camaradas sindicalistas e anarquistas que ali se encontram, e pena é que no limpido ceu azul do genio poetico de que trata o folheto em questão, apareça uma nuvem negra a impanar-lhe o brilho...

O seu custo é de 30 reis, e encontra-se á venda na nossa redação.

Aos nossos camaradas aconselhámos a fazerem a aquisição do folheto, pois cumprêm um duplo dever: fazer propaganda e auxiliar os camaradas presos.

CONTRA A TIRANIA GOVERNAMENTAL

Grande reunião de protesto na União Geral dos Trabalhadores — O povo operario de Coimbra reclama a liberdade dos seus companheiros presos ás ordens do ditadôr vermelho.

Não ezageramos se dissermos ter estado longe de toda a nossa expetativa a importancia que assumiu a grande reunião de protesto, realisada na noite da penultima quinta feira, na União Geral dos Trabalhadores, pela iniciativa do Grupo A Revolta em favôr dos anarquistas e sindicalistas enclausurados á vontade suprema do tiranete Afonso-Maura.

O nosso jornal, já pelo seu carater, já muito principalmente pelo seu diminuto tamanho, não pôde dar uma informação ampla do que foi a anunciada sessão, em que, o povo obreiro desta cidade, bem como gente de todas as classes sociaes, correu ao nosso chamamento lavrando assim o seu veemente protesto contra as prepotencias do *governo republicano democratico*.

A's 8 horas da noite, quando as salas da União se encontravam completamente cheias de povo, o camarada João Antonio dos Santos abre a sessão expondo o objetivo.

Usando em seguida da palavra o operario Arthur Figueira, que verbera com energia a obra do franquismo vermelho.

Jeremias Bartolo, socialista, aborda varios assuntos e com uma lealdade pouco vulgar nesta epoca de embusteiros e mal intencionados, declara-se ao lado dos libertarios para a libertação dos presos por questões sociaes.

Julia Cruz, delegada da União das Mulheres Anarquistas de Lisboa, fala cheia de revolta contra o despotismo dos governos republicanos, e em especial contra o capitaneado pelo verdugo Afonso Costa, defendendo com entusiasmo as ideias anarquistas. Em seguida lê um protesto da União das Mulheres Anarquistas para ser enviado ao presidente do concelho.

João da Cruz, que com a facilidade que lhe é peculiar arrastou pelas ruas da *amargura* a obra nefanda do João Franco Afonso Costa e seus defensores. No seu burilado discurso mostrou o seu sentimento pelos tiranizados e a sua revolta contra os que, pertendem tyrannizar todo um povo. Termina aconselhando o povo a resistir energeticamente contra a violencia do governo.

Os oradores foram por vezes interrompidos pelos gritos de protesto da assembléa, que se manifestava contra o governo que tem coberto de oprobio o povo portuguez, dando assim largas ao seu entusiasmo e á sua revolta.

Mais uma vez ficou demonstrado nesta importante reunião, que a repulsa do povo é unanime contra o regimen que tyrannicamente impéra sobre este desgraçado paiz.

Aviso aos assinantes e ajentes

Avisamos os assinantes, que estão em debito ao jornal, que lhe será suspensa a remessa, desde que não liquidem até á saída do proximo numero do jornal.

Aos ajentes que ainda não liquidaram contas, pedimos para que o façam imediatamente.

O Congresso de Manchester manifesta-se contra a Guerra

No congresso dos trabalhadores celebrado em Manchester (Inglaterra) no passado mez foram tomadas por unanimidade as seguintes resoluções:

O congresso compromete-se a fazer quanto esteja em suas posses para que a Guerra se torne impossivel.

Serão dadas instruções ao Comité Central para entender-se com a Federação Nacional

A PROPOSITO D'UM ATENTADO

O despotismo infréne, a tirania sangrenta, a opressão canalha duma oligarquia havia com os seus aulicos galgarros aviltado um povo e lançado na penuria uma nação, para sustentar a magnificencia, os fastigios da côrte.

O povo impulsionado pela oração rubra, pelo verbo candente dos apóstolos da república saiu á rua, e de armas na mão lançou por terra os plintos em que assentava o vetusto edificio oligarquico onde o tempo, oito seculos de idade, havia aberto já numerosas fendas.

O estandarte rubro verde foi desfraldado aos quatro ventos.

A Republica foi proclamada. E hoje, decorridos tres anos, os antigos apóstolos de verbo candente, barrete frigio na cabeça, entreteem-se a atirar ao alvo—a triade emblematica da Republica — os pelouros do vituperio e da infamia.

Acaso, neste periodo, se deu ao povo alguma coisa do tanto que lhe foi prometido? Não?

Qual era, afinal, o nosso clamor?

Que pediamos nós, que reclamavamos nós, em 5 d'outubro, pela boca das espinhargas?

Pão, instrução, justiça!

O fundamento positivo, essencialissimo, dentro dum ideal, de todas as revoluções, é sempre, pois não é? — de natureza economica.

E' inimiga da virtude a fome, diz o vulgo, e com a fome é incompativel a ordem.

A fome conduz totalmente á revolta, é a lição da historia, foi o que sucedeu em Lisboa, ao cabo de trinta anos de propaganda acesa, de luta sem treguas, contra as desigualdades inoportaveis e contra os arbitrios do poder.

Mas quem saiu á rua de armas em punho?

Ah! não foram as classes ricas, nem os doutores, os evangelistas, tão pouco, da ideia nova. Estes quem os viu?

Foi sim, o eterno escravo, foi o povo simples e miseravel, que afeito ás inclemencias duras da fortuna, tem menos apêgo á vida.

Habitado a morrer devagar, não lhe custa morrer depressa, varado por uma bala...

O povo tinha fome, e a fome que persiste em definha-lo, diminuindo-lhe a virtualidade creadora da riqueza e a capacidade de resistencia, que lhe reduz a duração media da vida, que o obriga a expatriar-se em

massa, é uma fome injusta, iniqua, que revolta e fomenta o desespero.

O povo queria justiça; e que justiça lhe foi feita?

Nenhuma. Pelo contrario, protelaram, abafaram a voz das suas reivindicações.

Reprimiu-se ferozmente todas as parcas liberdades, amordaçou-se a ancio de justiça, amarrou-se a imprensa livre do pelourinho da estupenda venalidade.

A critica, o livre exame, o sagrado **vetum do povo** foram miseravelmente desrespeitados.

Inpediu-se por todas as maneiras a livre expansão das teorias anarquistas, procurou-se por todas as formas obstar a propaganda dos generosos principios da emancipação humana.

Coartou-se até ao *maximum* a liberdade de reunião, reprimiu-se até ao absoluto a liberdade de pensar e o direito de escrever.

A opressão mais violenta se desencadeou contra o povo que em 4 de outubro expoz o peito de seus filhos ás balas defensoras da monarchia.

Na furia das perseguições nem os proprios republicanos escaparam.

As cadeias regorgitam.

E os individuos presos pelo *crime* de tentar a reivindicação de justos direitos do povo ali estão, aos centenares, na cadeia, jazendo ha longos mezes, sem julgamento e muitos deles ou quasi todos até sem culpa formada!

Contra este estado de coisas ergueu-se indignado, protestando o operariado conciente de Espanha, Italia, Cuba, França, Inglaterra, Brazil e Argentina. Os seus jornaes inseriram artigos cheios de justa indignação. As suas coletividades protestaram junto dos ministros ou consules representantes de Portugal.

E perante isto que fez o governo?

Ficou surdo a todos esses protestos.

As perseguições continuam e as violencias são de cada vez mais desenfreadas. Não se repara sequer que a opressão é o foco gerador das Revoluções e que a violencia atrai a justa violencia como o abismo invoca o abismo.

Por isso, como sempre, a tirania armou o braço dos tiranicidas.

As aspirações da humanidade ham-de triunfar — mas ao troar do canhão, ao crepitar da metralhadora, ao reflexo dos incendios.

PEDRO KROPATKINE.

Cezar Parrot

De Cezar Parrot um dos mais ativos propagandistas do movimento comunista-libertario do Sul, sobre o qual pésa a monstruosa e iniqua acusação de ter tomado parte no atentado da Rua Nova do Carmo ainda hoje envolto no mais profundo misterio, recebemos a carta que abaixo inserimos para a qual chamamos atenção de toda a imprensa anarquista.

Camaradas d'«A Revolta»

Ha 4 longos mezes que me encontro aqui encerrado com uma acusação tão ridicula e ao mesmo tempo infame e ainda houve um camarada, um companheiro de luta que se lembrasse da minha defeza, que se condoeça da minha situação.

Como sempre fui um sincero, um martir do ideal, espondo muitas vezes o que tinha em beneficio da causa e até a vida em certas ocasiões, sou agora lançado á margem como um ser desprezível, inutil ao ideal.

E' sempre assim! Os sinceros, aqueles que professam o ideal, não por diletantismo, mas sim conscienciosamente, que se teem sacrificado em prol da causa são sempre os mais desprezados.

E' raro, não sair á luz da publicidade nos jornaes operarios, 8 nomes de camaradas como se fossem esses as victimas da tirania burgueza.

Quando se fala no atentado da Rua Nova do Carmo lá aparecem só os 8 nomes, dando a impressão para quem lê, de que os outros 10 estão verdadeiramente implicados no caso, ou que são criminosos reconhecidos. Isto não se faz!

Não basta a nossa situação, para que um silencio prejudicial ainda envolva a perseguição de que fomos victimas; foi assim e pelo criminoso silencio de alguns elementos operarios que os nossos camaradas da Moita foram condenados a penas barbaras sem uma acusação que merecesse pelos codigos penaes a condenação d'um mez de prisão correccional. Se nos querem fazer o mesmo, se desejam só que meia duzia de camaradas possam regressar aos lares de suas familias, continuem só punindo por eles e deixem a vontade os outros martyres que as garras sanguinarias da tirania desejam estrangular.

Vosso camarada

CEZAR PARROT.

Cadeia do Limoeiro

Emprazamento

Não tendo até hoje sido recebida nesta redação, enviada por Manuel Ferreira Quartel ou quem quer que seja, resposta ao emprazamento aqui feito no nosso ultimo numero, prövando ou dando satisfação das suas palavras, d'oravante consideremo-nos no direito de ter como caluniosas e infames as acusações feitas ao nosso amigo e camarada A. Santos Pinho e consequentemente como caluniador o autor das mesmas.

O GRUPO «A REVOLTA».

Colonia Anarquista

Os grupos anarquistas **Audacia e Avante** de Chaves e **Ayante pelo Futuro de Vidago**, acabam de levar a efeito a creação em Traz-os Montes, uma Colonia Anarquista Agricola que deve começar a funcionar no proximo mez de Novembro, sendo a sua manutenção feita com a creação de animaes domesticos, contando ao mesmo tempo com a ajuda dos camaradas anarquistas ou de todos que simpatizam com as doutrinas anarquistas e que as queiram ver praticamente.

Um grupo de trabalhadores daquela região completamente desiludidos com a actual ordem de coisas, chegaram á comprehensão que só a Anarquia, resolverá o problema social que tanto agita a humanidade e resolveram a fundação duma Colonia Anarquista.

dos Transportes e União Geral dos Ferroviarios, a empreender negociações com os sindicatos estrangeiros a fim de adoptarem uma linha de conduta e de ação internacional para o caso da ameaça de mobilização de guerra.

Achava-se presente o camarada Legien, que declarou, em nome dos sindicatos alemães, que a classe trabalhadora da Alemanha queria a paz tanto como a Inglaterra ou a França, e que por esta razão a guerra se tornava impossivel.

O camarada Jouhaux, tambem presente, em nome da Confederação Geral do Trabalho Franceza, confirmou essas declarações, que foram acolhidas com uma entusiastica ovação.

O Trade-Unionismo inglez faz desta forma a sua entrada no sindicalismo revolucionario internacional.

Escola de Ensino Livre

Lisboa

Desta importante agremiação de educação livre, recebemos uma circular que não podemos inserir na integra mas que faremos no proximo numero.

Trabalhadores:

Gritemos unisonamente:

—**Liberdade para os nossos camaradas ha mezes iniquamente enclausurados nas bastilhas da democracia.**

HISTORIA ILUCIDATIVA

O nosso colega **O Revolucionario**, na sua lista das *celebridades* dos defensores da republica, aponta a *gratidão* imorredoura das luzas gentes, o imerito gatuno das libras do Saloio, João Borges. Pois ouça o colega esta pequena historia: quando ha anos por causa da questão Calmon, foram presos 6 rapazes que a monarchia queria fazer passar por agitadores, apareceu tambem um João Borges, que á frente dum grupo queria assaltar o *Carreiro Nacional* e que a policia incluiu com os já presos no Bairro Alto.

Chamado ou solicitado Afonso Costa, a defendel-os, ele advogado em presença do cadastro policial que tinha o tal João Borges, fez separar o processo porque não queria *defender um homem tão sujo e que até batia na mãe!!!*

Quem havia de dizer que em plena democracia, regimen de ordem e moralidade, o mesmo João Borges, havia de dar ordens na policia e ser o fiel guarda do mesmissimo senhor Afonso Costa?!

a que funcionará o mais possível dentro da tublime e emancipadora ideia libertaria, que virá dar ao ser humano uma ideia de tanta felicidade e harmonia reinará entre os homens desde que se associem e vivam conforme o Ideal Anarquista que tão firmemente defendemos, mostrando a burguezia e aos fanaticos politicos que tanto nos perseguem e temem, que nós não queremos destruir, mas sim edificar, e edificar sobre bases que são as mais fortes no Amôr e na Libertação do homem, livrando o assim da sinistra Autoridade, que ha seculos cobre a humanidade de ruinas e de sangue.

Segue a circular que acaba de ser dirigida á imprensa anarquista do paiz.

CAMARADA :

Levados pela convicção nas ideias anarquistas, empenhamos nossas forças numa obra grandiosa, para a qual pedimos a vossa cooperação, certos de que comprehendereis o grande alcance que dela virá para a diffusão dos principios que defendemos.

Os grupos libertarios **Audacia e Avante** de Chaves e **Avante pelo Futuro** de Vidago, esperancados no auxilio que de vós esperam, resolveram fundar uma colonia agricola livre, para onde nós, os trabalhadores conscientes, livres de preconceitos e de vaidades tôlas, iremos pôr em pratica os principios das nossas doutrinas, provando assim que elas não são um sonho e que com vontade, estudo e perseverança se podem transpôr os grandes obstaculos que nos impedem o caminho para o Bem.

Animados desta ideia, convencidos como estamos que a sua realisação será a melhor propaganda que podemos fazer da anarquia, provando pelo exemplo, o contrario do que dizem os defensores desta iniqua organização social e politica—que a anarquia é a desordem, que as suas teorias dissolvem e não organizam—nós empregaremos todos os esforços para nos conservarmos, tanto quanto possível, dentro dos principios, demonstrando claramente a falsidade de taes afirmações.

O nosso plano vai mais longe, não se limita apenas á colonia. Sindicar os trabalhadores, fundar uma cooperativa que funcionará conjuntamente com a colonia e sindicato e uma cosinha comunista, são assuntos que nos tem preocupado e que andam ligados á fundação da colonia. Para esta, os trabalhadores das duas localidades que já abriram os olhos, que se interessam pela sua situação e a quem isto merece simpatias, cotisar-se-hão com a quantia minima de vinte réis por semana. Esta cotisação já começou e o dinheiro assim junto empregamo-lo em animais domesticos que creamos e desenvolvemos, adquirindo assim conhecimentos indispensaveis para a colonia e aumentando os seus fundos.

Compreendeis muito bem que esta cotisação é pouco para uma obra desta natureza e que se torna necessario o auxilio moral e material de todos os camaradas para dar principio á vida da colonia.

Por isso vos enviamos esta circular conscios de que estareis conosco ao lado da grande causa.

OS GRUPOS.

NOTA—Toda a correspondencia e donativos deve ser dirigida ao camarada Antonio A. Castro Lopo, Rua Diretta n.º 135—CHAVES, ou a José Augusto Ferreira—VIDAGO.

Homens :

A culpa do tiranico abuso dos governantes cabe áqueles que os recebem sem protestarem energeticamente.

Protestando e insurreccionando, é a unica maneira de evitarmos esses abusos.

Jornaes Novos

O Grito Social—Visitou-nos um novo quizenario que com este titulo iniciou a sua publicação em Aveiro, dedicando-se a defeza da causa social.

Publica bons artigos de propaganda libertaria. As nossas saudações.

A Comuna—Os camaradas do Porto que compõem o Grupo Mocidade Anarquista acabam de dar á luz da publicidade um periodico quizenal com o titulo que nos serve d'epigrafe.

Do seu editorial, recortamos os seguintes periodos, que bem demonstram a energia que os impelle para a luta e a profunda convicção que os anima a propagandear os seus principios Anarquistas:

«A ignorancia e o fanatismo, contrariando o progresso das ideias e sufocando a voz da Razão encontram em nós os mais encarniçados e irreductiveis inimigos.

Aos fracos, aos velhos e ás creanças, vitimas das prepotencias dos senhores, defende-los-hemos com o carinho e abnegação que nos inspiram todos os perseguidos, quando impotentes.

Não é só para demolir, que criamos *A Comuna*; a par da sua tarefa demolidora, outra lhe surge mais grandiosa mais humana, talvez: a constantiva.

Cabe-nos lançar sobre os escombros da sociedade burguezia, os alicerces inabelaveis de uma outra sociedade onde todos os individuos tenham plenamente assegurada a satisfação de todas as necessidades—fisiologicas, morais e intellectuaes.

E' para essa sociedade—a sociedade *Comunista-Anarquista*—que vão todos os nossos esforços, toda a nossa acção.»

O restante da colaboração é de propaganda retinamente anarquista.

A Comuna, encontra-se á venda na nossa redação ao preço de 10 réis.

O Ourives—Com este titulo iniciou a sua publicação no Porto, um novo colega de luta pelas reivindicções dos trabalhadores, de orientação sindicalista-revolucionario.

Apresenta-se bem redigido e com uma feição bastante educativa.

E' orgão da Associação de Classe dos officiaes de ourives do Porto.

Ao novél coléga desejamos um risonho futuro e energia para combater os satrápas defensores da ordem capitalista.

Os da "Humanidade,, e o Partido do Trabalho

A proposito d'uma moção votada pelo sindicato dos serralheiros de Coimbra, em que declara deitar ao desprezo o tal partido do trabalho, o que em materia sindicalista é estar dentro dos principios, vem um jornal local **A Humanidade** quebrar lanças pelo **nosso partido**, largando larachadas que só prova no fundo de tanta *verbosidade* que da questão social não percebe patavina!

O movimento operario em Portugal tem já a organização revolucionaria que lhe é necessaria, o que necessita é ingressar nessas organizações segundo as suas tendencias e afinidades. Para a realisação das reivindicções minimas e trabalhar ao lado da burguezia, existe o velho partido socialista, cuja tendencia é reformista parlamentar.

Para que pois, outro partido do trabalho?

O que se quiz fazer foi uma sucursal do grande Afonso Ligorio, com séde no *Imundo*, para desarmar as tendencias mais ou menos revolucionarias do operariado portuguez. Mas não péga.

Os argumentos apresentados a proposito dos socialistas francezes auxiliarem Combres, bem como a atitude dos socialistas parlamentares italianos, nada justifica a criação dum novo partido, pois que o partido socialista portuguez, tem prestado optimos serviços ao governo republicano, desde a gréve dos carroceiros até ás declarações dum dos membros do Conselho Central, em que faz fé publica de policia amator para denunciar movimentos revolucionarios contra o governo republicano.

Ora aqui tem os da *Humanidade* o que o Dr. Afonso Ligorio desejava com a formação do novo partido.

Tudo se arranja, entenda-se o *grande Superavit*, com os directores socialistas, prometa-lhe uma duzia de deputados para entreter os ingenuos e terá retardada a marcha revolucionaria do operariado portuguez. Para deitar leivos doutoraes fala-nos em congressos socialistas. Parece que não leu o que resolveu o ultimo congresso socialista da Holanda, votando contra a pretensão dos chefes que queriam ser ministros num governo liberal.

Mas, o novo partido não vinha preencher uma lacuna, mas para estiolar o sindicalismo revolucionario, visto que com os velhos elementos socialistas, o governo não pode contar pois que são demasiadamente conhecidos pela sua benevolencia para com a monarchia, e de guerra acintosa contra o movimento revolucionario republicano; só gente nova e honrada poderia levantar a nova barreira—o *Partido do Trabalho*—pois nem nisso o grande Afonso, foi feliz.

Todos conhecem o José do Vale e *sucios trabalhistas*, transfugas e venaes, vendidos pelas lentilhas do biblico Judas! Terminando diremos aos da *Huma-*

nidade que fazem profissão da *politiquice*, que os camaradas serralheiros podem ser *zoilos*, o que estão é dentro dos seus principios o que muito os honra!

Ensaios para o povo

Os povos que querem a liberdade conquistam-na. Nada se consegue sem luta, por vezes violenta, feróz, mas sempre purificadora.

(Da Revolta, folha republicana clandestina).

Condennar a bomba na mão de um revolucionario e dar razão á lanterneta na mão de um artilheiro não pode admitir-se sem ofensa do bom senso.

(D'O Seculo de 26-9-910).

Nós somos justamente essa entidade anónima, trabalhadora, produtora, de quem os poderes publicos escarnecem e a quem as classes burguezas negam os instrumentos de trabalho; somos os explorados de todos os tempos e de todos os logares; os perseguidos de todos os governos e de todos os despotas. Por isso nós somos a Revolta.

Magalhães Lima.

Na iniciação da «carbonaria» eram rejeitados in limini todos aqueles que se confessaram incapazes de pegar numa arma: carabina, punhal, revolver ou bomba, esperar onde quer que fosse um tirano do povo para executar n'ele uma justiça sumaria.

(Hermano Neves—Como se implantou a Republica).

E' preciso que fique bem acentuado isto: Os anarquistas auxiliaram os republicanos a provocar a derrocada do regimen monarchico, mas aderiram a eles apenas provisoriamente, dispostos a continuar pugnando contra a burguezia e os seus privilegios, apenas o trono tivesse deixado de existir em Portugal.

(Hermano Neves—Como triumphou a Republica).

Correio da Revolta

Setubal—José Quaresma—Pedimos-te que liquides os jornaes enviados já que te não dignas responder aos postaes te escrevemos.

Vilar Pinheiro—Grupo *Mocidade Libertaria*—Recebemos 460 réis de jornaes vendidos e 40 réis do camarada Pereira.

Serpa—Celestino—Remetemos os jornaes pedidos. A liquidação é feita oito dias depois de receberes os exemplares.

Vidago—José Augusto Pereira—Recebemos 1:200 réis para auxilio do jornal e 300 réis do assinante. E' assim que se conhecem os amigos da nossa obra.

Lisboa—Bernardino dos Santos—Bem sabemos que os ultimos do jornal chegaram aí tarde.

Vamos anarquizar o serviço de redação para tudo entrar na ordem. *Associação dos Construtores de Macadam*—O que enviaram vem no proximo numero.

Faro—José Franco—Recebido o que mandas-tes. Manda a continuação dos artigos.

Porto—G. Moreira Alves—Recebemos 700 réis dos jornaes vendidos pela Federação e 250 réis do camarada J. M. Souza.

Evora—A. José Dmiz—Remetemos 15 exemplares do nosso jornal; e, desenvolve por aí a sua propaganda.

Pequenas Notas

Aos nossos colaboradores lembramos a conveniencia, em virtude do joraal ser mais pequeno, de explicarem em poucas palavras o muito que tenham a dizer.

Mais um sacrificio, mas é preciso, deve-se fazer.

Para regularisar a sua publicação *A Revolta* começará no proximo mez de novembro a sair no dia 1 e 15 de cada mez. Quem tiver interesse em ler o nosso periodico deve procura-lo nesses dias nos locais de venda.

A REVOLTA

Quinzenario orgão da Federação Anarquista na Região do Sul

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Sá Bandeira, 11—2.º
COIMBRA—Portugal

Propriedade do GRUPO ANARQUISTA
DIRETOR—Augusto Quintas
EDITOR—José de Azevedo

Composição e impressão
Tip. MINERVA CENTRAL
Rua Tenente Rezende—Aveiro

A Ideia Anarquista

Organisação e acção

«Camaradas : ha féderation de nos forces est nécessaire; faisons-la et élaborons la exierté de demain. Voici ce que les anarchistes communistes pensent, veulent.»

(Congresso Anarquista de Paris).

A nossa obra sendo como é a remodelação completa das bases sociaes de hoje, requer mui solido fundamento e, implicitamente, um intensivo esforço de vontade. Para que divisemos o triunfo das nossas aspirações torna-se necessario, imprescindivel mesmo que a minoria dos que pensam e anciam o triunfo da revolução social conjuguem os seus esforços, formando e desenvolvendo uma organisação perfeita, de iguaes, desde já tendendo a transformar com mais continuidade e eficacia a mentalidade popular e a lutar vigorosamente contra os grandes crimes governamentais.

No Congresso de Paris ficou exuberantemente provado que só uma organisação desta ordem poderia eficazmente intensificar a propaganda, minorando o raio de distancia que nos separa do almejado fim.

Já entre nós, mercê da forte vontade e ingente esforço dum nucleo de bons camaradas, se tentou e conseguiu iniciar a organisação ora preconizada pelo Congresso de Paris; porém a extrema luta neste ultimo tempo mantida contra os poderes e as perseguições desenfreadas dos governantes entibiaram o animo de uns, esmoreceram a vontade de outros e, dolorosamente o contestamos, a organisação, na qual neste momento todos deviam enfileirar, para a manter ou tornar poderosa, capaz do necessario combate, viu diminuir a sua força, com o afastamento de uns e o desanimo de outros.

Torna-se necessario que todos voltem á luta. Quantos tenham hoje a perceção das necessidades sociaes e filosoficas não-de reconhecer uma forte necessidade na formação de grupos unidos federativamente pelos laços de solidariedade, não já só para o desenvolvimento e realização de mais fundas obras de propaganda, mas ainda para iniciar este grande objetivo: **a acção revolucionaria, individual ou colectiva, segundo as circunstancias.**

Unidos seremos fortes, e fortes, vencedores. Por outro lado: desunidos seremos fracos, e fracos, vencidos.

Quantos de entre nós, em momentos de luta, temos sentido a falta dessa cohesão que nos daria a solidariedade revolucionaria cujo factor principal se busca na organisação desejada.

E' então que constatamos a nossa impotencia e verificamos quão curto raio de acção póde atingir o esforço dum isolado.

Para adquirir o convencimento da superioridade do nosso ideal não necessitamos agrupar-nos. Sabemos ainda que a evolução, sendo como é revolução latente e contínua, nos dirige inevitavelmente para o triunfo da **Anarquia.**

Mas se estamos capacitados da necessidade de modificar a hodierna estrutura social, se somos revolucionarios emfim, vamos a pôr em jogo a vontade, acionando no sentido de acelerar a realização das nossas aspirações.

E essa acção não se ha-de fazer impensadamente, sem reflexão, inoportunamente.

Para déla colhermos resultados proficuos, antolha-se a imprescindivel necessidade de organizar as nossas forças, para realizar com exito a nossa obra revolucionaria.

A experiencia demonstra-nos que a falta de um previo accordo nos momentos criticos, só tem dado azo á falta de solidariedade revolucionaria aos que lutam, inhibindo-nos ainda dum a opoção eficaz ao arbitrio das tiranias.

Oxalá que a experiencia consiga pois radicar no animo de todos esta necessidade que se impõe: **criar e desenvolver uma**

organisação na qual as nossas forças acionem comunamente para um trabalho contínuo, de resultados proficuos, sempre tendente á completa realização das mais rasgadas aspirações humanas.

OS MORTOS-VIVOS

Um clamôr angustiante de revolta vibra em toda a consciencia operaria, provocado pela tirania Russa que atravessa impavida e rubra, neste canto de terra de belo sol germinador, e que á sombra duma constituição muda exerce a mais inquisitorial das represalias. Um sopro coroadado de indignação perpassa agitado e febril no seu auge dominador, pelos peitos amantes do simbolo imortal da liberdade, que hoje escorraçada pelos adutores de hontem, e vergastada pela arma envenenada da calunia, afronta corajosa nas almas oprimidas, o estorror da aragem asfixiante que negramente as envolve.

Todo este mar imenso de santa rebeldia que rugue ameaçador e intermitente no ar que absorvemos, e na vida que transportamos, ha-de ter,—assim o creio—o seu desaguar luminoso de bemaventurança, salvando do naufragio tumular os mortos-vivos que agonisam lentamente no fundo das prisões.

Os mortos-vivos não julguem os leitores que sejam personagens fantasticos das mil e uma noites, ou composições invisiveis de espirito que vivem nas regiões supremas da eternidade, mas sim são os presos por questões sociaes enclausurados há bastante tempo nas diversas bastilhas do país, sem culpa formada, sómente simples criminosos de opinião por ambicionarem uma sociedade liberta de iniquidades e miserias.

São aquelas maquinas vivas de inteligencia robusta e coraçã nobre de, quem a imprensa governamental e burguêsa, com um descaramento inaudito, chega a rabiscar linguados e linguados de papel com depoimentos falsos, pretendendo demonstrar que os presos estão esplendidamente alojados, sujeitos a um tratamento humanissimo, e gozando confortavelmente horas largas de liberdade e alegria.

Os jornaes operarios estão autorisados a desmentir categori-

camente com enumeras provas essas farçantes mentiras, tendentes a desnortear a opinião publica, fazendo supôr que o governo trata com superflua generosidade os proletarios encarcerados, quando eles arrastam penosamente os horrores da reclusão em poços doentios, arruinantes do organismo mais forte, torturados material e moralmente por um rancho imundo e insupportavel, e privados em absoluto dum passeio diario nas explanadas.

Constantemente a imprensa libertaria recebe cartas-protostas dos nossos camaradas presos na fortalêsa de Elvas, descrevendo a sua situação deprimente e vexatoria, expondo em termos claros e energicos o seu estado de sofrimento que é tão violento que já fez baixar ao hospital grande numero deles.

São estas arbitrariedades, os beneficios venturosos, as promessas felizes, alardeadas com tanto vigor e brilhantismo nos tempos da opoção, nestes tempos aereos inapagaveis da memoria pela aureola formosa, burilada de imagens ricas que os revestiam suntuosamente.

Tudo isso eram fantasias que se desvaneceram, loucos sonhos que o presente brutal apagou, sem um sorriso de misericordia.

Agora frente a frente, com a realidade despida completamente de artificios, o operariado só tem um caminho a seguir, e se obrar com energia sairá da luta vitorioso.

Trabalhadores: os teus camaradas presos sacrificaram a sua vida e a sua familia arrostando contra todas as inlemencias da sociedade, para vos libertarem do jugo economico e politico que algemam os vossos pulsos; e vós que sois as alavancas do progresso, e os factores da riqueza, levantai-vos num movimento de solidariedade e curvai a frente á tirania, libertando os teus irmãos queridos.

Coimbra, 1913.

J. CARREIRA.

Ao Povo

Considerações a proposito da comedia eleitoral

Uma vez mais o povo foi chamado a escolher os seus deputados, os seus senhores; os que no parlamento ou no governo do paiz adoptarão sempre as medidas necessarias a impedil-o de reclamar os seus direitos.

Quaesquer que fossem os escolhidos o resultado será fatalmente o mesmo. O povo não foi fazer mais que escolher os que o hão-de azorregar.

Tambem uma vez mais os que se propuseram, mediante uns «modicos» 3533, a reger os destinos deste malfadado paiz, do alto das tribunas affirmaram que o eleitor, ao fazer uso do voto, se torna soberano.

Ben ficticia é essa soberania!

E sucede até quando ele ingenuamente usou do voto que lhe confiaram não fez senão atar grilhotas aos seus pés, pois foi conceder aos outros o direito de se tornarem seus senhores, seus amos; de pensar a seu talante, de obrar e proceder sempre como lhe aprouver, ainda que esse proceder seja contra ele, o eleitor.

Assim, o povo crendo-se soberano, tornou-se escravo.

Os Spartanos e todos os homens escravos da antiguidade só tinham uma paixão: a liberdade; um odio: a servidão; uma aspiração: ser livre. Torna-se caricato que hoje, n'este seculo das grandes descobertas scientificas, nascendo os homens todos livres, estes só tenham uma paixão no peito: **arranjar senhores**; e não bastando já o ser aguçado, eles fornecem ainda as várias com que os carrascos os hão-de azorregar.

Nestes ultimos anos tem o povo adquirido um sem numero de exemplos do que são os homens em que votou. O periodo do mandarinismo republicano mostrou bem que o povo, ao votar nos que hoje imperam sobre nós, julgando buscar os seus salvadores não fez mais que mudar o azorrague para as mãos de novos carrascos.

Assim foi e assim será sempre em todos os periodos eleitoraes.

Hoje o mal-estar é grande, é o protesto freme em todas as almas. As perseguições aos que pensam livremente encheram as cadeias do paiz e as casas-matas dos fortes.

Os salvadores desejados converteram-se como todos os outros em tiranos do povo. Porque ha-de este, pois, indicar os que o hão-de encerrar nas prisões, os que hão-de coibir as liberdades de pensar, de reunir, de dizer.

Os carneiros vão para o matadouro; não dizem nada, esses, e não nutrem nenhuma esperanças. Mas pelo menos não votam a favor do magarefe que os ha-de matar, do burguez que os ha-de comer.

Nas tribunas esses que se propõem a todo o transe subir ás vossas espaldas, fazendo plinto da vossa miseria e da vossa ignorancia, dizem-vos que sois iguaes a todos e a cada um, que tendes o direito de tomar livremente parte nas discussões que tem por objeto investigar sobre o melhor meio de viver feliz na sociedade; proclama que sois cidadãos eleitores, aptos para gerir os vossos proprios interesses e a obrar segundo as vossas faculdades, proclamam enfim a vossa

soberania, mas ao mesmo tempo pedem-vos para voluntariamente vos privardes nem mais nem menos de todos esses direitos, concedendo-lhe a ele delegação para vos representar no parlamento. É uma vez ali, esse homem que na tribuna vos prometeu obrar segundo uma determinada e exposta forma, como procedeu?

Tendes o exemplo assáz frisante em todos os deputados. Todos eles falseiam as suas promessas, todos vos burlam. Mas se no futuro não quereis receber os exemplos, se tendes o fraco de atender a essas

exortações, de abraçar esses conselhos falaciosos, de vos prestardes a essa pérfida mistificação, se tendes a cobardia de consentir em desempenhar o vosso papel nesta indigna comedia do voto, aviltaes-vos; deixaes de ser um individuo livre para vos enterrardes voluntariamente na escravatura, e tereis tanto menos coragem de romper as vossas correntes e a sensação das feridas por elas produzidas, quanto mais diretamente sereis vós quem as forjau, a essas correntes, a quem estendeu os braços para que vos carregassem com elas!

A Revolução Comunista no Mexico

Prisão em Texas de ferreiros libertarios—Importantes detalhes do movimento

O rubro estandarte dos companheiros mexicanos que ha tanto tempo pelem para conseguir para todos **Terra e Liberdade**, eleva-se hoje em varios estados.

Noutros a voz da rebeldia rugue contra os tiranos e da mesma forma ameaça despedaçá-los dentro em breve.

A terra e os utensilios de trabalho vão enfim pertencer aos que em verdade dela devem ser possuidores.

Não mais amos, não mais senhores—eis o lema. Grandes e numerosos nucleos de rebeldes, espalhados pelos estados mexicanos vão á luta pela consucção das nossas aspirações. **A terra a quem a cultiva; para todos eguaes direitos, eguaes deveres.**

E de armas na mão, pelejando ardorosamente, eles vão conquistando, palmo a palmo as generosas aspirações dos libertarios. Já nos estados de Durango, Morelos e Guerrero, o povo está vivendo em comunidades livres, cultivando a terra e levantando as colheitas em comum para a sua alimentação, enquanto o nucleo da sociedade futura é implantado até no ultimo rincão da Republica Mexicana, por agitadores e educadores de todas as partes do mundo.

A' luta! Pela extinção do Estado, da Propriedade! Pela afirmação da justiça, pela egualdade!

Uma falange de libertarios cumprindo a sua missão na luta pela liberdade economica do proletariado mexicano, foram, segundo as ultimas informações, presos em Texas, depois de uma luta sustentada contra os esbirros do poder.

Tentavam passar a fronteira do estado de Texas. Segundo diz *El Tribuno*, jornal governamental, eram portadores duma bandeira rôxa com o lema **Tierra y Libertad**.

Tambem, segundo diz o mesmo jornal, os revolucionarios haviam partido de «Los Angeles», e tinham sido dirigidos pelo valoroso camarada Antonio de P. Araujo, redactor da *Regeneracion*, órgão anarquista.

Um telegrama de Springs para o mesmo jornal, diz o seguinte:—*As autoridades militares de Engle Pass, Texas, no controle da fronteira descobriram a pista de um extenso movimento para proclamar uma nova revolução em favor dos «socialistas» de Flores Magon que tem o seu quartel general em Los Angeles.*

Entre os nossos camaradas presos encontram-se J. M. Rangel, Leandro R. Rosas, Luiz Mendonza, Abraham Cisneros, Pedro Perales e quasi todos os valentes que formavam o grupo *Regeneracion*. Rangel e outros camaradas recolheram

ao carcere do condado Peanall, Texas.

— No Mexico preparam-se os revolucionarios para tomar o estado de Guamajuato, a primeira incursão neste estado foi dirigida pelos companheiros de Guerrero, que constituam um nucleo de mais de setecentos homens.

Ao entrar tomaram e incendiaram os povos de San Pedro, La Quesera, Los Otates, El Paraiso, Paloma, Quitruco, S. Rafael e muitos outros.

Na sua maioria os administradores foram fuzilados.

— Os revolucionarios comunistas esperam poder dentro em breve tomar a importante praça de Zacaticas. São dirigidos por Tomaz Uribe, que manda um grupo superior a mil homens.

— Um grupo de 500 rebeldes tomou de assalto a importante Vila de S. Inácio, no estado de Linaloa.

— A imprensa official noticia a tomada, pelos mesmos revolucionarios, da praça de Tuxpan, a qual foi saqueada sendo destruidas todas as linhas telegraficas.

— No estado de Tabasco tambem os rebeldes, orientados por camaradas, tomaram fazendas, povos, vilas e cidades, aproveitando-se das forças que as autoridades ali dispõem.

— Para se verificar da intensidade e importancia do movimento revolucionario mexicano, bastará dizer-se que no dia 10 de Outubro, os comunistas tomaram a importante praça de Torreon. Os federacs na retirada, tiveram de queimar 1:200 espingardas. A imprensa burgueza diz que 75 burguezes foram justicados.

.....
Pão, Terra e Liberdade! tem sido o lema dos trabalhadores conscientes que de todo o mundo ali foram tomar parte no sublime movimento.

No Mexico luta-se pela redenção do povo. Os trabalhadores tem nas mãos as armas e no peito convicções.

Sejam eles os vencedores e terá raiado no mundo a era de verdadeira liberdade!

.....
Para sair da sua situação miseravel, o povo só tem tres meios. Os dois primeiros são deixar a taberna e a igreja, o terceiro é fazer a Revolução Social.

Miguel Bakounime.

Libertarios!

Organisae os vossos grupos e aderi ás federações regionaes para sêdes mais fortes na luta contra a sociedade autoritaria—capitalista.

PROPAGANDA ANARQUISTA NO ALGARVE

Ao meu caro amigo Bartolomeu Constantino

V

Dezenas de camaradas nossos, audaciosos revolucionarios, intemperatos e ferreiros apostolos e evangelisadores duma Sociedade Nova e resplandecente de justiça; por aqui passaram neste tão formoso e sorridente Algarve, com seus campos floridos de belas vinhas doiradas, com ranchos de alfarrobeiras com suas folhas denegridas e, seus cachos pendentes; onde o sol é mais brilhante e abrasadôr; no espaço infinito bandos alegres de aves trinam aqui inos de amor ensinando-nos a proclamar a

Liberdade Humana! Por aqui lançaram a semente das mais belas e sublimes ideias de emancipação social.

Joaquim C. Supias, o bondoso apostolo da Anarquia, foi aqui um dos mais estimados e queridos dos camaradas; Bartolomeu Constantino, em todo o Algarve o mais conhecido pelas classes trabalhadoras, como o maior e mais audaz e decidido propagandista da organização Operaria. Como agitador da Anarquia, não houve outro que o egualasse.

O mais robusto e forte temperamento revolucionario, orador inflamavel que ardentemente arrobatava as assembleias até ao delirio, loucas de entusiasmo.

Foi tambem aqui no Algarve o mais perseguido pela canalha capitalista e torpes autoridades, que o levaram perante um tribunal franquista, sendo condenado com a lei infame de 13 de Fevereiro.

Caldeira Feio, outro martir da redentora ideia anarquista, vitima tambem da lei celerada, aqui esteve algum tempo refugiado, e quando veio a Faro o despresivel João Franco, aquele nosso camarada, teve a mais arrojada coragem de se lançar á carruagem, da tigrina féra, gritando bem alto a defeza das victimas, que em Timor e Bazaruto, jaziam por terem propalado ideias de Justiça e Liberdade.

Em Vila Real de Santo, no rio Guadiana, Caldeira movido pelo seu grande espirito altruista lança-se ao mar e salva uma mulher e uma criança!

A propaganda das suas ideias eram destruidoras mas, no fundo do seu intimo, nutria um grande amor pela humanidade sofredora, sempre possuido dum humano coração e duma alma propensa ao sacrificio.

Agostinho Alves, um dos mais valentes camaradas da vizinha Espanha, tambem esteve aqui em Faro refugiado durante duas semanas, era um dos maiores campões do nosso grande Ideal, partidario da pan-destruição; dizia: *é necessario incendiar toda a sociedade burgueza até pulverisa-la.*

Em Faro num dos mais formosos arrabaldes da cidade, em pleno campo, onde a natureza é prodiga em beneficios, teve lugar uma das mais belas conferencias de propaganda retintamente anarquista até hoje aqui realisada.

Eram duas horas da tarde, estando prevenidos com um delicioso balde de fresca agua duma fonte proxima para combater os ardôres tropicaes quando o nosso camarada Acracio (pseudonimo) principiou a sua conferencia desenvolvendo o tema **A União e a Vida.**

A Revolução Social é um produto científico

Conseguimos fixar de memória alguns dos períodos da brilhante conferencia, entre os quaes os seguintes: *A falta de qualquer dos membros do corpo humano produz em nós uma vida vil, rasteira e abjecta; a falta do funcionamento das moleculas tira-nos a vida; para que haja vida é preciso que as moleculas funcionem agregadas entre si; o mesmo se dá entre a familia trabalhadora, para que haja vida é preciso a união de todos. Na sociedade presente, vil e corrupta, não se vive, vejata-se, define-se, morre-se; para haver vida é preciso união e luta.*

Combateu energicamente — com a energia que caracteriza os nossos camaradas d'além fronteiras — a egreja e a taberna. *A egreja, diz, atrofia-nos o cerebro com as suas praticas, as suas mistificações, as suas infamias; não faz homens, faz invertidos, maniacos e brutos.*

A taberna tira-nos a faculdade de pensar; quem frequenta a taberna é impotente para a luta social e torna impotentes os seus filhos, porque os filhos d'um alcoolizado nunca são sãos, mas sim raquiticos, anémicos e, na maior parte dos casos, doidos.

Combateu tambem o parlamentarismo e referiu-se com calor e entusiasmo aos presos por questões sociaes que jaziam em diversos carceres de Espanha, e terminou dizendo: *No dia em que todos nos unirmos, como um só corpo, com um só pensamento, ai dos tiranos! ai dos exploradores! Só assim poderemos chegar á conquista da felicidade e só na Anarquia ha a felicidade!*

A conferencia, alongou-se até ás 5 horas da tarde, sendo o conferente muito aplaudido e felicitado pela numerosa assistencia, que debandou aos vivas a Anarquia e a Revolução Social!

Diversos grupos de camaradas entoavam o ino libertario possuídos duma fé ardente no luminoso Ideal de Redenção Humana.

Acracio Progresso e João Batista Otero dois destemidos combatentes do sindicalismo revolucionario e da Anarquia, tambem aqui estiveram de passagem como prodigos semeadores do grande ideal de justiça onde realizaram algumas conferencias sobre o sindicalismo e comunismo anarquista.

A propaganda tem sido aqui no Algarve mais ou menos intensa pelas conferencias, palestras, reuniões de camaradas que difundem entre os trabalhadores, os conhecimentos da ideia; centenas de manifestos, folhetos, jornaes, revistas e livros tambem tem sido largamente distribuidos pelas massas proletarias da região algarvia.

Faro. JOSÉ FRANCO.
(Continúa).

Aos Libertarios de Coimbra

Convite

A Federação Anarquista na Região do Sul, convida todos os anarquistas de Coimbra, a reunirem hoje, domingo, 30, pelas 12 horas da tarde, na redacção de «A Revolta» á rua Sá Bandeira, 11—2.º, afim de tratar dum assunto de grande alcance para o desenvolvimento da propaganda e organização anarquista.

Na reunião tomam parte os camaradas Fernando Gomes e Augusto Quintas como delegados da Federação.

Já o dissémos: A revolução economica é um principio de mecanica social; não póde impedir-se, não póde deter-se. Para ela contribue todo o mundo, inclusivé seus proprios inimigos.

O naturalista que, estudando as plantas e os animaes, os fósseis e as petrificações, estende a ideia da increabilidade do mundo, demonstrando que este existia antes de que Deus tomasse fórma na mentalidade humana, contribue á revolução futura. O astrónomo que descortinando o universo nota a existencia de milhares de mundos, cuja presença não está consignada em livros que pretenderam ser a fonte da sabedoria, quasi todos mais antigos que o que nós habitamos, apesar de ser de uma antiguidade que confunde, concorre tambem ao advento da nova sociedade. O filósofo que, tirando consequências das investigações científicas, do modo de ser do homem e da natureza, defende o predomínio da razão sobre a fé; o pensador que, utilizando os conhecimentos do fisiólogo e do anatómico, diz que não ha immortalidade da alma porque não ha alma; o filósofo que se aproveita dos descobrimentos do fisico para negar a providencia e para dizer que toda a materia, mesmo a que compõe o homem, obedece ás mesmas leis, ao modo de ser de cada sistema do mundo, de cada planeta, de cada homem, de cada animal, de cada planta, de cada coisa, contribue tambem ao advento da anarquia. Tudo, emfim, concorre para a formação da sociedade igualitaria e libertadora.

A força organizada? As instituições armadas, a reunião dos poderosos, a ignorancia dos pobres, não deterão, não poderão impedir o que ha-de succeder necessariamente, e hão-de vêr, se não impassíveis impotentes, como se derruba o seu mundo, como caem em fanicos a religião, o poder, a propriedade.

As monarquias hão-de vêr, impotentes, como em lugar do rei da teocracia se põe o rei da democracia, como onde antes estava o nobre se colocou o burguez, como a classe média ocupa o lugar que antigamente ocupou a classe alta.

Pois impotente tambem será a burguezia, hoje detentora do poder em monarquias e republicas, como vão caindo todos os seus dominios e poderes para a revolução que leva em seu intimo um novo sistema de artes, de sciencia e de sociologia.

No reino social ha classe e especies, como no reino intelectual e no animal. As classes representam sistemas de vida; como na natureza, cada grupo uma classe; e em cada especie um ser que apenas se distingue das especies superiores da evolução.

O mesmo acontece em politica. A ideia mais liberal que poude conceber o grupo de nobres mais perfeito, serviu de enlace com o grupo mais conservador que formou a classe média, e a ultima concepção desta classe foi a primeira concebida pelo primeiro grupo das especies politicas do mundo nascente. E se em cada grupo ha diferentes ideias, ha tambem diferentes sentimentos, diferente arte, diferente sciencia. A nobreza com todas as suas especies e derivações, sustinha a vassalagem, a burguezia e o salario; o trabalhador pretende abolir toda a classe de escravidão. A nobreza alimentava o odio de povo a povo, de senhor a senhor; a burguezia mantem o odio ao estrangeiro; o proletario procla-

ma a fraternidade universal. Foram a alquimia e a teologia as duas sciencias mais importantes da sciencia dos nobres. São a fisica e as matematicas as sciencias mais elevadas dos burguezes. Serão a quimica e a sociologia a sciencia do mundo reclamado pelo trabalhador. A nobreza acreditou na extinção das paixões e propôz-se afoga-las; dahi tantos iluminados e loucos como produto. A burguezia teme as paixões e crê que educando-as logrará contê-las, a só as exaspera. Nós, os anarquistas, queremos a satisfação das paixões, considerando-as uma necessidade do organismo, como a sede e a fome. Uma mulher, uma honra e um amor para cada classe, para cada especie evolutiva. E todos os conceitos vão caindo, os do céu como os da terra, vencendo distancias e elementos, vencendo constituições e queimando codigos. A rebelião em pé, sempre e sempre avançando, sempre indomavel. Como ha-de ser vencido o espirito de rebeldia, se é a ele que devemos tudo; se mercê dêle o mundo marcha á perfeição, á perfeição infinita?

Para que narrar a revolução dos escravos contra os seus donos, a dos servos contra os seus senhores, a dos obreiros contra os seus amos?

Erga-se a manada! Acima a plebe! Levante-se o povo! E o objéto de tanta luta, qual é? A liberdade. Historia humana, evolução, progresso: liberdade, sempre liberdade.

Valeria a pena que o homem fosse o ser mais perfeito da natureza se não pudesse ser livre, se tivesse de viver sempre sujeito a reideas, proibições e ameaças? Para que teriamos então pensamento? De que nos serviria frente tão elevada e rosto tão nobre?

Emfim, leitor, inclina um pouco a tua cabeça para a terra e verás como esta instituição governativa que quicá julgas indispensavel á boa marcha da sociedade, não serve mais que para colocar amigos dos governantes exigindo-te contribuições com o fim de mante-los sem nada fazer.

Frederico Urales.

O HOMEM E A DIVINDADE

Luz! Mais luz ainda!

Goethe.

Quando nós afirmamos que *Deus não existe*, entendemos que por esta fórma negamos a existencia do *deus* pessoal da teologia; do *deus* adorado pelos devotos de todo o mundo sob varios aspectos e de diversas maneiras; do *deus* oleiro que do nada *cria* o universo, do caos a materia; daquele *deus* absoluto bom e tirano ao mesmo tempo, cujos absurdos atributos repugnam á consciencia humana.

Bacon, Galileo, Cartesio, essa sublime trindade que em França, Italia e Inglaterra iniciou a filosofia experimental — a sciencia positiva, — deu tamanho repelão na metafisica teologica que abalou dum ao outro extremo do cosmos esse parto monstruoso da ignorancia humana.

Cada descoberta da quimica, da fisica, da biologia, da sciencia

antropologica; cada applicação pratica dos principios inumerados são outras tantas machadadas applicadas ao velho edificio religioso que principia a derruir.

Para a igreja e os seus doutores nada existe que não esteja submetido á influencia divina; e, no entanto, para que se tivesse uma ideia precisa do movimento dos corpos celestes foi necessario a observação, a geometria (Pithagoras, Euclides), a sciencia dos pesos especificos, a mecanica (Archimedes), a sciencia da queda dos graves (Galileo), a applicação das secções conicas (Keppler), a applicação da algebra á geometria (Descartes), o calculo diferencial (Fermat, Leibnitz, Newton), a analise (Euler, Lagrange), a optica (Newton), o telescopio (Galileo), a dinamica, a sciencia do movimento (Laplace) a metereologia.

Eis algumas das inumeras sciencias que foi preciso inventar umas após outras, para, em seguida e ao mesmo tempo ser applicadas, afim de nos elevarmos ao conhecimento do mundo fisico; mas se apenas uma fosse inventada, seria impotente para resolver o «como» e explicar o «porquê» de tantos fenomenos da natureza que aos olhos dos nossos antepassados passavam por ser coleras divinas provocadas pelos *pecados* dos humanos.

Para nós, o universo, longe de ser obra do *deus* teologico e clerical, não é mais do que a manifestação da materia, unica, eterna, indestrutivel sem principio nem fim. A vida, no seu significado universal, não é mais que a evolução continua da materia, o eterno transformismo, na sua constante dissolução e reintegração, onde nada se cria nem se destrói.

Atravez dos seculos, desde o pitecantropos aos nossos dias, o cerebro humano, sempre insaciavel na descoberta da verdade, levou-nos ao conhecimento da «celula» que representa o primeiro momento da vida animal, á mais elevada expressão do genero humano: o homem.

Gulpilhaes, 1913.

Giordano Bruno.

A Anarquia perante os tribunales

Editado pela Biblioteca «A Vida», acaba de ser posto á venda este magnifico folheto de propaganda anarquista que consta do notavel discurso do advogado Pedro Gori, perante o tribunal de Génova, em defeza de 37 anarquistas acusados de malfeitores.

Aconselhamos a sua leitura a todos os estudiosos.

O seu preço é de 60 reis, podendo os pedidos acompanhados da respectiva importancia ser feitos á Biblioteca «A Vida», rua Chã, 97—Porto.

Movimento Anarquista

Federação Anarquista do Sul

O comité federal reunido com os grupos adherentes, em sua sessão de 21-11 resolveu entre outros assuntos, convidar os camaradas anarquistas conscientes e grupos organizados a federarem-se a fim de assentarmos numa organização básica, porque se a vida é lutar, lutar é viver, lutamos para não morrer, pois compete aos anarquistas mostrar que teem vida.

Resolven mais convidar os camaradas anarquistas de Coimbra a reunirem hoje domingo, 30, a fim de trocarmos impressões com dois delegados da Federação que foram nomeados para esse fim e que irão munidos de documentos de apresentação.

Pró-presos por questões sociaes

A dois membros do Comité da Federação Anarquista do Sul foi feita por um grupo de anarquistas espanhoes que se achavam de passagem por Lisboa, uma saudação aos anarquistas portuguezes e protestando energicamente contra o despotismo governamental em conservar camaradas presos por questões sociaes.

Esse grupo abriu entre si uma quête que rendeu e entregaram ao nosso camarada Quintas, a quantia de 15200 réis e um relógio para ser rifado ou vendido para os presos sociaes, sendo resolvido em reunião da Federação entregar á comissão pró-presos.

O comité federal saúda todos os camaradas anarquistas espanhoes.

O Secretario,

Bernardino dos Santos.

Grupo Anarquista «Revolta»

São convidados todos os camaradas pertencentes e este grupo a reunirem, hoje domingo, pelas 3 horas da tarde, na redacção de «A Revolta», para continuação dos trabalhos pendentés da ultima reunião sobre os presos por questões sociaes.

Pode-se aos camaradas que não faltem a esta reunião.

Grupo Jovens Libertarios

Subordinado a este titulo acaba de se constituir nesta cidade, uma agrupação que tem por fim difundir entre as classes trabalhadoras a propaganda das ideias anarquistas.

União Anarquista Algarvia

Conforme annunciou o nosso valente camarada *A Aurora*, efectuouse a projetada reunião de todos os elementos anarquistas de Faro.

Todos reconheceram como uma das mais imperiosas necessidades, o organisarmos-nos fortemente em nucleos de propaganda activa e revolucionaria para difundir largamente entre os trabalhadores da região Algarvia, os sublimes principios da emancipação humana.

Assim o compreenderam os camaradas de Faro, possuidos de uma grande força de vontade e, cheios de fé no novo ideal a empregarem todas as suas energias no trabalhar pelo progresso rapido da propaganda do redentor ideal anarquista.

Compreendendo de quanto é util á propaganda, o dar-se maior impulso á organização anarquista no Algarve, os camaradas de Faro acordaram na sua ultima reunião efectuada em 11 de novembro pp. em

reorganizar a *União Anarquista Algarvia*, e neste sentido se pede a todos os grupos e camaradas das diversas localidades do Algarve, que enviem quanto antes as suas adesões á sede da *União Anarquista Algarvia*, Largo do Pé da Cruz, 24, Faro.

Centro Libertario

Um grupo de camaradas acaba de organizar em Faro, este centro de educação e propaganda anarquista.

Esperam os libertarios de Faro que, todos os amigos que sympathisarem com as doutrinas anarquistas que frequentem o *Centro Libertario*, onde se porão ao corrente da marcha libertadora das classes oprimidas.

O Libertario

Por se reconhecer a util vantagem que traz á propaganda anárquica, no Algarve, a publicação do jornal *O Libertario*, o grupo editor resolveu em harmonia e de accordo com o *Grupo Jovens Libertarios* a

convidar todos os camaradas do Algarve a fazer parte do grupo, para a publicação do *Libertario*. A quantia a contribuir é de 55000 réis pagaveis a 100 réis por semana, durante o ano de 1914, que compete a cada camarada socio do jornal. *O Libertario* será propriedade de todos aqueles que contribuirem com a importancia acima mencionada e será orgão da *União Anarquista Algarvia*.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao camarada José Franco, Largo Pé da Cruz, 24, Faro.

Grupo os Rebeldes

Lisboa

Convidam-se todos os agrupados a reunirem na proxima quarta-feira, 3, pelas 8 horas da noite, no local do costume, para se tomarem deliberações que só com a presença de todos se poderá resolver.

O Secretario.

CANÇÕES LIBERTARIAS

MOÏE

Finalisa a tirania,
Na Patria Universal;
A'vante pela Anarquia,
Viva a Revolução Social.

I

Desperta, ó produtores,
Se vos quereis emancipar,
Para assim vos libertar,
Dos tiranos opressores,
Caminhae trabalhadores
Com firmeza e valentia;
Derrubade a burguezia,
Vossa obra está feita!
Que na sociedade perfeita
Finaliza a tirania.

I I

A gloriosa libertação
Só o Anarquismo a dará;
Porque elle derrubará
A actual organização;
Findará com a servidão,
Para o povo mundial,
Esse sublime Ideal
Que dará ao produtor

Jornaes recebidos

A Aurora—Semana-rio comunista-anarquista brilhantemente redigido pelo camarada Alves Pereira.
Redacção: rua do Captivo, 16-1.º Porto.

A Comuna — Quinzenario de propaganda anarquista, dirigido por uma pleiade de novos que cheios de fé e entusiasmo lutam pelo advento duma sociedade nova.
Redacção: Praça da Republica, 54—Porto.

Volontá—(Vontade) Semanario de propaganda anarquica, dirigido pelo velho propagandista Henrique Malatesta.
Redacção: Casella Postale, 91, Ancona, Italia.

La Voz del Obrero—Decenal sindicalista revolucionario, orgão dos sindicatos obreiros da Corunha.
Redacção: Socorro, 3, Corunha, Espanha.

Regeneracion — Energico e

O Bem, a Paz, o Amor,
Na Patria Universal.

I I I

Findemos com os Estados
Que nos teem oprimido!
Que vitimas temos sido
Dos seus crueis atentados;
Revoltae-vos explorados
Contra toda a vilania,
P'ra findar a hipocrisia,
E transformar a sociedade;
Se quereis Terra e Liberdade,
A'vante pela Anarquia.

I V

Vamos na reivindicacção
Dos nossos sagrados direitos,
Não seremos mais sajeitos,
A' tórpe, exploracção;
Queremos ter livre accção,
Para nós tão fraternal;
Proletariado mundial,
Em prol da santa egualdade,
Bradae, com nobre hombridade
Viva a Revolução Social.

JAIME AUGUSTO.

bem orientado seminario comunista-anarquista, orgão dos rebeldes mexicanos que actualmente se batem pela implantação do Comunismo Livre.
Redacção: Los Angeles, Estados Unidos da America.

O Sindicalista — Semanario que defende a accção revolucionaria para a conquista da emancipação dos trabalhadores.
Redacção: rua das Gaveas, 55--1.º—Lisboa.

Le Libertaire—(O Libertario) Importante seminario orgão da Confederação Comunista Anarquista Revolucionaria Françeza.
Redacção: rua Orsel, 15, Paris.

Salud y Fuerza — Revista mensal Neo-maltusiana e anarquista.
Redacção: Provenza, 117 pral, 1.º—Barcelona.

La Voz del Campesino—Periodico de propaganda libertaria entre os trabalhadores do campo, de que acabamos de receber o n.º

1. Apresenta-se com magnifico aspecto material e insere como lêma: *A Terra aos trabalhadores.*

Redacção: Calle Florales, 135, Barcelona.

Der Freie Arbeiter (O Livre Trabalhador) Semanario orgão da Federação Anarquista Alemã.

Redacção: Oraniente, 187, Stffl, Berlin.

La Batalla Sindicalista—Quinzenario revolucionario, defensor das classes oprimidas.

Redacção: Real, 21-3.º, Ferrol, Espanha.

Freedom—(Liberdade) Periodico comunista anarquista que se publica em Londres.

Redacção: Ossullon, 127, Street, N. W.

La Voz del Pueblo—Quinzenario sindicalista revolucionario, orgão dos sindicatos obreiros de Tarrasa.

Redacção: Quemada, 15, Espanha.

Tierra!—Valente campeão do ideal anarquista que vê a luz na Republica de Cuba. Publica-se semanalmente.

Redacção: Dragones, 31-y-33 Habana.

El Porvenir del Obrero—Semana-rio de propaganda anarquista que se publica em Mahón, Espanha.

Les Temps Nouveaux (Os Tempos Novos) Semanario anarquista-comunista com um suplemento literario todas as semanas.

Redacção: Rua da Broca, 4, Paris.

La Accion Obrera—Semana-rio sindicalista revolucionario de Buenos-Aires.

Redacção: Méjico, 2207, Argentina.

Solidaridad Obrera — Semanario sindicalista revolucionario orgão da Confederação Regional do Trabalho da Catalunha.

Redacção: Calle Pomena, 24-2.º, Barcelona.

A Lanterna—Folha semanal de combate ao clericalismo e de tendencias anarquistas.

Redacção: Largo da Sé, 5, S. Paulo, Brazil.

O Proletario — Quinzenario sindicalista revolucionario.
Redacção: Largo de Camões, 2-E, Aveiro.

O Grito Social—Quinzenario de tendencias anarquistas.
Redacção: Aradas, Aveiro.

O Libertador — Quinzenario sindicalista revolucionario orgão dos operarios tanoeiros do Porto e Gaia.
Redacção: Avenida da Republica, Vila Nova de Gaia.

A todos estes camaradas de luta pela integral emancipação das classes trabalhadoras o nosso abraço de solidariedade.

— No proximo numero continuaremos publicando a lista dos jornais que visitam a nossa redacção.

Na sociedade socialista todos os meios de produção ficam concentrados nas mãos do Estado e não ha modo algum de escolher.

Os atuais trabalhadores gosam hoje de mais ampla liberdade que a que teriam com a sociedade socialista.

Kaustki.

A REVOLTA



Quinzenario orgão da Federação Anarquista na Região do Sul

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Sá Bandeira, 11 — 2.º
COIMBRA — Portugal

Propriedade da FEDERAÇÃO ANARQUISTA
DIRETOR — Augusto Quintas
EDITOR — José de Azevedo

Composição e impressão
Típ. MINERVA CENTRAL
Rua Tenente Razeide — Aveiro

Organização Operaria e Organização Anarquista

No ultimo Congresso Anarquista, realizado este ano em Paris com a assistencia dos mais conhecidos elementos libertarios daquella grande cidade, reconheceu-se e formulou-se a conveniencia que tem os anarquistas em acionar nos sindicatos operarios.

Porém a decisão ali tomada com o fim de aproveitar a aglomeração dos trabalhadores e portanto dos explorados para lhes ensuflar a ideia da **Greve Geral Expropriadora**, mantendo ardente a chama sacrosanta da rebeldia e fazer do sindicato um organismo de ativo combate contra o capital, impedindo com os nossos esforços que os trabalhadores vão cair nas mãos dos politicos, tal decisão — repetimos — não supõe de forma alguma o abandono da organização netamente anarquista.

Para aqueles que, como nós não lido as teorias libertarias e concebido a Ideia Anarquista ha alguma coisa de mais grandioso e sublime por que devemos lutar; alguma coisa mais nobre e magnanimo que a luta de classes, mantida pela organização operaria: **é a luta pela felicidade universal, pela harmonia, pela igualdade, pela libertação humana.**

Para os que, como nós, conhecem e aneiam ver terminada essa degladição que todos constatamos entre a classe que produz e a que detem a terra e os instrumentos de trabalho, entre os escravos e os senhores, ha uma luta mais generosa que a que existe entre classes, para o conseguimento dum miseravel aumento de salario, alguma coisa mais al-vantada: **a extinção desse mesmo salario que constitue a moderna escravidão do povo.**

Todos os que conhecem o estado que hoje, devido ao progresso da mecanica, tomou o conflito economico, sabem que o aumento de salario conseguido após extrema luta não modificou de nenhuma forma a finança do operario, pois que o patrão, aumentando o custo dos produtos, imediatamente fará pagar ao operario-consumidor o que lhe levou como operario-produtor.

A causa da miseria do operario não está na insignificancia do salario percebido, mas no sistema básico da sociedade atual.

Por isso nós os anarquistas, proclamando a necessidade de fazer abalar com a persistencia da nossa propaganda e da nossa ação revolucionaria os pôdres alicerces desta corrupta sociedade, vamos mais longe, afirmando: **que a questão não consiste no aumento de salario mas na plena e completa modificação do atual estado societario.**

Ora, como diziamos no anterior artigo, para intensificar esta propaganda e praticar esta ação, é preciso congregiar os nossos esforços, fortalecendo-nos assim; reunindo — não como na organização operaria, para o conseguimento de simples reivindicações —, mas para efetivar o triunfo das nossas aspirações; para realizar a sociedade perfeita, sem senhores nem escravos, sem tiranos nem vassallos, **A Anarquia.**

Quer isto dizer que devemos abandonar a luta nos sindicatos? De forma alguma. O nosso esforço é necessario em toda a parte onde se luta.

E' preciso criar consciencias no meio operario, evitando sempre o jogo que com a massa se propõem fazer todos os politicos que aspiram subir aos plintos do poder.

E' preciso manter vivo, no seio dos trabalhadores, o espirito de revolta contra as iniquidades e crimes das tiranias; é preciso preparal-os enfim, a receber e assimilar a propaganda que cá fóra, nos jornaes, no livro, na conferencia hemos de semear a flux, fazendo assim germinar nos seus cerebros o Ideal que ha-de emancipar a **Humanidade.**

Para esta propaganda que hemos de levar a efeito é imprescindivel, se queremos realizar e conseguir algo, a agitação dos

que pensam. O reinado das tiranias, dos amos e dos senhores já vai longo. E' preciso preparar-nos para a **Revolução Social Expropriadora** que ha-de libertar o velho mundo da escravidão secular.

Para isso, libertarios, reuni as vossas forças, formai grupos, federal-vos!

A HUMANIDADE LIVRE

O seculo passado e o principio do atual até hoje, têm sido fases de conjugação de forças proletarias, de difusão de critica demolidora contra as bases injustas e irracionais em que assenta a sociedade burgueza, e de construção de vastos planos duma organização, egualitaria e harmoniosa, duma patria Universal onde todos os seres humanos encontrem um certo bem-estar impossivel de se obter presentemente.

O seculo anterior foi essencialmente demolidor e revolucionario, devido aos ataques soberbos e certos que se vibraram com um calor inflamado de entusiasmo, pela defeza da Verdade e da Justiça, nas seculares instituições do estado e da propriedade, que escravizam os povos ha longos annos, imobilizando-os no rido aspero e submissa de bestas de trabalho.

Ainda o impulsionava, embora frouxamente, o fogo arrebatador do braseiro incendiado de liberdade, que a Revolução Franceza derramou a jorros sobre o universo inteiro, incutindo em todos os cerebros as revelações modernas da Ciéncia, e suscitando em todos os corações a generosa moral da solidariedade.

Foi a primeira vez que os deserdados da terra fraternisaram na mesma comunhão de ideias e sentimentos, e lançaram ousadamente pelas janelas da Internacional o seu anátema vigoroso de protesto, contra a exploração capitalista e contra o despotismo da autoridade.

Este movimento organisador de resistencia operaria, assumiu proporções tão notaveis de guerra franca e aberta á desigualdade economica, e engrandeceu-o tão fulgurantemente a avidez emancipadora que regorgitava em todos os peitos dos trabalhadores; que a burguezia assustou-se, e aterrada contemplou essa magistral pleiade de intrepidos lutadores.

E uma repressão furibunda e implacavel, satisfez a larga sede de vingança dos potentados terrestres, que não desanimaram, enquanto o espectro imponente da Internacional não caiu vencido e esfacelado. Mas os agitadores tinham deitado prodigamente á terra, á grande mãe carinhosa e fecunda as sementes libertadoras, dum Ideal de Bondade e Amór, que nascia nos horizontes claros das imaginações ardentes, sementes que germinaram com abundancia, cheias de vida, palpitantes e uma seiva fremente que revigora as almas, clareando inteligencias, definindo ideias, resuscitando paixões

veementes e dedicações sublimes que abalaram por todos os lados, o borolento edificio social.

Entre as luminosas e caracteristicas figuras, que immortalisaram este passado repleto de gloria e de honra notabilisadora, que ha-de ficar eternamente gravado nos anaes das lutas do operariado mundial, sobressai nobre e audaciosa, a figura de Bacunine, com o seu perfil de rude batalhador, sempre abraçado pelo clarão de revolta, sempre iluminado por uma abnegação altruista e desinteressada.

Defensor acerrimo dos humildes párias, este fogoso tribuno das multitudes era a encarnação suprema das aspirações populares, e prodigiosamente os alimentou com o folgor da sua palavra eloquente, com o tom decidido e vibrante da sua mascula complexão fisica e moral, com a sua alma imensa de destruição, infillada de fogo, e nos seus nervos dos oprimidos, uma grande parte da sua coragem heróica e dos seus aneios revolucionarios.

Com a sua morte, a internacional perdeu um dos vultos mais salientes, da mais firme bravura que appareceram na arena libertaria, uma individualidade que gastou todo o seu esforço vital e talentoso, na solidificação dessa famosa associação, que pouco tempo depois morria coberta de triunfos valorosos e dignos.

Desde essa epoca, até ao principio do nosso seculo, o **anarquismo** entrou numa fase completamente nova de construção, de aturada analyse social, de esclarecimento de diversos pontos obscuros da doutrina que ofuscavam a ideia, e entravavam o seu desenvolvimento progressivo na estrada ampla duma transformação radical das sociedades.

Novas individualidades iminentes surgiram, de vasto saber enciclopédico e de elevada integridade moral, como Kropotkine e Réclus e muitas outras que imprimiram ao Ideal Anarquista, uma orientação científica e filosofica, solucionando com um rigoroso criterio de verdade, grande numero de dificuldades e objecções, apresentadas por sabios burguezes no intuito de amesquinhar a doutrina, que a consagraram definitivamente, e ergueram esses homens a uma categoria de respeito e veneração pelo seu prestigio intelectual. Foi com esse concurso valioso de vontades de ferro, de cerebros privilegiados, e com um amór intensissimo devotado á expansão da Verdade e ao culto do Bem, sómente tendo em vista a felicidade completa da humanidade, é que o movimento socialista-anarquista se robusteceu poderosamente n'estos

últimos tempos, sendo hoje a única solução justa, que pode libertar a humanidade sofredora da iniquidade capitalista e da opressão do estado.

Uma sociedade anarquista não constitui hoje, como erradamente se diz e pensa, um conjunto de quimeras irrealisáveis, nem tam pouco é uma constituição de salteadores onde predomine a desordem e o incendio. A conceção livre, duma sociedade comunista-anarquista, desabrochou espontanea e natural da asfixiante vida social, que bestialisa as inteligencias, e depaupera fisicamente os homens, das manifestas tendencias individuais para a solidariedade humana, das pessimias

condições economicas em que vegetam as classes trabalhadoras, das injustiças flagrantes que dividem os homens, porque os instrumentos do trabalho e os frutos da riqueza se conservam nas mãos duma minoria ociosa, enquanto a grande maioria produtora vive na escravidão e na miseria.

Uma sociedade anarquista finalisa com todos estes sofrimentos, organizando o funcionamento das sociedades baseadas no livre acordo, no trabalho voluntario, na maxima liberdade, condições bastante necessarias para que a humanidade seja verdadeiramente livre.

J. Carreira.

Sindicalismo Reformista e Anarquismo

Custa vêr, logo após o esfriar dos ardores revolucionarios, manifestar-se o desejo de discutir as teorias, de revisar os metodos e de... formular conclusões diametralmente opostas ás afirmações feitas durante os periodos belicosos.

Ha algum tempo que todos os metodos d'ação do sindicalismo obreiro sofrem uma analise dialética, ou por outra passam por uma trituração laboriosa; isto com o unico fim de converter num reformismo calmanete as veleidades de insubmissão que surgissem ainda no seio do povo.

Reconheceram que as greves eram demasiado numerosas e mal preparadas; que não refletiam devidamente, antes de as declarar, nas dolorosas consequencias que elas acarretavam; que, por outro lado, a sua espontaneidade e a sua forma batalhadora nem sempre denotavam um perfeito conhecimento da difficil situação onde elas se declaravam. Que conhecem os conflitos economicos desencadeados pela embalagem irrefletida provocada pelos irresponsaveis, com as suas «excoitações demagogicas», para levar os movimentos operarios para um campo politico, quando, pelo contrario, eles não deviam jamais afastar-se do terreno puramente corporativo que lhes era conveniente.

A respeito da **Gréve geral**, este espantoso grito de guerra que tanta vez tem feito tremer os exploradores, eles dizem, como de passagem, reconhecer que não tinha mais prestigio que a de classe.

E o mesmo dizem da **Ação directa**. Se este metodo deu perfectos resultados, não sucede hoje o mesmo, com um patronato organizado e os agentes da ordem mantidos permanentemente.

Emfim, a **Sabotage**! Que dizem agora desta pratica de luta tão assoladora e ruinosa para os patrões? Seria excelente noutros tempos, mas, ao presente, a sua eficacia é contestavel. Nós diremos mais: a **Sabotage** volta-se contra os que a exercem e acusa da sua parte uma certa depressão moral. Abate a sua dignidade e leva-os ao nivel dos brutos. Jamais a honra da classe trabalhadora baixaria, se não tivesse recorrido a uma destruição sistematica das materias primas e a uma delapidación dos instrumentos de trabalho. E' uma desqualificação da sua personagem o esmagar o seu produto; é desonrar-se, o destruir a obra modelada pelas suas mãos e elaborada pelo seu cerebro.

Eis o que clamam e proclamam os *assagis* do sindicalismo e os grandes retóricos da politica.

Os homens que glorificam uma estreiteza de luta puramente corporativa, que restringem o campo de combate do sindicalismo e limitam o emprego dos meios de guerra que possuem os salariados, esses homens são sinceros?

Teem eles uma opinião que possa ser discutida. Eu não o creio. Eles não são sinceros e a sua opinião não é mais que a expressão duma consciencia interessada na ordem de coisas existentes.

Mas esses sindicalistas e o chefe do partido socialista unificado não são os revolucionarios. Os primeiros, tirando o espirito de revolta aos explorados, preparam os pacientes, os servís, que se volvem desorganizadores. O segundo, Jaurés, combatendo a **Sabotage** arranca das mãos dos trabalhadores a arma mais forte de que dispõem contra os seus inimigos.

Quando os homens que estão á testa do sindicalismo insultam os que lealmente contradizem e combatem o seu reformismo conservador, fazem obra anti-revolucionaria. E quando Jaurés, na *Humanité*, pretende fazer passar os *saboteurs* por simples ladrões, nós podemos dizer que este chefe politico é um caluniador servindo os moveis interesses de vulgares politicos.

A campanha eleitoral aproxima-se: ser-nos-ha dado provar que não temos sido injustamente severos nas nossas qualificações.

E' demasiado civismo, vir falar-nos de ponto d'honra, de dignidade obreira, de salariato honesto.

Fôra! Imprudentes que sob o pretexto de nos proteger, nos cintura o corpo para impedir de nos defendermos e permitir aos nossos adversarios esmagar-nos impunemente.

Roubam-nos a nossa liberdade de homens, a nossa subsistencia e não temos o direito de revolta? E então os falsos irmãos que nos atraçoam; os mandantes que pactuam com os nossos amos; os policias que carregam sobre nós e a tropa que nos espadeira? Não devemos defender-nos por todos os meios e usar a **Sabotage**?

Sim,—não acrediteis Jaurés— a **Sabotage** é um precioso meio de luta de que nós não fazemos ainda o necessario uso. Este meio tem uma vantagem sobre todos os outros: é que ele póde corresponder a todas as fases de batalha. Não sómente ele póde ser empregado nas duas taticas: ofensiva e defensiva, mas ele póde ainda fazer a coersão; a ruina do banqueiro, tornando impossivel a vida social presente, se

fôrmos tenazes na nossa acção de combatentes.

Não temos que fazer sentimentalismo com os que nos oprimem. Os nossos exploradores não exitam em nos roubar, saboteando, sem piedade, a nossa existencia para enriquecer. E não analisaremos as vergonhas e as miserias que os *saboteurs* burguezes nos impõem.

Ah! não, que isto basta.

A Revolução Social que se anuncia será talvez a degladição das boas e peores paixões. Mas seja o que fôr que nesse momento se presencie, não nos será dado vêr coisas tão odiosas, tão ferozmente aversiveis, tão torturantes e tão hipocritas como as que nos rodeiam.

E vós sindicalistas timoratos ou adormecidos, sacudi o vosso torpôr: vindo engrossar as fileiras dos *saboteurs*, dos verdadeiros Anarquistas Comunistas Revolucionarios: sereis bem recebidos.

(De *Le Libertaire*).

Michel.

.*.*

N. da R.—O presente artigo publicado em fundo com a epigrafe *Ne dédaignons pas les moyens d'action* no brilhante bi-semanario de Paris, dirigido por Sebastião Faure, constitue uma resposta ás declarações feitas por Merheim na conferencia por este realisada nas Bolsas do Trabalho, no decorrer da qual foram pronunciadas as seguintes frases: *E' preciso que a Confederação Geral do Trabalho não seja a presa de uma seita, quer de anarquistas quer de irresponsaveis. As greves geraes continuas devem ser postas de parte. A acção social demasiada prejudica a acção corporativa.*

O Congresso Nacional Operario

Deve realizar-se pelos fins de janeiro e principios de Fevereiro um Congresso Operario, na cidade de Tomar, com o fim de unificar a familia proletaria, na Confederação Nacional do Trabalho.

Será esse Congresso uma demonstração das forças proletarias do paiz contra quem os governos da Republica hão feito toda a casta de perseguições, tolhendo-lhes o passo a cada instante, já perseguindo os seus militantes, já encerrando as sédes das suas associações.

Nos ultimos tempos os governos teem mantido dentro das prisões a maior parte dos militantes operarios, precisamente aqueles que mais alguma coisa podiam fazer nessa grande reunião, a efetuar com o intento da realização dum organismo de combate solido.

Segundo as discussões que temos acompanhado na imprensa, nessa reunião não se discutirá a tatica que a C. N. T. deve seguir uma vez organizada. Tem dito o camarada Carlos Rates que uma vez dentro da Confederação se discutirá a melhor forma de a orientar.

Nós somos Sindicalistas Revolucionarios e por isto mesmo opinamos que nessa grande parada se discuta a tatica a adotar, fazendo vêr, ao mesmo tempo, a todos os governantes e aos que o pretendem ser que a classe operaria não é já o que eles pen-

sam: uma escada que conduz ao poleiro, e onde uma vez lá se não cuida nunca naqueles que serviram de degrau.

A questão da tatica a adotar é precisamente uma das coisas que mais interessa á classe operaria, visto que o Congresso é organizado por elementos reformistas os quaes certamente, uma vez no Congresso, hão de defender por qualquer modo a tatica reformista. Já Mario Nogueira nos seus artigos no *Socialista* tem pretendido defender a tatica de que é partidario, no que tem sido contradito pelo camarada Rates, isto é, só no que respeita ás Bolsas e ao Instituto do Trabalho, que quanto ao resto fica para dentro da Confederação, no que não concordamos, pois, segundo a nossa forma de vêr desde já se devia fazer a mais larga propaganda do método revolucionario, para este ser discutido, visto que os reformistas hão de pretender impôr o seu metodo, como succedeu em todos os congressos realisados antes de 1909, congressos em que eles teem entrado e pugnado sempre pelo reformismo, tentando até tomar a organização operaria como um baluarte do Partido Socialista.

Não devemos por qualquer forma deixar que a organização operaria cáia nas mãos dos elementos reformistas, e muito menos naqueles que andam embruhados na politica.

Manuel d'Abreu.

N. R.—Sobre o mesmo assunto tomemos em nosso poder um artigo do camarada Oscar Mandslay que publicaremos no proximo numero.

A redação reserva-se o direito de se pronunciar ulteriormente sobre a presente questão.

A Anarquia

E' um erro empregar a palavra Anarquia como sinónimos de violencia, pois são coisas opostas.

No presente estado social, a violencia a cada momento se emprega e por isso nós também propagamos a violencia, porém, sómente contra a violencia, como um meio necessario para a defeza.

A Anarquia é a ordem sem governo.

Nós, os anarquistas cremos que se avisinhem os tempos em que os explorados reclamarão seus direitos aos exploradores e cremos ainda que a maioria do povo, os trabalhadores da cidade e dos campos revelar-se-hão contra a burguezia de hoje.

Miguel Schwab.

Anarquico é o pensamento humano e para a Anarquia caminha a Historia.

Juan Bovio.

A REVOLUÇÃO MEXICANA

Os jornaes burguezes inserem largas referencias sobre o movimento politico do Mexico.

Depois do assassinato dos irmãos Madero, o ditador Huerta proseguiu na série dos seus crimes; Felix Dias voltou ao Mexico para de novo disputar a presidencia e reocupar o poder de onde ha anos havia sido deposto; o partido de Carranza, em luta, ganha terreno; os Estados Unidos entreveem para apoiar este *sait-disant* liberal contra Huerta.

Taes são, em resumo, os factos plenamente referidos pela imprensa mercenaria.

Mas, quer com o apoio dos Estados Unidos, o reaccionario Huerta seja substituido por Carranza, quer não, nada fará mudar durante longo tempo ainda a situação, não nos privando de vêr, quiçá por alguns anos, o territorio mexicano invadido pelo fogo e regado por rios de sangue.

A propaganda levada a efeito ali pelos camaradas anarquistas, a lição colhida pelos Jaquis da leitura do manifesto dos libertarios, redigido por Magon, foi tão completa que hoje os chefes carranzistas só conseguem substituir as suas tropas com a promessa de distribuir as terras aos camponeses.

Mas como estes carranzistas igualmente aspiram á conquista do poder, os anarquistas-comunistas combatem-nos com o mesmo ardor com que perseguem as tropas federais de Huerta.

Ultimas noticias

Por noticias chegadas do campo revolucionario e insertas no jornal burguez **El Imparcial** e ainda completadas com as directamente colhidas pelos camaradas de **Regeneración**, sabe-se que no estado de Sonora tres mil indios armados de espingardas e dispoem de munições, tomaram os povos de Palma, Bacún, Cocorit e Tórin, travando combate com as tropas de Maytorena, a quem derrotaram, tendo

em seguida incendiado os quartéis e os principais edificios, proclamando-se unicos donos daquelas regiões.

— Perto da estação de Las Tablas os revolucionarios comunistas fizeram parar um comboio de mercadorias apoderando-se destas e fazendo voar em seguida a locomotora com o auxilio de uma forte caixa de dinamite.

— Tambem um comboio de passageiros que havia partido de Puebla com destino á Capital, foi assaltado, tendo sido fusilados dois tenentes do exercito federal.

— Los Reyes, cahiu em poder dos chamados bandidos, sem necessidade de disparar um só tiro, pois ao aproximarem-se os burguezes reuniram mandando uma comissão a pedir que entrassem pacificamente. Os rebeldes exigiram imediatamente dois mil pêsos em ouro para a revolução, quantia que lhes foi entregue. No dia seguinte voltaram exigindo dinheiro, cavalos e outros elementos de guerra.

— Os revolucionarios tomaram a rica mina de carvão denominada *Rosita* de que foi detentora a familia do tirano Madero.

— Os jornaes burguezes do Mexico referem que os rebeldes se apoderaram duma vasta região entre Coaxacoalcos e Alvasado. Diz a mesma informação que os *bandidos* se entregam á mais desenfreada *pillagem*, como os burguezes chamam á expropriação dos bens naturaes e a tudo produzido pelo homem laborioso e que por milhares de anos tem estado nas mãos de uma minoria enquanto a maioria morria de fome.

No Mexico inicia-se a grande revolução annunciada por tantos pensadores.

Talvez que bem depressa possamos ver o mundo inteiro seguir tão nobre exemplo para pôr fim a esta já longa luta e exploração do Homem pelo Homem.

PROPAGANDA ANARQUISTA NO ALGARVE

Ao meu caro amigo Bartolomeu Constantino

VI

Em 1906, fundou-se em Faro o *Grupo Jovens Libertarios*, e, em 11 de Novembro do mesmo ano o grupo fazia publicar um manifesto aos trabalhadores do Algarve, comemorando a data tragica do assassinato dos anarquistas de Chicago.

O manifesto foi apreendido pela policia e presos diversos camaradas. Motivou a apreensão do dito manifesto, o publicar algumas palavras proferidas pelo martyr da ideia anarquista Augusto Spies, no tribunal de Chicago perante o juiz que o condenou á morte:

«Quereis acabar com os agitadores? Aniquilai os patrões que ajuntam as suas fortunas com o trabalho dos operarios; acabai com os detentores da terra que acumulam tesouros com as rendas que arrancam aos miseraveis e esqualidos lavradores; destruí as maquinas que revolucionam a industria e a agricultura; que multiplicam a produção, ar-

ruinam o produtor e enriquecem as nações; suprimi o caminho de ferro, o telefone, o telegrafo, a navegação, o vapor, suprimi-vos a vós mesmos, porque excitaes o espirito revolucionario...»

Após a publicação do manifesto surgiram as perseguições á propaganda anarquista, havendo no momento por parte dum grupo de camaradas, mais alento e mais vigor para a luta, na defeza do grande e alevantado Ideal da Felicidade Humana!

Mas... os outros camaradas começavam por fugir cobardemente do nosso campo de batalha em prol da Anarquia. Depois vieram os politicos, a dizer-nos que era preciso primeiro de que tudo fazer-se a Republica e, que logo a seguir, as ideias dos operarios eram um instante a ser um facto. O maior numero de camaradas deixaram-se ir arrastados com as promessas dos politicos intrujões, e, ainda outros, fizeram-nos uma guerra atroz, infamando vilmente as ideias que diziam lhes ser sagradas; continuando, ainda hoje, esses reles renegados, quão nojentos transfugas, a procederem contra as ideias anarquistas que hontem pareciam ser defensores, colocados agora duma maneira tão imbecil e canalha dentro do partido socialista de game-

la... Devido a toda esta lama que tanto sujou os principios, é que a propaganda bastante afrouxara, sofrendo a ideia um grande atrazo no Algarve, principalmente em Faro.

Desde 1906 a 1912, quasi nada se poudo fazer de util, em prol da propaganda anarquica, devida ao diminuto numero de camaradas que fazia a sua difusão.

Em 1908, constituia-se em Faro um pequeno grupo de camaradas, com a denominação de **Livres**, em 18 de Março do mesmo ano efetuaram uma sessão de propaganda na Associação dos Operarios Sapateiros, comemorando a data revolucionaria da *Comuna de Paris*; fez-se tambem no mesmo sentido, espalhar aos proletarios, um energico manifesto de homenagem aos martyres da Comuna. Após este trabalho de propaganda, o *Grupo Livres* paralisou a sua ação.

Em 1909, em Monchique, fundava-se o grupo **Paz e Liberdade**, que desenvolveu uma ativa propaganda entre os trabalhadores do campo; adieru tambem ao protesto próvitimas da tirania japoneza.

Em 1911, em Faro, organizava-se de novo, o grupo **Jovens Libertarios**, dando a sua adesão á Federação Anarquista na Região do Sul, e, quando esta federação em 11, 12 e 13 de Novembro do mesmo ano, efetuava o 1.º Congresso Anarquista em Portugal, o grupo fez-se representar por um seu delegado nessas grandiosas reuniões de Confraternização Anarquista.

Foi a partir desta data, que outra vez no Algarve, irrompem de novo o dar-se o segundo impulso á propaganda do desenvolvimento das ideias comunistas-anarquistas.

Assim o *Grupo Jovens Libertarios* movido dum grande entusiasmo e uma poderosa força de vontade em favor do ideal da emancipação proletaria, lança-se intrepidamente no vasto campo da luta social a pelear pelas mais sãs reivindicações humanas!

Em 13 de outubro de 1912 saiu em Faro o 1.º numero d'**O Libertario** que foi o primeiro jornal anarquista até hoje no Algarve; houve ao mesmo tempo a tentativa da organização da **União Anarquista Algarvia**. Em Portimão formava-se o grupo **Verdade**, em Olhão o grupo **Filhos do Sol** e em Boliqueime ainda se chegou a organizar o grupo **Homens Livres** e aqui em Faro acaba-se de organizar o **Centro Libertario** e, breve reaparece **O Libertario**, que dará um grande avanço á propaganda do sublime e redentor ideal anarquista, na provincia do Algarve.

Camaradas! Trabalhadores!

Despertaí para onde o Sol da Liberdade se levanta; indicando-nos a rapida marcha para a inevitavel e grandiosa **Revolução Anarquista!**...

A sociedade atual está infame e pessimamente organizada na exploração do homem pelo homem, é necessario que nós os anarquistas, façamos o maximo de esforços bem combinados, para que no ataque decisivo e revolucionario que lhe pretendemos dar no já proximo futuro saíamos triunfantes legando á Nova Humanidade ditosos dias de felicidade numa era de paz, justiça e amor.

Cumpre-nos a nós os anarquistas, sermos os primeiros a irmos fazer entre os trabalhadores das cidades e dos campos a propaganda das nossas ideias generosas e lutarmos intensamente contra a defeza imensa multidão proletaria, enorme legião faminta e escrava que produz todas as riquezas sociaes, que a la-

dra burguezia se ufana de gozar o que constitue uma vergonha á luz do progresso e da civilização.

Povo traballador: quando será que para ti chegue a soar a hora da tua integral emancipação? Quando tu nos dères as mãos e impôes-te contra quem te explora e oprime.

Ergue-te e vem depressa conosco enveredarmos pelo caminho que conduz á nossa emancipação economica e social. E então, só então nascerá para ti oh! escravo moderno, uma nova aurora de justiça e liberdade — o **Comunismo Anarquista**.

Terminando dedico tambem estas minhas palavras a todos os deserdados da terra e ao mesmo tempo saúdo a grande Familia Anarquista que se espalha por todo o orbe terrestre.

Um abraço fraternal a Bartolomeu Constantino como um dos mais bravos propagandistas do Anarquismo em Portugal.

(Conclusão)

JOSÉ FRANCO.

Não ha patrias; dum pólo ao outro, só vejo tiranos e escravos.

Diderot.

A MORAL E A RELIGIÃO

As religiões em geral e especialmente a catolica, cuja preponderancia é manifesta na raça latina, impõe como obrigação, *sine quo non* aos seus proselitos que aceitem integralmente sem queixumes nem reparos as sentenças que do alto do sanhedrim romano, o chefe da igreja, como bom pastor, dita as suas ovelhas que aspiram a melhores mundos no além tumulo. Mas não é só esta. As demais religiões persistem no mesmo erro.

Os metafisicos religiosos, os illustres *psicologos* que se entretêm com o *estudo* sobre a imortalidade da alma, os doutos e insignes varões illustres da igreja, não se cançam de predicar que os seus discipulos e adeptos devem desprender-se em absoluto das coisas terrenas onde tudo é passageiro, para depois da morte obterem no reino dos ceus um lugar de honra para toda a eternidade.

E' tal e tão acendrado o odio que esses asseclas de *deus* dedicam á especie humana, que não trepidam ante os meios a empregar para insuflar no espirito do individuo a ideia de que a saude corporal, a beleza, o amor, os bens terrenos emfim, são coisas despreziveis comparadas com a salvação da alma.

O exame de consciencia, praticado pelos ascetas, é uma escola de degeneração e de desmoralização, verdadeiro estendal de miserias sociaes desfiadas uma a uma ante os olhos do penitente afim de despertar no seu intimo um sentimento de humildade que reduz o individuo á condição de automato.

Já os filosofos da escola de Stirner e Nietzsche ridicularisavam a moral catolica classificando-a de *moral dos escravos*; de facto, quando assim procediam, tinham a visão nitida de que semelhante sistema, apoiando-se no *miseravel* e no *abjecto* buscavam reduzir as ambições humanas no globo terraqueo, relegando-as para uns mundos imaginarios, fóra do ambiente que nos rodeia, quando tal felicidade a devemos procurar nas forças da Natureza que nos cercam.

Procurar, pois, a felicidade em mundos imaginarios, é o peor de todos os sistemas, mas que serve a cas-

ta sacerdotal ás mil maravilhas, para se tornarem os unicos e exclusivos directores no mundo real, o unico mundo onde existe a felicidade positiva.

A moral, hoje, é uma sciencia separada da religião e sem necessidade de ajuda alguma desta, nos dominios do mundo real. Os padres e os catholicos, porém, não o entendem assim, e, para eles, não é possível moral sem religião.

A justiça, é a unica moral em torno da qual devem girar todas as virtudes. Ora, nas religiões, o menos que se encontra é justiça; e tanto isto é certo quanto mais os apóstolos das religiões pretendem para si o unico poder na terra: o de ter a humanidade produtora ajoelhada a seus pés numa atitude de submissão que repugna e repulsa á consciencia humana.

Gulpilhares, 1913.

Geordano Bruno.

BIBLIA RUBRA

A sentença que condena á morte os Vaillants é impotente para suprimir ou sequer assustar o Anarquismo.

Está demonstrado, e pela propria policia, que, desde as primeiras repressões, o numero de anarquistas tem crescido na proporção de um para mil.

Pense-se o que será (quando Vaillant é guilhotinado) uma reunião secreta de anarquistas, dos verdadeiros, dos puros, desses milhares de operarios de coração generoso e exaltado, para que o Anarquismo é a verdadeira redenção da humanidade, e que admiram no homem que se sacrificou por essa ideia santa, um martir do amor dos homens.

E quando a sociedade mata os anarquistas — é a sociedade que fabrica as bombas.

EÇA DE QUEIROZ.

Além fronteiras

França

MOVIMENTO ANARQUISTA

Para elucidação de todos os camaradas que desejem comunicar com as federações anarquistas de França, damos a seguir as respectivas moradas:

Fédération Communiste Anarquistique Revolutionnaire. — 5, Rue Henri—Chevreau—Paris.

Fédération Communiste Anarquistique du Centre. — 43, Rue Montmailler—Limoges.

Fédération Anarquistique du Sud-Est. — 17, Rue Marignam—Lyon.

— Noticia *Le Temps Nouveau* de Paris, que por todo o corrente mez se distribuirá por todos os sindicatos operarios de França uma brochura do camarada Pierrot, com o titulo *Socialismo*

e *Sindicalismo*, com o fim de responder aos ataques dos sindicalistas e fazer conhecer o ponto de vista anarquista, na actual controversia entre sindicalistas e anarquistas.

Após sua saída, *A Revolta* dar-lhe-ha publicidade nas suas columnas.

Cuba

CONDENAÇÃO AFRONTOSA

O tribunal do Camaguey, condenou o camarada Evaristo Vasquez Llanó, a prisão perpetua. O defensor, dr. Zayas, apelou para o Supremo Tribunal.

O comité encarregado da sua defeza, não desanima e segue a sua humanitaria campanha, recordando aos companheiros de todo o mundo que ainda é tempo de arrancar a vítima das garras da burguezia.

Que todos enviem ao presidente da Republica Cubana o protesto reclamando a libertação de Vasquez!

China

PERSEGUIÇÃO Á IMPRENSA ANARQUISTA

Os libertarios do chamado Celeste Imperio que no mez de setembro começaram ali editando um semanario anarquista em chinês e esperanto, com o titulo *La Voz de la Povo* (A Voz do Povo), enviaram á imprensa anarquista de todos os paizes, uma comunicação na qual fazem sciencia que o governo chinês impediu a publicação do jornal por temer a difusão dos principios anarquistas.

Esses denodados camaradas resolveram continuar, dentro em breve, a sua publicação em Macau, para onde se dirigiram.

A nova direcção do jornal é: Sifo, 41, Rua da Praia Grande — Macau.

Construcção Civil de Evora

A direcção da Associação Evorense de Classes de Construcção Civil e Artes Auxiliares, participa a todos os sindicatos operarios do paiz que já reabriu a sua nova séde, na rua Pedro Simões, 22, Evora, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Pela Direcção,

Manuel dos Santos Peixe.

FERRO VIARIOS

Com larga concorrência realizou-se no ultimo domingo, na União Geral dos Trabalhadores, um comicio publico promovido por estes camaradas, em favor das suas justas reivindicações. Usaram da palavra entre outros oradores os camaradas Sergio Principe e José Gomes, que atacaram energicamente as infamias cometidas pela companhia contra a numerosa familia Ferro Viaria, e defenderam a acção revolucionaria como meio de terminar a vil explo-

ração de que são victimas por parte da gananciosa companhia.

Foi aprovada por aclamação uma moção de protesto contra a tirania governamental.

Aos assinantes de Evora e Leiria

Prevenimos os nossos assinantes destas localidades de que vamos proceder á cobrança das assinaturas em séries de 10 numeros, 130 réis, incluindo o porte do correio.

A estes, portanto, pedimos que, caso saiam, deixem em casa a importancia do seu debito, para evitar embaraços á administração

AOS AGENTES

Mais uma vez rogamos aos nossos agentes, a liquidação das suas contas para com a administração deste jornal.

A Revolta é uma publicação exclusivamente de propaganda anarquista.

Todos os que mais activamente nela cooperam, são trabalhadores que nenhuma recompensa auferem pelo seu trabalho.

Parece-nos, pois, justo que sejamos atendidos o mais prontamente possível.

Movimento Anarquista

Juventude libertaria

Na séde da União Geral dos Trabalhadores, realizou-se no penultimo domingo a primeira conferencia duma série que os camaradas da *Juventude Libertaria* vão levar a efeito para espalhar a educação libertaria no seio das classes oprimidas.

Foi conferente o propagandista Fernando Gomes que dissertou por largo tempo sobre **O Anarquismo**, e com aquella desenvoltura que lhe é peculiar, demonstrou o beneficio que traz para a Humanidade o sublime Ideal Anarquista. Com muita clareza fez vêr á assistencia que a terra é pertença de todos aqueles que trabalham, e não desses que vivem explorando a classe trabalhadora.

Concluiu dizendo que o povo só será feliz quando se libertar da tutela dos Estados e da politica, proclamando **A Anarquia** em toda a terra.

O conferente foi durante a sua palestra escutado pela assembléa no meio dum profundo silencio.

Saudamos os nossos camaradas da *Juventude Libertaria* pela sua bela iniciativa, e que não esmoreçam na propaganda pelos principios da verdadeira liberdade.

Grupo Anarquista «Revolta»

Reune hoje, domingo, pelas 12 horas do dia, conjuntamente com grande numero de camaradas,

para tratar de assuntos que dizem respeito á propaganda anarquista.

A reunião realiza-se na redacção da «Revolta».

Gabinete de leitura

Os jornaes e revistas de que recebemos permuta, e os folhetos e livros que nos forem oferecidos, estão postos á leitura livre dos camaradas e de todas as pessoas que simpatizam com as doutrinas anarquistas.

A nossa redacção, onde se encontra instalado o gabinete de leitura, encontra-se aberta todos os domingos das 9 horas da manhã ás 5 da tarde.

Federação Anarquista no Sul

Reuniu o *Comité Central* juntamente com os grupos *União das Mulheres Anarquistas*, *Rebeldes*, *26 de Novembro*, *Filhos da Revolta*, *Sol Universal e Braço e Cerebro*, de Portalegre, resolvendo aderir a todos os movimentos de libertação, quer sejam em favor dos camaradas presos quer em favor dos trabalhadores esmagados pela acção brutal do capitalismo. Protestou contra o criminoso silencio da *Associação do Registo Civil e Liga dos Direitos e Defeza do Homem* em face da prepotencia governamental que conserva encarcerados nas prisões da Republica os livres pensadores portuguezes que se não curvam perante o tirano Afonso Costa.

Foi lida e apreciada uma carta do camarada Cipriano Proença, preso no Limoeiro por uma falsa denuncia, descrevendo o seu precario estado e de sua companhia que se encontra tuberculosa, com tres filhos de tenra idade. Sobre este assunto resolveu officiar á Associação dos Gazomistas pedindo a cedencia das suas salas afim de se dar ali um beneficio. Em face de ser uma obra justa e humanitaria, a Federação roga a todos os camaradas anarquistas e homens de coração o seu apoio moral e material em prol desta causa.

Centro Regeneração Humana

Alcantara—Lisboa

A comissão administrativa deste centro, reunida em 3 do corrente, deliberou apelar para todos os camaradas socios, o pagamento das suas quotas em atraso, e, seu apoio moral e material a favor do mesmo centro para que se não dê o caso de serem os proprios anarquistas a contribuirem para o esfacelamento das suas organizações.

Grupo Rebeldes

Lisboa

Reuniu este grupo e resolveu entre outros assuntos de caracter interno, manter a sua adesão á Federação Anarquista, na Região do Sul, e nomear delegados á mesma.

O secretario,

Alfredo dos Santos.

A REVOLTA

Quinzenario órgão da Federação Anarquista na Região do Sul

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Sá Bandeira, 11 — 2.º
COIMBRA—Portugal

Propriedade da FEDERAÇÃO ANARQUISTA

DIRETOR—Augusto Quintas

EDITOR — José de Azevedo

Composição e impressão

Tip. MINERVA CENTRAL

Rua Tenente Rezende — Aveiro

Um ano de tirania

Ao alvorecer da manhã de 4 de outubro do ano de 1910, houve gargantas que, vocalizando o sentir dos corações, preromperam em estrepitosos **vivas á liberdade**. E após uma breve luta os que pelejavam entregaram as armas.

Novos senhores foram aclamados, e não tardou que estes comessem tiranizando os que com o seu esforço e coragem os elevaram aos plintos, ás culminancias do poderio.

Cinco mezes depois os novos tiranos receberam o batismo de sangue com o fusilamento, na cidade de Setubal, dos trabalhadores declarados em greve para reivindicar uma parte minima dos seus direitos á tanto tempo protelados pelos seus exploradores.

Este primeiro acto bastava como prova do que era essa Liberdade pela qual ardorosamente se pelejou e que os estrepitosos vivas dos revoltosos saudavam naquele dia do outono de 1910.

Mas... aquilo ainda não era nada. Os factos sucederam-se, precipitando-se breve, em extraordinario numero, numa continuidade que raro se observa. Greves abusiva e violentamente sufocadas; os direitos do povo miseravelmente desrespeitados; as parcas liberdades consignadas na Constituição ferozmente reprimidas; amordaçada a ancía de justiça; a imprensa livre e independente suprimida, amarrada ao pelourinho da estupenda venalidade. E por aqui fóra a critica, o livre exame, tudo, tudo abafado pela força e pela arbitrariedade.

Mas a opressão, a violencia, a tirania dos modernos senhores ainda não estava plenamente demonstrada com tudo isto.

Tempo viria em que, sobre os que haviam exposto seu peito ás balas defensoras da autocracia, seria praticada a ultima das violencias, a maior das arbitrariedades.

Começou o ano que ora se esvai na eviternidade dos tempos, e com ele começou tambem, sob o imperiatio de **Afonso Costa**, o que propriamente se poderá chamar: a cabal demonstração dos sentimentos dos tiranos de hoje.

Neste lapso de tempo, registaram-se os factos mais arbitrarios e ofensivos dos proclamados Direitos do Homem.

Com a subida ao poder de **Afonso Costa** desencadeou-se contra o povo a opressão mais violenta que registam os anais da historia dos povos.

Na furia sangrenta das suas perseguições movidas contra os anarquistas, no seu insano desejo, abertamente expendido, de **exterminar o sindicalismo**, este homem recorreu ás ultimas infamias.

Ordenou o encerramento da Federação dos Trabalhadores Ruraes de Evora e da Construcção Civil de Lisboa; dissolveu a Casa Sindical; ordenou a apreensão dos jornais operarios; impediu a realização de comícios, e, para complemento da sua obra, ordenou a prisão de centenaes de pessoas que ainda hoje mantem nas Bastilhas do Continente e ilhas adjacentes, sem julgamento.

Este homem atirou sobre nós a ultima pedra, celebrisando-se mundialmente pelo amontoado das suas prepotencias.

Ha quasi um ano que a sua obra assente sobre o arbitrio, esmaga os anseios deste povo.

Vai terminar o ano. Oxalá que com ele vejamos terminar a cinica tirania que com ele começou e que ainda hoje nos oprime e avilta.

Socialismo Reformista e Socialismo Libertario

Tendo ha dias uma palestra com um amigo meu e ao qual expuz as ideias libertarias, senti-me bem disposto ao vêr que

o individuo em questão recebia as minhas doutrinas com verdadeiro interesse. Assim, discutindo *socialismo reformista e socia-*

lismo libertario, vi que o meu amigo em parte laborava num êrro porque declarando-se partidario do *Anarquismo* de fórmula alguma aceitava o *Socialismo*, quiz expôr-lhe de fórmula que me comprehendesse, mas... não querendo força-lo a uma massada, retirei-me.

E' certo, haver duas fórmulas de socialismo, uma preconizada pelos social-democratas e outra pelos anarquistas.

Assim os primeiros dizem aos trabalhadores que para se emanciparem é necessario mandarem os seus representantes ao parlamento para melhor poderem resolver o problema economico; dizem ainda que se devem organizar nos seus sindicatos, recorrendo aos meios legais para resolverem as questões entre patrões e operarios, dando o resultado de a vitoria ser de os de cima—*os capitalistas*.

Propagam finalmente que uma vez abolida a sociedade capitalista, apoderar-se-iam das redeas do poder, estabelecendo uma sociedade mais equitativa, isto é, a egualdade.

Creio, meu amigo, que as doutrinas preconizadas pelos social-democratas em nada beneficia a classe trabalhadora, pois que estabelecendo-se nova fórmula de governo necessario se torna organizar o *militarismo*, a *policia* e a *magistratura*, etc., para que obrigue pela força os recalcitrantes a acatar as leis depois estabelecidas; dizem que o capital unico factor da desigualdade deve ser abolido, mas dá-se o caso de que na sociedade que preconizam será estabelecida uma nova moeda (*certificado monetario a cada individuo para que se possa fornecer nos armazens do Estado em harmonia com a sua producção*).

Estabelecido o dia de oito horas de trabalho, dá o resultado como diz Malatesta: «*o salario, a duração do dia de labor e todas as outras condições do trabalho dão o resultado da luta entre operarios e o patrão-estado*». Estando finalmente todos os meios de producção concentrados nas mãos do Estado, não há fórmula de escolher, o que se torna um atentado á liberdade.

Assim, os trabalhadores, continuarão a serem as béstas de

carga como são actualmente; e chegando a uma certa idade são obrigados pela lei a abandonar a oficina para se organisarem em rebanhos inconscientes (*militares* 1), para fazer calar a voz dos oprimidos pela força das armas; e aqueles que se ausentarem das suas terras sem licença da autoridade socialista serão punidos e condenados a fazerem trabalhos pesados (2). A lei penal castiga todos os que não tenham atenção ao trabalho e a desconsideração para com os superiores (3).

Na sociedade defendida pelos socialistas reformistas, será como disse Kaustki: «*Os actuais trabalhadores gozam hoje de mais ampla liberdade que a que teria na sociedade que aspiram os social-democratas.*»

Conforme se vai vêr não é uma sociedade baseada no antagonismo de interesses que nós os anarquistas preconisamos.

O que nós os anarquistas queremos é o socialismo propriamente dito; a socialisação da terra, das materias primas e dos instrumentos de trabalho. E' a producção organizada e feita directamente pelo trabalho; é a livre troca dos produtos sem o auxilio do dinheiro ou coisa que o represente, isto é, a cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas aptidões e energias.

Queremos uma sociedade aonde todos satisfaçam as suas necessidades tanto as creanças como aos que são incapazes de prever a sua propria subsistencia, pelo simples facto de nascerem e não porque trabalham; queremos a emancipação integral da mulher com eguais direitos e deveres, não sendo propriedade do homem, mas sim a sua companheira senhora da sua vontade, do seu sentir, das suas acções e do seu corpo; queremos a maternidade determinada pela necessidade da união dos corpos que se querem por afinidades fisicas, morais e intellectuais sem uma tenue esperanza no leve interesse, tendo o direito de se apartar quando muito bem entenderem.

Queremos a destruição das religiões, de todos os preconceitos, das ficções e das sofismas pela educação integral; queremos a abolição da *autoridade*, parta

Manifesto

Ao Povo Livre de Coimbra

ela de onde partir; queremos a criança educada não pela chibata nem pela regua, — mas sim, considerada igual a todos os seres, sendo tratada com amor e carinho.

Queremos a abolição das fronteiras que dividem a Humanidade em patrias; queremos a desaparecimento do odio que existe entre as raças para que seja um facto **A Fraternidade entre os Povos.**

Eis a razão porque somos anarquistas ou socialistas libertarios, porque tendemos á socialização da terra e á abolição completa da *autoridade*.

Lisboa—1913.

E. COSTA FIGUEIREDO.

(1) *Socialismo, e seus resultados praticos*, por Richter, pag. 26.
(2) Do mesmo livro, pag. 28.
(3) Idem, idem, pag. 25.

Comunicações

D'oravante toda a correspondência para a *Fédération Communiste Anarchiste Revolutionnaire*, deve ser dirigida a Lecran, 121, rue de la Roquette, Paris, 11^a—França.

A direcção do jornal anarquista chinês *La Voz de la Papolo* é definitivamente a seguinte: Sifo, 11 Praia da Areia Preta—Macau.

O jornal anarquista *El Productor* de Santiago do Chile (América) pede a todos os jornais libertarios da região portugueza para com ele estabelecerem permuta. A sua direcção é a seguinte: *El Productor*, correo, 3—Casilla, 30.

Reunião

Convidam-se os camaradas Oscar Mandeslay, Joaquim Carreira, José Figueiredo, José de Azevedo e Alfredo da Silva a reunirem amanhã, segunda-feira, pelas 8 horas da noite, na redacção de *A Revolta*, afim de dar andamento ás resoluções da Federação Anarquista.

Libertarios!

Para que a propaganda anarquista adquira mais impulso e tambem para que *A Revolta* assegure a sua vida, é necessario que nos ajudeis, já arranjando-nos novos assinantes, já contribuindo com uma quota para auxilio do jornal.

Trabalhadores: uni-vos se quereis que o triunfo corôe os vossos esforços.

Nesta hora sangrenta e fatidica, doloroso momento historico em que um povo, outróra pujante de virilidade, se encontra esmagado e envilecido pelo despotismo infrene, pela tirania abjeta dum cinico ditador, é mister que aqueles que inda não têm os sentimentos embotados pela cobardia, saiam á rua a verberar, com a sua palavra candente, essa obra degradante que, a continuar, nos ha-de conduzir a esse abismo moral que é o patibulo das nações.

E' preciso que esse rumôr de descontentamento que ruge ahi sinistramente como a lavra dum vulcão préstes a explodir, apareça á luz brilhante do sol escalpelizando as monstruosidades sem nome praticadas contra o povo que trabalha e produz, neste ultimo ano da mais cruel e cinica repressão aos elementos avançados.

Nos muros das cidades, como outróra nas muralhas da velha Roma dos fastigios, fulgem satiricas inscrições, terriveis de mordacidade e sarcasmo á obra sangrenta, á opressão canalha do moderno **João Franco vermelho.**

Mas isso não basta!

E' necessario vir de cara a cara, á praça publica, bradar a nossa revolta, mostrar o nosso mais profundo descontentamento contra a barbaridade hedionda daquele que, tendo nas mãos as redeas do poder, calcando a **Justiça**, escarnecendo dos sentimentos e principios de **Humanidade**, ditatorialmente mantem, ha alguns mezes, nas prisões do paiz, centenas de irmãos nossos cujo unico delito é tentar reivindicar para todos mais amplas liberdades, os veridicos direitos do povo.

Já basta de tirania e ditadura!
Já basta tambem de cobardia!

Saiamos á rua, á praça publica; e que a nossa voz altiva a **voz da Razão, da Justiça e da Verdade**, á luz brilhante do dia se faça ouvir, bradando o nosso protesto de homens livres, gritando clamorosamente a acusação terrivel e fulminante dos Revoltados.

E' tempo pois de sair desta inercia!

Ha tres anos que a Republica foi proclamada. E hoje o que vemos? As cadeias regorgitando de presos **Republicanos, Sindicalistas e Anarquistas**, alguns d'eles os mesmos que de armas na mão

lançaram por terra os plintos em que assentava o vetusto edificio da **ominosa monarquia** que então nos oprimia.

As liberdades consignadas na Constituição da Republica como direitos do povo, reprimidas até ao maximo.

Liberdade de pensar, direito de reunião e livre associação não existem.

As associações operarias encontram-se encerradas, as federações dissolvidas, os jornaes libertarios e alguns republicanos que protestam contra tanta infamia são apreendidos.

E a opressão mais violenta desencadeada contra o povo que em 4 de Outubro expôz o peito de seus filhos ás balas defensoras da monarquia.

Que pedia o povo, que reclamavamos nós n'esse glorioso dia pela boca das espingardas, pelejando contra os arbitrios do poder?

Pão, Liberdade, Justiça!

E hoje o que vemos?

Fome, Prisão, Arbitrio!

Em face de tanto despotismo, venhamos á rua, á praça publica e citemos os factos que ahi estão bem patentes, prova terrivel na sua nudez forte da verdade.

Ahi estão as esposas, as mães, os filhos das vitimas desta tirania infame prostradas pela amargura ingente da sua dôr, pela sinistra inédia que as devora.

Ahi estão, nas sombrias masmorras do paiz, centenas de desgraçadas vitimas do despotismo monstruoso, das retalições cruéis dum homem que pelo povo foi elevado ás culminancias do poder e que hoje o povo tão maltrata.

Ahi está a Constituição da Republica reduzida a trapos, pela violencia caprichosa dos governantes.

Não ha direitos nem liberdades.

Por toda a parte a **Fome, a Prisão, o Arbitrio.**

Contra tal estado de coisas é necessario que fique marcado o nosso mais ativo protesto e para esse fim resolveram os grupos anarquistas de Coimbra realizar hoje, domingo, 28, um grande comicio, afim de conhecer a situação e inocencia dos trabalhadores presos ha mais de 8 meses e encerramento das organizações operarias e demais atropelos cometidos contra a liberdade em Portugal.

Ao comicio

Convida-se o povo em geral a comparecer no comicio que se realiza hoje, domingo 28, pelas 12 horas do dia, na União Geral dos Trabalhadores, rua da Sofia (antigo Teatro dos Bombeiros Voluntarios), no qual tomarão parte os conhecidos propagandistas do movimento operario, Fernando Gomes e Carlos Gomes, de Lisboa; Serafim Cardoso Lucena, do Porto.

Que todos aqueles que não queiram ser solidarios com a obra sempre nefanda dos franquistas vermelhos acorram ao comicio de protesto que hoje se realiza.

Homens Livres e de sã consciencia, vinde ao comicio, e todos nós como se fossemos um só homem, gritaremos:

Abaixo a opressão e a tirania!

Viva a Liberdade!

(Editado pelos grupos Revolta e Juventude Libertaria de Coimbra).

O próximo Congresso Nacional Operário EM TOMAR

Já bastante se tem dito sobre o congresso operário que está projectado para o principio do proximo ano e que se pretende realizar em Tomar.

Camaradas inteligentes que se dedicam desinteressadamente ao movimento operário, tem escrito bastante sobre este assunto e por isso descabidas se tornam estas pequenas considerações que vamos fazer.

Se tivéssemos uma intelligencia bastante fecunda, iriamos naturalmente desenvolver o assunto com proficiencia, demonstrando ás classes trabalhadoras o pessimo ou o optimo que da realisação desse congresso advirá para as mesmas.

Porém, pelo motivo acima citado, as parcas considerações que fazemos limitam-se tam simplesmente aos nossos pobres conhecimentos.

Achamos de grande necessidade a realisação de um congresso nacional operário, nos tempos de repressão que vamos atravessando, em que os governos descem aos mais vís expedientes para reprimir a voz dos famintos, quando estes se tentam erguer contra a exploração infamante dos açambarcadores da riqueza social de quem aqueles são os agentes.

Achamos de grande necessidade e importancia a realisação de um congresso nacional operário, mas francamente, somos pessimistas quanto aos seus efeitos.

Não acreditamos mesmo que ele se chegue a realizar, ou a sê-lo vai redondar num verdadeiro fiasco.

Na circular convocatoria, dirigida pela Federação Operaria de Lisboa a todas as associações de classe, ha um periodo que diz:

«A situação do proletariado do nosso país, requer especial atenção e consciencioso estudo, exigindo que se congreguem todos os esforços e se ponha de parte tudo o que até aqui tem dividido e fracionado a familia trabalhadora, sem o que coisa alguma de util e proveitosa se poderá conseguir.»

Mas como? Pois se o que tem dividido a familia trabalhadora tem sido a politica introduzida nos sindicatos profissionais, dos quais se tem querido fazer centros eleitorais, etc. Como?

Parece-nos não haver outro meio de organizar a grande familia trabalhadora nos seus sindicatos respectivos, sem o condenavel e absurdo desdobraimento de alguns em varias classes, sem que se faça um convenio entre todas as forças operarias. E assim, ou os socialistas se hão-de convencer e preconisar a maxima saída da Associação Internacional dos Trabalhadores — **A emancipação dos Trabalhadores ha-de ser obra dos proprios Trabalhadores**—interpretando-a sem sofisma, ou sindicalistas e anarquistas renunciarão o seu papel revolucionario e convencer-se-hão que a emancipação integral da grande familia trabalhadora reside na boca das urnas, e esperam que os deputados lhe minorem a sua miséria e façam a Revolução Social com os tradicionais muros nas carteiras.

Mas não. Sindicalistas e Anarquistas não abdicam do seu papel revolucionario, o unico capaz de se opôr á tirania patronal e estadual.

Os socialistas não quererão por enquanto *(esperam que lhes fuja dos pés o terreno todo)* deixar de baralhar a questão politica com a questão economica, porque isso lhes

acarretaria prejuizo estomacal, presente ou futuro.

Como então *pôr de parte tudo o que até aqui tem dividido e fracionado a familia trabalhadora, sem o que coisa alguma de util e proveitosa se poderá conseguir?*

Reside neste ponto uma parte do nosso pessimismo quanto aos resultados praticos do congresso a realizar.

Mas continúa a circular: *«...convida essa coletividade a nomear dois delegados a um Congresso que deve ter logar nos dias 30 e 31 de janeiro e 1 e 2 de fevereiro de 1914, na cidade de Tomar.»*

Mas que é isto, senhores?

Porventura será crível que se realize em janeiro próximo um Congresso NACIONAL com uma grande parte das associações encerradas?

Será crível, senhores, que estando dezenas de operários presos por questões sociais e que ao movimento operário tem dedicado o melhor da sua vontade, do seu esforço e da sua dedicação, não se espere que reabram os sindicatos ilegalmente encerrados e sejam aqueles nossos camaradas postos em liberdade, para depois se realizar o Congresso desde que ele está em projeto?

Parecia-nos que era o caminho que devia seguir a Federação Operaria de Lisboa. Mas está resolvido que se realiza **impreterivelmente** sem adiamento.

Não nos diz a circular convocatoria quais serão os assuntos, além da organização, a discutir no futuro Congresso.

Apezar de não serem ainda conhecidos na integridade, sabe-se que um dos que vão merecer discussão é a organização da Confederação Geral do Trabalho.

Com que orientação?

Não se discutirá?

Creemos que uma vez reunido o Congresso ele terá que discutir este assunto que achamos o de capital importancia; discutida a forma de organizar, evidente se torna tratar da forma de reivindicar e porque metodo.

Estes são os pontos capitais da discussão.

Os reformistas não hão-de querer levar á discussão o assunto; porém, sindicalistas e anarquistas não deixarão de o submeter á sanção do Congresso, porque dele (assunto) dependem *ipso facto* todos os trabalhos a realizar.

Caso contrario os politicos continuarão fazendo politica nos sindicatos *(até serem escoraçados)* e os trabalhadores inconscientes continuarão acorrentados a ela *(até á sua completa desilusão)* e naturalmente o tempo e só esse fará unir a grande familia trabalhadora, para nas suas organizações tratar **exclusivamente** da sua situação economica e social.

O acôrdo, hoje, hade ser difficil. A classe trabalhadora vai-se desiludindo que não deve servir de degrau ao primeiro fiel patife que o queira intrujar com a ineficácia do parlamentarismo. Assim, realizado o Congresso tudo fica como dantes.

Terá só para o movimento operário revolucionario alguma coisa de util: *o engrossamento das suas fileiras com os desiludidos.*

Faça-se um Congresso Nacional, exclusivamente de assalariados, depois de estar tudo na *normalidade democratica.*

Faça-se um Congresso Nacional com a exclusão absoluta de industriais, que por certo aparecerão neste, mas que não deverão nele tomar assento senão como simples espectadores e então, livres os delegados de quaisquer paixões politicas, começarão estudando de comum acôrdo a

forma mais viavel de organizar, a mais racional de reagir, e teremos nós proprios ocasião de presenciar nessa grande parada de forças, para que lado se inclina o fiel da balança.

Coimbra, 1913.

OSCAR MAUDSLAY.

OS IDOLOS

Em todos os tempos, em todas as epocas, em todos os paizes, desde as eras mais remotas até nossos dias, os povos tem adorado os idolos.

No momento em que o homem começou a desprender-se da animalidade primitiva, no momento em que a especie humana saiu do seu sono letargico e substituiu lentamente a especie animal que o tinha precedido, neste momento apareceram os primeiros deuses, os primeiros idolos.

Tudo o que tinha um aspecto misterioso: o vento, a chuva, a trovoadá era obra dum Deus. E havia bons e mans deuses; um deus para cada coisa: o sol, a guerra, os infernos, o mar, etc., etc., tinham um deus particular. Estes deuses eram o triste produto da ignorancia profunda de que era vitima a humanidade.

Mais tarde, á medida que a evolução lentamente subtraia o espirito humano das trevas que o rodeavam; á medida que a observação fazia desaparecer certos absurdos, trazendo novos conhecimentos, descobrindo verdades novas, o espirito religioso, creador de idolos, modificou-se.

Ele acabou com os deuses mitologicos, é verdade, mas substituiu-os pelo Deus dos cristãos.

O povo tinha ainda necessidade dos idolos.

Quando, por seu turno, o Deus da Biblia oscila perante os embates que lhe são arremessados pelos sabios, pelos filosofos do ultimo século; quando o raciocínio claro e a luz projetada pelas descobertas scientificas fizeram tremer o Deus todopoderoso; então o povo pôz de lado o sobrenatural e atirou por terra os seus deuses. Os idolos começam depois a formar-se pelas façanhas dos generais: tudo se curva perante o sabre dum Napoleão.

Os deuses passaram a estar nos cofres fortes da finança.

E temos como novos idolos do povo: **o Deus Capital e o idolo Patria.**

Mas estes ainda, pela sua vez, são atacados; os escritos de certos pensadores, as criticas de alguns sociologos abalam o todo-poder do **Capital** e da **Patria.**

O povo mudará talvez ainda estes deuses; mas como sente necessidade dos idolos ele vai já fazendo novos: os deputados bons faladores e parlamentares, os campeões de box, os aviadores *védridards*, um Poincaré romanesco, são os idolos do dia que o povo aclama.

O Povo, na sua demencia, no seu maquiavelico desejo de adorar algum redentor, algum salvador, um novo Messias, chega a ir buscar os seus idolos nos agrupamentos de trabalhadores, nos sindicatos, nos meios revolucionarios.

Os acontecimentos recentes deixam-no supôr; e, com um pouco de observação, poder-se-ia ver que o espirito religioso, inda não desaparecido, formou seus deuses mesmo na classe operaria. Não tendes visto certos militantes ser apoiados por actos que não praticaram?

Inda não visteis, num comicio,

os assistentes aplaudir um orador logo que aparece sobre a tribuna?

E' o povo que aplaude os seus idolos, sem saber se as suas palavras serão sensatas ou se seus argumentos serão fracos; e isto é o motivo porque certos homens, sinceros no principio, se corrompem, pois que essas manifestações que o povo lhe presta os fazem julgar-se duma essencia superior, Pontificis! Os que presentemente apoiam Briand não são certamente mais culpados que os fanaticos que os elevaram.

Oh, Povo! eterna victima, eterno crente, cura-te dessa tua doença de fabricar idolos.

Cura-te dos deuses e dos individuos.

Não aceites uma ideia sem a teres examinado, sem a teres discutido, criticado.

Não te inclines senão perante a logica e a razão. Se ha homens dum valor indiscutivel, procura compreender-los, chegar á sua altura, egualar o seu saber: mas, sobretudo, não faças mais Deuses!

Repete, a ti mesmo, a bela formula da Internacional: **a emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos proprios trabalhadores.**

Povo! Pela tua emancipação, se queres viver sem leis e sem amos, quebra os idolos!

Se queres vêr a sociedade comunista sair das ruinas da sociedade burgueza, quebra os idolos.

Despedaça todos os idolos! Quando os deuses desaparecerem o homem livre poderá viver!

L. Ducourtious.

(De «Le Libertaire».)

Solidariedade Internacional

Os jornais operarios da Espanha, França e America tem ultimamente inserido nas suas colunas o manifesto que sob o titulo **A Tirania em Portugal** ultimamente foi dirigido aos periodicos libertarios de todo o mundo, pelo grupo **Revolta.**

Rugidos e Lamentos

Versos da canalha

Pediram-me para traçar em algumas linhas a impressão que sentimos, o dominio avassalador que exerce nas nossas almas, inundadas das luminosidades do Bem e sequiosas de vida plena, quando assimilamos cuidadosamente esse conjunto de sonetos publicados por Salvaterra Junior. Sou um amigo do autor. Mas a nossa amizade permite que imparcialmente analisemos o seu primeiro trabalho literario.

Os seus versos são simples e singelos em pompas de linguagem.

Mas as suas frases, enfureci-

A REVOLUÇÃO MEXICANA

das de revolta, rubras de indignação, ardentes no desejo de conquistar horisontes puros de felicidade e coloridas pelas tintas frescas do arrebol, teem um poder expressivo que encoraja as convicções dubias, e enternece os espiritos ávidos dos futuros bons e generosos.

Admiro-lhe o seu temperamento brusco de poeta, que canta em estrofes coléricas, o velho sofrimento duma humanidade calcada e oprimida.

Encanta-me a sua feição acen-tuadamente esperançosa e idealista, pela crença sincera e resoluta que alimenta, numa concepção social nova, resurgidora e fecunda.

São a expressão nitida duma consciencia, completamente despida da fantasia doente do espiritualismo, que sentimentalisa mas tambem enerva os corações. São os desabafos expansivos de um espirito, que descreve com a transparencia propria do natural, o marulhar rugidor das ondas encapeladas de rebeldia, ainda levemente adormecidas no seio das multidões, que tranquilamente suportam o peso brutal das atrocidades, esperando que o rapido surgir duma faisca as desabroche e arraste ao terreno vivido da luta, á batalha finalisante de todas as tiranias.

Apesar da sua pequena obra formar um conjunto distinto de sonetos, nós encontramos a eleva-la uma certa unidade de ideias e uma certa conformidade de acção combativa.

Uns, criticam esta decrepita e viciosa sociedade nas suas variadas instituições opressoras, combatem a falsa e prostituida moral estabelecida, as convenções ridiculas e os preconceitos estupidos que inimizam os homens, pintam a terra, com um calvario doloroso e torturante de sofrimento, para a familia operaria, longe da ventura afastada dum viver feliz.

Outros, lançam sobre este vasto lençol de desgraça e miséria uma luz doce, suave, de acalentadora esperança, que dimana dum ideal imenso de paz e de conforto, luz subtil e penetrante que perfuma o Porvir libertador que ambicionamos.

A Salvaterra Junior agradeço em nome da redacção o exemplar que nos enviou.

J. Carreira.

Não ha tirania peor do que aquela que o ignorante tem dentro de si mesmo: envolto nas trevas da ignorancia, não sabe comprar aos seus desejos, satisfazer as suas necessidades, reger á sua vontade; e, guiado pela simples rotina, que ousa afirmar ser inferior ao instinto dos animais, caminha ás cegas, sem evitar os perigos e estendendo a mão a seus exploradores e tiranos para pedir protecção.

ANSELMO LORENZO.

Nas pitorescas campinas mexicanas por tantos seculos regadas com o generoso sangue e ardente suor do camponez altruista, o pavilhão rubro flameja aos quatro ventos.

A revolta dos que por tanto tempo não sido ignobilmente explorados é hoje, nalguns estados daquele imperio, um facto.

Uma rajada bemdita de luz purificante, electrica, sonora, perpassa sobre o imperio da escravidão.

O camponez tomando conhecimento da burla secular de que foi vitima, vai á luta a trabalhar pelo conseguimento do que é seu, mas que desde longas eras deteem os exploradores, oferecendo a sua valiosa vida em holocausto á liberdade de todos.

Ali onde se queimam os arquivos, se fazem em cinzas os codigos, se arrombam os carceres, se destroem as egrejas e se eliminam as autoridades a burguezia pode ver lavrada a sua sentença de morte.

Noticias da revolução

Um telegrama dirigido ao *The Angeles Record* anuncia que a revolução dos indios de Oaxaca se estende rapidamente por varios cantões do Estado.

— Um grupo de 200 revolucionarios dirigido por Hilario Salas, capturou perto de Tlacotalpan os individuos conhecidos como possuidores de importantes fortunas, exigindo fortes sômas pelo seu resgate.

— Cincoenta dos chamados zapatistas entraram em S. Jeronimo do Estado de Mexico e saquearam a referida povoação.

— Caetano Rios, um dos revolucionarios que operava perto de Matehua foi fusilado pelos mercenarios de Huerta. Foi capturado no interior da cidade onde havia entrado disfarçado a informar-se das posições da força.

— Um numeroso grupo de rebeldes aproveitando a falta de guarnição na praça de Rayon, entrou ali, capturando C. Castro, comandante da policia e todos os seus subalternos. O comandante foi fusilado imediatamente e os policias detidos. Depois de executado o esbirro, o grupo saqueou os principais estabelecimentos, levando 32 espingardas, 4000 cartuchos e grande quantidade de dinheiro. A Camara municipal, a administração e o arquivo da conservatoria foram incendiados; os presos foram postos em liberdade, engrossando as fileiras dos libertadores.

Os mesmos revolucionarios entraram em Alequines e saquearam completamente esta povoação, depois de haverem derrotado a guarnição. Aqui incendiaram os estabelecimentos mais importantes sendo executadas as autoridades. Este grupo conta 500 rebeldes todos perfeitamente armados.

— As forças americanas estacionadas em Yuma confiscaram 200 espingardas destinadas aos rebeldes da Baixa California.

— O jornal burguez *The Times* numa noticia sobre os acontecimentos do Mexico diz: «Nos estados de Sinaloa, Durango e Sonora não ha lei. As condições ao largo da costa do oeste até quatrocentas milhas para o interior do Mexico estão peorando diariamente». Termina a noticia dizendo que no norte «se os campos pertencem a um rico fazendeiro, são saqueados e queimada a casa juntamente com o que apanham».

O companheiro Jesus Gonzales foi condenado na pena de **noventa e nove anos de prisão** pelo delito de ser um revolucionario mexicano que lutava para abolir o presente sistema capitalista.

Rangel e seus companheiros responderão brevemente pelo mesmo delito.

Damos a seguir mais amplas informações sobre a prisão destes companheiros: *Constituíam eles uma expedição libertaria que no dia 11 de Setembro seguia por Texas com rumo ao Rio Grande. Iam armados para lutar ao lado do povo mexicano pelos seus direitos sob o lema da bandeira róxa Pão, Terra e Liberdade. Foram surpreendidos e um deles, Silvestre Lomas, caçado como um veado. Conseguem desarmar os seus assaltantes e obtem uma promessa escrita pela qual seriam deixados em paz e que foi assinada pelo chefe dos assaltantes J. J. Campbell. Dirigiram-se á fronteira. Ao terceiro dia, 13 de setembro, de novo foram atacados por uma grande força de Texas, perto de Carrizo Springs, travando-se combate ficando dois companheiros mortos afóra alguns dos esbirros. Não podendo vencer tão elevado numero de forças foram presos. E' por delito que estão presos.*

Os fundos para a defeza destes valerosos camaradas podem ser dirigidos a A. Hernandez, P. O. Station, A, Box 52, San Antonio, Texas.

Movimento Anarquista

Novos Grupos

Com o titulo *Comunista Libertario*, acaba de se constituir, em Odemira, um grupo destinado a desenvolver a propaganda anarquista por todos os meios ao seu alcance.

Direção: *Josué Romão*, Odemira. **Os comunistas** — E' o titulo dum novo grupo anarquista que se constituiu na cidade do Porto, com o fim de continuar a obra de Educação Libertaria.

Direção: *Jornal A Aurora*, R. Captivo, 16—1.º.

Os Sem Patria — Subordinado a este titulo constituiu-se nesta cidade mais um grupo que se propõe a difundir os sublimes ideias anarquistas.

Tambem os camaradas de Moita do Ribatejo ali constituiram um grupo libertario denominado *Horas de Luta* que se destina a fazer a propaganda do nosso ideal quer pela força, quer pela palavra.

Avante camaradas pela Anarquia!

Emancipação Humana

SACAVEM

Na ultima reunião deste grupo ficou resolvido publicar n' *A Aurora* um balancete da quantia de 78010 reis enviada pelo grupo com destino aos presos por questões sociais. Resolveu mais, não entregar qualquer quantia á *Comissão prapresos por questões*, por não concordar com a forma como é feita a divisão dos donativos, pois que ao passo que alguns presos por movimentos de caracter politico e os sindicalistas recebem donativos, ha camaradas anarquistas que os não recebem, apesar do seu reconhecido amor pela ideia.

Federação Anarquista do Sul

Em 19 do corrente, reuniu no local do costume, esta federação, estando representantes dos grupos *26 de Novembro, Sol Universal, Filhos da Revolta, Rebeldes, União das Mulheres Anarquistas, Cerebro e Braço de Portalegre, e Juventude Libertaria* de Coimbra. Entre outros assumptos de caracter interno resolveu-se nova organização dos trabalhos de redacção e administração do seu órgão **A Revolta** publicado em Coimbra, ficando assim divididos os trabalhos de redacção em Coimbra: — José Figueiredo, Joaquim Carreira, José d'Almeida e José d'Azevedo. Em Lisboa: Bernardino dos Santos, Augusto Quintas e Henrique Figueiredo. Trabalhos de administração em Coimbra: Alfredo da Silva e Oscar Mandeslay. Em Lisboa: Joaquim Carreira e Carlos José de Sousa. Recebeu-se a adesão dos grupos *Sol Universal e Juventude Libertaria* de Coimbra. Foi lido um protesto do *Grupo Sol Universal* contra as perseguições movidas pelos estados norte-americanos sobre todos que professam ideias emancipadoras.

O comité federal mais uma vez convida todos os grupos que eram federados e queiram continuar a mandar as moradas dos seus secretarios para a troca de correspondencia. A todos os outros grupos que concordem com a junção de nossas forças a procederem pela mesma forma enviando a sua adesão ao

Secretario

Bernardino dos Santos

R. S. Jeronimo, 58 rjc — LISBOA

Grupo Filhos da Revolta

LISBOA

Reuniu esta agrupação libertaria em 21—12—913, resolvendo entre outros assumptos de caracter interno protestar contra a forma arbitraria como foi dissolvido o comicio de 14 do corrente e prisão d'alguns camaradas da construção civil por reclamarem pão ou trabalho.

Grupo Rebeldes

Na sua ultima reunião resolveren entre outros assumptos de caracter reservado, protestar contra a proibição do comicio de 14 do corrente em favor dos presos por questões sociais e contra a forma canibalesca como a guarda pretoriana interviu. Protestou tambem contra a prisão d'alguns operarios sem trabalho, no momento em que se dirigiam ao parlamento.

A correspondencia para este grupo deve ser dirigida ao camarada Alfredo dos Santos, Travessa das Almas, P. M., Cave, Lisboa.

Grupo libertario Sol Universal

Reuniu este grupo na passada terça-feira, e mais uma vez aprovou a dissolução do antigo grupo *Sociedade Futura*, passando a denominar-se *Sol Universal*. Lamentou a divergencia de alguns agrupados que nada está em harmonia com os principios libertarios.

Nomeou delegado á Federação Anarquista do Sul o camarada A. Vasconcelos.

Amanhã segunda-feira ha nova reunião para filiação de novos agrupados. Toda a correspondencia relativa a este grupo deve ser enviada a A. Vasconcelos, Rua do Alvito, 83, loja — Alcantara, Lisboa.

Grupo Revolta

Resolveu realizar hoje, domingo, juntamente com o *Grupo Juventude Libertaria*, um comicio de protesto e publicar um manifesto contra as prepotencias governamentais.

